



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Gente Singular*

*Novelas Eróticas*

*Maria Adelaide*

*Ana Rosa*



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Gente Singular*

*Novelas Eróticas*

*Maria Adelaide*

*Ana Rosa*





Obras completas de M. Teixeira-Gomes

*Gente Singular*

*Novelas Eróticas*

*Maria Adelaide*

*Ana Rosa*

Volume II

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Prefácio

Helena Carvalhão Buescu

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.impresanacional.pt](http://www.impresanacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Reservados todos os direitos,  
de acordo com a legislação em vigor.  
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice  
© 2021, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Revisão  
José Vieira  
Paginação  
Leonel Duarte  
Fontes tipográficas  
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre  
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: novembro de 2021  
ISBN: 978-972-27-2952-9  
Depósito legal: 487 388/21  
Edição n.º 1024901



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,  
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

## PREFÁCIO

Estas quatro obras correspondem ao conjunto mais significativo da segunda parte da obra literária de Manuel Teixeira-Gomes, uma vez publicados anteriores volumes em que se afirmavam as principais características da sua estética: o sensualismo descritivo, a atenção ao pormenor singular, a captação de episódios muitas vezes elaborados como fragmentos autónomos. Todas estas características se consolidam, nas obras agora publicadas, de forma distinta — embora em todas elas possamos compreender o seu alcance e a forma como contribuem para a invenção e o singular estilo de Teixeira-Gomes. Veremos, em cada um dos quatro títulos, de que modo podemos encontrar estes elementos e como eles se combinam para definir uma voz invulgar no nosso panorama literário do início do século xx.

*Gente Singular* foi publicado em 1909, no final da monarquia portuguesa. Teixeira-Gomes, que viria a ser Presidente da República (o sétimo), entre 1923 e 1925, deixa-se aqui transportar pela sua atenção ao pormenor e à particularidade nos factos aparentemente mais comuns e quotidianos da vida. Assim, a «gente singular» de que fala, e que poderíamos num primeiro momento imaginar como indivíduos extraordinários, apresenta-se, pelo contrário, como conjunto de sujeitos enquadrados em contexto menor, as pequenas ou grandes cidades e vilas, os usos e costumes habituais (e não-habituais!) da sua gente, os campos atravessados pelo narrador e pelas personagens, os lugares de alguns dos seus desvios e especiosidades. São estes os indivíduos sobre quem recai a ideia de «gente singular».

E porquê? O que Teixeira-Gomes propõe é que é nestes pequenos parceiros da vida menor que, com atenção, se podem encontrar características e episódios, que protagonizam, de alguma forma peculiares. Transportando para uma escala maior: não haveria vida alguma em que um olhar atento não viesse a descobrir a agudeza da diversidade e da diferenciação. É pois o seu olhar que nos guia, e a sua fina sensibilidade que nos chama a atenção para as disparidades e estranhezas que passam muitas vezes sem nota. Tais disparidades recebem, em *Gente Singular*, muitas vezes um tom irónico, satírico, ou mesmo cáustico, que não apaga, entretanto, uma empatia infeliz, como no caso da Princesa Venérea, protagonista do primeiro conto. Já na história protagonizada por Leonor, a equívoca mulher que com aparente inocência está na origem do desastre financeiro do protagonista, ou na dos quatro manos que governam o grotesco episódio do conto «Gente Singular», o que sobreleva é a facilidade com que, mesmo a propósito do mais inopinado objeto (uma retrete...) é o episódio inesperado e faceto que se torna relevante: o olhar do narrador sempre perspicaz e sarcástico, que traz à tona as «singularidades» (e recordemos Eça de Queirós, no conto do mesmo nome) de gente aparentemente sem história... («O triste fim do major Tatibiate» ou «Profecia certa».)

*Novelas Eróticas* (1935), *Maria Adelaide* (1938) e *Ana Rosa* (1941) representam os últimos anos de produção literária de Teixeira-Gomes, desde 1925 já no autoexílio em que viria a morrer, em outubro de 1941, em Bougie (Argélia). O sentimento do esteta que foi Teixeira-Gomes é aqui levado ao extremo, num sensualismo ímpar na literatura portuguesa (mormente quando, na primeira metade do século xx, os tempos iam de feição ora a um intelectualismo modernista, ora a uma visão psicologizante, que o autor de que nos ocupamos também não pratica).

É curioso que a propósito de Teixeira-Gomes por vezes se veja usar o termo «nefelibata», que caracteriza um certo sentido de alheamento da realidade. Curioso porque, na verdade, o que nele se impõe é, pelo contrário, uma atenção particular e sensorial à materialidade pormenorizada das coisas, de tudo quanto existe e toca, por vezes de forma tão vívida, o narrador. É isto que subjaz às novelas que intitulou eróticas, porque o são de facto — e não poderiam sê-lo sem essa prevalência do corpo material que, justamente, está na base da pulsão erótica. Esta pulsão convive, por outro lado, de mãos dadas com a melancolia que a sua memória convoca: o narrador de Bougie recorda os episódios cosmopolitas e eróticos que, na

sua juventude, viveu em Amesterdão; em Sevilha e Córdoba; em Barcelona, no Mar Tirreno e em Itália; em Barcelona e Turim; entre Esmirna e Constantinopla; e, enfim, no «seu» Algarve, que nunca anda muito longe de si. É, assim, um erotismo cuja densidade temporal (antes e agora) permite olhar para o passado como prazer dos sentidos, revivendo-o através da melancolia do presente. Esta situação torna o narrador num espectador contemplativo do seu próprio prazer no erotismo do mundo, representando-o de forma complexa e autorreflexiva. Por outro lado, novelas como «A Cigana» ou «O Sítio da mulher morta» combinam sensualidade, pitoresco e uma curiosa forma de narrativa simultaneamente realista e mágica, se não mesmo fantástica, assim dando conta de uma espessura contrastante a este conjunto de novelas, e mostrando a subtil arte literária do autor.

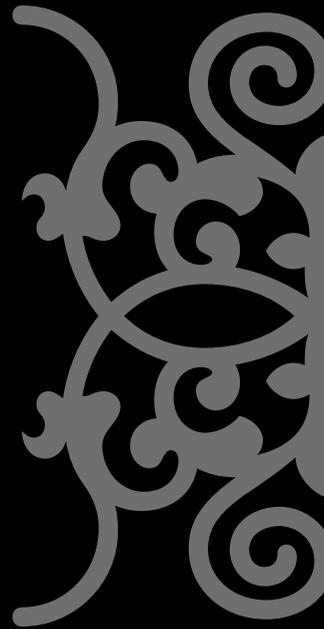
Esta mesma mescla de características tão diferentes e mesmo aparentemente incompatíveis dá o tom, de modo ainda mais intenso, ao romance *Maria Adelaide*. Nele, o narrador, Ramiro d'Arge, apresenta um conjunto de atributos que já vimos serem próprios da escrita sempre liminarmente autobiográfica de Teixeira-Gomes. O deslumbramento com a paisagem algarvia é aqui total, emergindo em curtos fragmentos que pontuam os também muito curtos capítulos que constituem a obra. Esta estruturação dá ao romance um ritmo sacudido, ao surgir como breves episódios de uma linha quebrada que constitui a história que se desenrola: o nascimento, desenvolvimento e cruel morte, aos pedaços (em sentido metafórico e literal), da relação amorosa entre o narrador e Maria Adelaide. Dos primeiros episódios, todos eles centrados no êxtase erótico e amoroso que leva o narrador até Maria Adelaide, aos interregnos que constituem as crises nervosas e as acusações mútuas em que se vão embrenhando, até à dolorosa morte da protagonista e subsequente fascinação erótica do narrador por uma nova e precoce amante, este romance traça uma pequena e invulgar suma dos principais traços da invenção literária de Teixeira-Gomes, bem como do seu estilo apurado. Se ainda houvesse dúvidas, elas seriam aqui apagadas: Teixeira-Gomes considera a prosa de ficção (mas também a autobiográfica) como uma forma quase isenta de moralismos e dos constrangimentos retóricos do romance burguês, na descrição de uma história de amor em que a relação física é simultaneamente o fator desencadeador da história amorosa, mas também o elemento por que cruelmente ela se vai desfazendo. Não há aqui contemplanções relativamente ao emaranhado psicologicamente indecifrável e duro que constitui o ser humano: não é

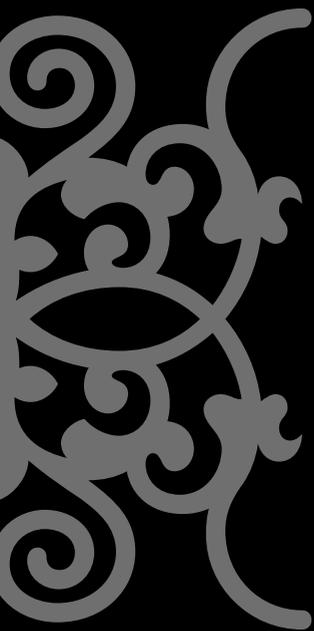
apenas o narrador que é singular, mas, e como atrás vimos, todos os humanos o são, de uma forma ou de outra.

Esta linha de continuidade prossegue, aliás, na última obra publicada no próprio ano da morte de Teixeira-Gomes, *Ana Rosa*, permitindo assim avaliar a consistência e coesão do seu projeto literário. Na verdade, e muito embora o manuscrito publicado que nos chegou corresponda apenas ao esboço do romance que o autor chegara a anunciar, é admirável a forma como estas poucas páginas representam uma rima e simultaneamente um remate relativamente à inconfundível produção literária de Teixeira-Gomes. Tudo aqui, como na restante obra, aponta para o fazer de um *artiste*, palavra que no léxico da época sublinhava o apurado sentido estético e estilístico que um autor imprimia ao que escrevia, pintava ou esculpia. Teixeira-Gomes é aqui esse *artiste*, comprazendo-se no requinte com que usa a palavra e nos faz imergir, a nós, leitores, diretamente na trama ficcional. Na realidade, os primeiros parágrafos daquele que seria o primeiro capítulo de um novo romance, inacabado como vimos, mergulham-nos numa cena em tudo idêntica à de *Maria Adelaide*: as intensas impressões de um encontro amoroso que acaba de ter lugar, no quarto do narrador. Poderia ser uma cena saída de *Maria Adelaide*. Não o sendo, ela atesta a continuidade de traços inventivos e estilísticos do seu autor, que assim demonstra a persistência de uma imaginação e de uma efabulação em que o sensualismo impera. Ana Rosa é, no entanto, e no esboço a que temos acesso, diferente de Maria Adelaide — e as reflexões que o narrador faz acerca da violência com que consumara (quase como «um estupro») o ato sexual, em contraste com a ternura e a confusão de Ana Rosa, de novo nos remetem para a consciência inteira dos inexplicáveis conflitos que ao humano estão reservados. A impiedosa e autoconsciente descrição que o narrador faz de si mesmo, dos seus ímpetos e desejos, sublinha a forma como Teixeira-Gomes, nas suas últimas obras, alia à sensualidade, sua característica, o impulso reflexivo que, aliás, em muito ultrapassa a dimensão da psicologia (e, em particular, de qualquer hipotética «explicação» psicológica). E o facto de a descrição que temos de Ana Rosa dar conta, na sua brevidade e impossível desenvolvimento, de uma configuração feminina que permitiria abrir para diferentes caminhos romanescos não faz mais do que deixar-nos, leitores, como ao narrador, expectantes face ao que não nos será nunca possível conhecer: o resto da história.

O conjunto destas quatro obras confirma o teor da imaginação literária de Teixeira-Gomes, afirmando-o como o elegante escritor dos sentidos e do prazer, ao mesmo tempo que do deslumbramento das coisas, seres e paisagens e, muito em particular, do «seu» Algarve. Uma sensibilidade vibrante, a sua, aliada a um realismo que nos dá a textura do mundo.

*Helena Carvalhão Buescu*  
Centro de Estudos Comparatistas  
Universidade de Lisboa







# GENTE SINGULAR



*A Carlos Malheiro Dias*



## D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES DE ALJEZUR

(Historieta quase romântica)

O refúgio, o bucólico sanatório indispensável às minhas crises de melancolia, era então a horta dos Pegos Verdes, oásis de laranjeiras sepultado num vale da serra, entre estevais sem fim. Ali haviam demorado por vários séculos alguns monges autênticos, de cuja pobreza os restos do convento — acanhadíssima construção térrea de pedra e barro — perpetuavam o atestado suficiente.

Eu ia para lá a pé, de espingarda a tiracolo, calculando a hora da partida de modo que chegasse ao nascer do sol, quando o hortelão, o Sr. Elisiário, já andava nas leiras, com a enxada, a abrir caminho à água.

A levada de alvenaria passava ao portão; sentava-me, descansando um instante a escutar o murmúrio da água, e logo, numa dessas frequentes e profundas acalmias da madrugada na serra, que um trilo de rouxinol perturba e magoa, eu cortava subitamente o silêncio com o meu grito:

— Elisiário!...

Da obscuridade rescendente onde o pomar tufava acudia sem demora a voz do velho, tenebrosa, ao rés do chão:

— Ora muito bons dias a vossenhoria... — E em seguida, mais aguda e livre: — Ó Custódia, ó Custódia... cá temos o patrão...

Era o sossego de duas vidas consagradas ao amanhã da leiva generosa que perfazia a paz solene daquele ambiente de solidão, e eu entrava nela tão naturalmente que nunca a trilhava...

A minha presença em nada alterava a norma de existência ao casal de velhos que para ali viera pouco depois da boda, quarenta anos atrás. Não tinham filhos nem os haviam desejado e, encantados no egoísmo daquela quietação cobiçada e realizada imperturbavelmente, as minhas poucas palavras eram-lhes indício de uma velhice precoce por onde nos emparelhávamos, e assim conseguia eu vencer a sua hostilidade latente, mas sempre alerta, por tudo quanto revelasse tumultos e petulâncias da mocidade.

A minha cama e o meu quarto arranjavam-se todos os dias, quer eu lá estivesse ou não, e esses cuidados conservavam-lhes na memória a minha lembrança; quando eu chegava recebiam-me singelamente, como a alguém que se espera depois de curta ausência, embora sucedesse passarem-se às vezes anos inteiros sem que me vissem aparecer. Do que eles comiam comia eu também, de sorte que nem mesmo o lado material da sua vida sofria modificação.

O velho era malicioso, com grande queda para a zombaria cujo exercício a surdez da mulher baldava naquele escampado e sobre mim gostosamente incidia, mais ou menos velada, enquanto por lá me tinha. A velha, verdadeira pobre de Cristo, calada e obediente, ia-se dobrando para o chão como um compasso que se fecha pouco a pouco, emperra e já não abre; parecia feita de barro amarelecido e gretado, com duas inextinguíveis pinceladas de carmim nas faces.

O pretexto à minha demora dava-o a caça, e de espingarda ao ombro subia eu todas as manhãs muito cedo à cumeada das serras por onde me deixava ficar horas esquecidas, mas a caçar de preferência ou exclusivamente, perspectivas e horizontes... A espingarda, no entanto, escudava-me a reputação já abalada e que fatalmente se faria de doido varrido ao vincar a suspeita de que não era pela caça que eu levava os dias inteiros a bater mato.

Umaz vezes por outras disparava a espingarda para o ar ou atirava ao alvo; os tiros ecoavam pelas quebradas dos montes e ouviam-se no convento, provocando, ao regresso, grande cópia de perguntas irónicas e sorrisos de mal disfarçada mofa no meu caseiro, que me via voltar de mãos vazias, e cujo auxílio e companhia nas minhas inocentes explorações campestres eu terminantemente recusava. As alusões, pouco respeitosas, do socarrão à minha má estrela venatória — ele não me punha em dúvida a perícia — eram invariáveis, sem nunca falharem e divertindo-me sempre.

Depois, como se isso lhe fosse indispensável e seguro introito à exposição das suas habilidades e façanhas — para fixar o contraste entre a minha impotência e o seu valor —, com bastante pitoresco, embora muito sóbrio de gestos, descrevia as manhas dos coelhos assustadiços e os variados voos com que perdizes e rolas se levantavam fugindo ao caçador inexperiente. «Tricas de escapar» — chamavam-lhes, mas ajuntando logo: — Comigo não brincam os passarinhos e se vossenhoria aqui viesse no tempo da caça proibida, que é quando vale a pena dar um tiro, ou nos meses em que eu posso largar a rega, veria então... Que eu bem sei que vossenhoria no parado acerta como ninguém...

— Pois, tio Elisiário, amanhã trago-lhe a bolsa cheia...

— Vossenhoria anda com pouca sorte. Aos tiros que lhe tenho ouvido já não devia haver bicho com vida numa légua em redor...

E o caso era que os bichos tão-pouco pareciam acatar-me a destreza. Os coelhos miravam-me, com aprazível e tranquila curiosidade, da entrada das suas luras, e uma vez que eu esquecera a espingarda sobre umas pedras fui encontrá-la feita poleiro, donde uma perdiz vigiava a ninhada.

Mas atirar a uma ave, símbolo da graça inofensiva e da elegância mimosa!... Vê-las voar, tão leves, e vê-las poisar, num declive tão doce, como que no ponto certo onde a curva do seu voo encontra a imaginária tangente...

Na liberdade daquela solidão tudo era gozo para os meus sentidos, sempre despertos e ávidos: o ar impregnado pelas exaltações resinosas das estevas; o pesado, quase palpável perfume das moitas de rosmaninho; os gorjeios que a passarinhada solta como isolados fios de pérolas cristalinas; o ruído, o remurmúrio de colmeia de que a vida dos insetos repassa o mato espesso; as borboletas ardendo na luz intensa, como pequeninas chamas verdes que se perseguem, e caindo nas sombras com a opacidade das flores de enxofre... E os vastos horizontes, familiares, mas duma tão perpétua novidade, abrangendo no mar faiscante o recorte sinuoso da costa, lá da Ponta do Altar às rochas do Cabo, com os estuários do Arade e das rias de Alvor, e, a norte, a perspectiva circular das serras que fecham o Algarve, imponentes, e até importunas, quase, nas altíssimas ondulações da Foia e da Picota, mas morrendo em linhas azuladas, como que esvaídas, direito ao mar e acamando, a levante, em aveludadas ondas de musselina...

Singular e pacificador panorama por onde, com a alma, a vista se me alongava infinitamente apaziguada!

Não, não era para verter sangue que eu ia aos Pegos Verdes, pois logo me penetrava a clemência duma grande harmonia idílica, mas tão-pouco estranhava a ferocidade instintiva e cultivada do tio Elisiário, que bem lhe correspondia à expressão macabra do rosto: em pequeno tivera a desgraça de esborrachar o nariz, ficando-lhe essa feição estampada ao meio da cara como um ás de paus...

As minhas belas sextas dormidas no terreiro da igreja, debaixo duma copadíssima alfarrobeira, que ali imperava escoltada por oliveiras! A agitação de umas tantas vides, soltas e reverdecidas em pleno sol, hipnotizava-me; o sussurro da aragem nas ramadas da imensa árvore, embalava-me; outras vezes o vento dava com força nas altas oliveiras com o ruído sinuoso e ecoado duma grande vaga a rebentar na areia da praia e os meus sonos ali eram prolongados, reparadores e deliciosíssimos.

Os dias corriam-me tão serenos, tão iguais, naquele ermo dos Pegos Verdes, que pouco a pouco o espírito se me tranquilizava e como um líquido repousado que deposita, por fim, no fundo do vaso, todas as impurezas que o embaciavam, passadas algumas semanas fazia-se-me no cérebro a limpidez necessária. Calmo e indulgente, pois é o veneno da própria atrábilis que nos intoxica a visão do próximo, voltava à convivência dos povoados...

Em uma dessas temporadas de purificação, já quando pensava em a dar por finda para voltar às obrigações da vida social, uma tarde que o calor me levava ao preferido retiro da alfarrobeira, veio-me o tio Elisiário dizer que chegara ao convento uma senhora em minha busca.

— É uma verdadeira madama!...

Não seria fácil pintar a expressão de assombro e malícia quase obscena com que o velhaco sublinhava a designação de *madama*.

— E como se chama essa madama? — inquiri sonolento, e mais aborrecido do que surpreendido.

— Não sei, nem ela quis dizer o nome, porque o patrão também a não conhece... Metia-a na casa onde vossenhoria come. Vem esbofada com o calor e em trajes de viúva...

— Você nunca a viu, Elisiário?

— Eu nunca, mas a minha mulher diz que aquela cara não lhe é de todo estranha e que já uma vez na feira de Lagos a encontrou passeando sozinha na Rua dos Ourives...

Fui. À sombra das parreiras, cuja latada separa o convento da horta, descansava um mocetão espadado e hercúleo, vestido de soriano escuro,

encostado à albarda de uma estafadíssima égua que arreganhava os dentes direito à rama viçosa do batatal.

— É o pajem... — segredou-me o Elisiário, piscando o olho.

Entreí no convento. Na casa de jantar pouca luz havia e essa mesma quase não alcançava o recanto ao qual a misteriosa visita se acolhera e que eu, ainda encandeado, a princípio mal divisei na cadeira onde o seu vulto negro foi pouco a pouco tomando forma.

Dei as boas-tardes, abri a janela e de relance, enquanto buscava assento, examinei a desconhecida que, muito naturalmente, sem se levantar, me estendeu a mão descarnada e fina.

Devia ser mulher de 40 anos. Alta, delgada, envolta nas pregas dum grande xale de caxemira preta, que a saia de merino prolongava no mesmo tom tenebroso até ao chão, sustinha o corpo num conjunto elegante e digno; as feições regulares e emaciadas, cuja palidez ebúrnea se acentuava sob o alpendre da mantilha negra e lisa, e as pálpebras vermelhas do carmim vivo que o costumado choro parece destilar...

Silenciosa, apertou-me a mão, deixando, logo, cair a sua, pesadamente, nas sombras do regaço, ao passo que a mão esquerda, espalmada sobre o peito, aí desenhava a fragilidade dos seus longos dedos, como que a aguentar baldamente as palpitações dolorosas de um coração martirizado.

Instintivamente a comparei à «Mater» do Germano Pilon, obra-prima de expressão dolorosa — embora um quase nada declamatória — com a qual o museu do Louvre se orgulha e de que a misteriosa senhora parecia haver copiado a atitude sofredora.

— V. Ex.<sup>a</sup> o que deseja deste seu criado? — disse eu a meia voz, realmente impressionado pela trágica nobreza do seu aspeto.

Antes de me responder ergueu vagarosamente os olhos ao céu com o semblante de quem implora a inspiração divina, depois, ainda mais vagarosamente, poisou-os em mim e, com a voz funda onde persistia a dorida rouquidão dos soluços abafados, exclamou:

— Eu sou Dona Joaquina Eustáquia Simões de Aljezur...

— De Aljezur!... E veio V. Ex.<sup>a</sup> de tão longe a cavalo, com este calor tremendo. Mas deve estar muito cansada! Não deseja tomar alguma coisa? Suplico-lhe que mande sem cerimónia, como se estivesse na sua própria casa...

— Aljezur é o meu nome de família; de Aljezur foram os meus antepassados que, sem jactância, poderei aquilatar de nobres... Eu, hoje, moro

em Bensafrim; pela estrada velha, tomando os atalhos, não chega a duas léguas de caminho... Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> o seu cuidado, mas não estou cansada nem preciso de tomar coisa alguma...

Após demorada pausa continuou:

— Não admira que nunca ouvisse falar no meu nome e que até o ignore por completo: V. Ex.<sup>a</sup> é muito novo; nem mesmo poderia lembrar-se da época do verdadeiro esplendor da minha família: eu própria dele só conheço os decadentes vestígios... Nasci sob a influência duma funestíssima estrela e até desses vestígios me desapossaram...

Aqui as suas mãos de marfim, soltas, agitaram-se à altura do rosto para logo se enclavinharem na negridão das roupagens, enquanto um grande soluço lhe estrangulava aflitivamente a voz...

A piedade irrefutável perante espetáculo de tão patente infortúnio, aflorou-me aos lábios em palavras de conforto; animei-a como a criança desvalida, no transe da orfandade, e escutei-lhe a pungente história, preso duma comoção que não esmoreceu até final.

Sem proteção de ninguém, viúva de um oficial que provara em combates coloniais o seu arrojo — digno também da nobilíssima estirpe donde provinha —, reduzida à miséria, escoraçada de quantos lhe deviam respeito e amparo, abandonada no isolamento de uma insignificante propriedade já roída de hipotecas, via-se esbulhada do grande património que legitimamente lhe pertencia, cuja importância despertara a avidez de parentes poderosos e ativos, os quais, vivendo na capital, conseguiam inutilizar quantos esforços ela empregasse para entrar judicialmente na posse do que era seu.

Aos descoráveis algozes fora-lhes fácil apoderar-se e talvez destruir os principais documentos em que baseava os seus direitos, documentos confiados ao célebre advogado Rodrigues de Moura, que preparara a ação judicial. Desgraçadamente, depois da morte daquele homem generoso, de cujo desinteressado patrocínio ela recebera provas inúmeras, o seu sucessor, o Dr. Claro Fernandes, ou por sugestão dos seus implacáveis inimigos ou porque realmente não possuísse já os elementos suficientes à continuação do pleito — este alvitre repugnava menos à natural delicadeza dos seus sentimentos —, recusava dar-lhe andamento, deixando sem resposta todas as suas cartas, e sabendo a minha intimidade com o Dr. Claro — com efeito havíamos sido camaradas em Coimbra — atrevera-se a vir suplicar-me que interviesse, escrevendo-lhe.

Tal o resumo de quanto a ilustre «dolorosa» me expôs, mas sem tentar, nem de leve, reproduzir o tom digno, o entranhado sentido, a substância trágica das suas lamentações e ainda menos o colorido, a veemência com que narra, exaltando-se até aos mais levantados raptos de emocionante eloquência, com os quais, decerto, encobria ou transpunha passagens melindrosas de cuja elucidação claramente se pejava, sobretudo nas imprescindíveis e rápidas alusões às peripécias do seu casamento, que fora também singularmente infeliz.

Prometi — e tão sincero quanto o confrangimento verdadeiro por calamidades alheias pode mover um homem de brios — senão fazer-me seu paladino, pelo menos insistir, apertar com o meu amigo Claro Fernandes para que lhe prestasse o auxílio devido. Eu fiava do fundo cavalheiroso do seu carácter a mais pronta solicitude por aliviar tão peregrina como injustificada desventura, quando esta lhe fosse bem patente, e de antemão garantia à pobre senhora que encontrava no fogoso e moço advogado auxiliar não menos prestável do que lhe fora o seu antecessor, e, felicitando-me pelo feliz acaso, mercê do qual eu interviria em assunto assim sugestivo de generosos impulsos, lisonjeava-me profundamente que me houvesse escolhido para seu intermediário.

A cada uma das minhas palavras as feições de D. Joaquina Eustáquia pareciam desanuviar-se, refundindo-se em calma tranquilidade, em quase alegre confiança.

Secaram-se-lhe os olhos, sorriu, apertou de novo o coração, certamente já menos oprimido, com uma das mãos, estendendo-me, num gesto de confiado abandono, a outra mão, que eu beijei, respeitoso.

Protestou o seu eterno reconhecimento, como cumpria, mas ainda em termos levantados, com a espontaneidade de uma alma que se expande livremente ao calor de outra alma cuja rara generosidade a não frustrara na sua esperança até ali tanta vez desiludida, e assim se despediu.

Ao transpor a porta do claustro uma revoada de pombos mansos poisou-nos em volta com o ruído de água lançada de alto, aos baldes. D. Joaquina deteve-se um instante, como que embevecida na graça das aves irrequietas, mas quando se inclinava para as amimar, o tio Elisário acudiu, solícito, a enxotá-las. O bando levantou voo, passando quase ao de cima das nossas cabeças com o rumor isócrono do arfar de um cão cansado, e D. Joaquina ficou-se ainda um momento, extática, feminilmente, quase infantilmente graciosa, com as mãos estendidas direito ao céu onde os pombos se perdiam.

— Pois haverá no mundo nada mais lindo, mais elegante, mais livre do que uma ave! — observou-me.

Foi realmente espetáculo para ser olhado, a agilidade juvenil, junta ao desembaraço de consumada cavaleira, com que ela, estribando-se na mão que o pajem lhe oferecia, saltou sobre a albarda da égua e a meteu pelo caminho da serra num chouto rápido, seguida a custo do companheiro. Ao longe a égua tomou feição de palafrem caminhando, ligeiro, sob o peso de alguma desditosa princesa de balada...

Mas a voz do tio Elisiário soou inesperada e zombeteira a meu lado:

— O pajem é forte moço... mas tem o nariz vermelho e roído... Aquilo deve ser formigo...

— Não fale em narizes, Elisiário, porque o seu também é bonito... — atalhei, severa e secamente.

E recolhi-me a cismar na história de D. Joaquina Eustáquia, vulgar, talvez, nos seus pormenores, mas tão fantástica pela incontestável estranheza da sua dramática heroína...

O meu primeiro cuidado, quando regresssei a casa, foi escrever ao Dr. Claro expondo o caso, instando por imediata resposta e instigando-o a que, embora as aparências fossem desfavoráveis a D. Joaquina, concedesse ao seu pleito a atenção que, a meu ver, ele merecia.

A resposta não se fez esperar. O meu amigo prometia tomar o assunto a peito, ajuntando que os empregados do escritório, contemporâneos do seu predecessor, se lembravam ainda de D. Joaquina como de alguém que consubstanciasse, não as calamidades do destino adverso, mas os predicados mais ridículos que possível fosse imaginar — sem poderem no entanto explicar o motivo de semelhante impressão, de resto frequente em subalternos perante o infortúnio desamparado e importuno. Isso por modo algum o desviaria de se ocupar seriamente da questão, esperando, para muito em breve, dar-me notícias mais minuciosas e animadoras.

Ao mesmo tempo, encontrando-me com pessoa de Lagos, sempre bem informada e discreta, perguntei se alguma coisa sabia acerca de D. Joaquina Eustáquia e por ser negativa a sua resposta instei a que inquirisse o necessário da própria gente de Bensafrim.

Passaram meses sem que me chegassem novas diretas ou indiretas da desventurada, e quando justamente me dispunha a visitar o cabo de S. Vicente, fazendo caminho por Bensafrim, recebi carta do Dr. Claro atestando formalissimamente que D. Joaquina Eustáquia Simões de Aljezur

era o tipo acabado da histórica mentirosa e trapaceira, desvairada por fantásticos sonhos de grandeza e vesânicos terrores de perseguições; que tais documentos jamais haviam existido fora da sua imaginação pervertida, e os seus parentes eram-no apenas por afinidade, mas pessoas de comprovada e indubitável honradez, para quem toda e qualquer alusão à triste heroína doía como afronta direta e imerecida.

Em Lagos, de passagem para o Cabo, o informador cujas luzes solicitara corroborou a opinião do advogado com a do povo de Bensafrim onde ela era tida e havida por louca e alcunhada ridiculamente de «Princesa de...»; o informador não conseguira averiguar com exatidão o nome do escarninho principado...

Que mais poderia eu fazer a bem de D. Joaquina? Em meu próprio bem resolvi abandoná-la e remeter-me ao silêncio tenaz das almas limpas de remorso.

Demorei-me três dias na região do Cabo. O sítio onde se levanta a torre do farol, nas ruínas anexas ao velho mosteiro, é soberbo de trágico, orgulhoso isolamento, que tudo em volta acentua e harmoniza.

A monstruosa penedra maciça de Sagres aguenta as investidas do mar do sul e de encontro ao esporão rochoso do Cabo se pulverizam os raivosos vagalhões que o vento norte atira pela costa de Portugal abaixo. Toda a paisagem se repassa da heroica tristeza daquelas incessantes lutas e na charneca vizinha ao mar as raríssimas árvores que medraram vivem quase rentes com a terra, dobradas para levante, fugindo, desgrenhadas, aos arremessos da tormenta.

Mas a lembrança de D. Joaquina, evocada, involuntária e fugitivamente, naquele cenário, perseguia-me ainda mais dolorosa e dramatizada, como se o seu vulto negro por ali errasse açoitado dos elementos...

E, com efeito, era ali que conviria juntar aos uivos da procela os clamores lamentosos de uma alma torturada, no desamparo!

Mesmo em frente ao Cabo levanta-se um leixão de que o mar padece há séculos e a mais e mais se empenha em desfazer. Ali tudo ferve em cachões de espuma e é temeroso de ver como o mar se lhe cava em roda para lhe dar assalto e o sepulta nas ruínas dos altíssimos castelos que levanta e, bramindo, cai de novo e se cava mais fundo e logo se ergue mais alto para de novo o envolver nos concêntricos turbilhões das catadupas de um feroz remoinho, ao concertado esforço de o arrancar!

Mas o rochedo deve ter as raízes no coração da terra, pois nada o abala!

E também é curioso de ver em dias amenos, quando ele se reflete na água espelhada, como se estria de gumes e parece abrolhado de navalhas.

Quem pudesse atirar sobre ele, ao sabor do mar enfurecido, as nossas mágoas, os nossos remorsos, os nossos vícios. Como tudo sairia dali retalhado, sangrando, disforme, inútil e com que delícia não seria então recebida a morte que nos nivelasse a dor pela alegria, e nos absorvesse as cruéis claridades da alma, por onde se desdobram tão angustiosas tragédias!

Era ainda a imagem lutuosa de D. Joaquina que tais lamentações me sugeria, mas a imagem que se movia e trabalhava pelo inconsciente, pois se acaso eu a apercebia, logo tratava de a rebater como a espectro importuno e vexatório. Para quê agravar a minha própria tragédia enxertando-lhe o drama de uma existência onde a irremediável loucura fazia a cada instante novos e insanáveis destroços... Loucura!... É tão falível o conceito não só do vulgo, mas dos que se equilibram tranquilos na gloriosa plenitude de uma vida desembaraçada, quando se trata de algum ser anormal que as vicissitudes arrastam por sendas inexploradas ou desconhecidas!

Mas o egoísmo sempre triunfava à ideia de alijar do espírito semelhante obsessão e foi inabalavelmente decidido a não me ocupar mais de tal criatura que eu regressei a casa.

Outra carta do Dr. Claro, que chegara durante a minha curta ausência, ateou o interesse, que parecia de todo extinto, em exultantes labaredas.

O meu amigo penitenciava-se da leviandade com que tentara justificar a pobre vítima à falta do fio encontrado, agora, casualmente, para fácil penetração ao labirinto que devia ser a vida de D. Joaquina Eustáquia Simões de Aljezur. Houvera processo por ocasião do seu divórcio e o marido não só lhe negara o valiosíssimo dote, que por contrato antenupcial lhe devia, mas até os alimentos lhe recusara. A virtuosa família do marido — cuja morte pouco tardou após a separação — abafara o processo e ele pedia-me que obtivesse, quanto antes, de D. Joaquina certos esclarecimentos de que mandava nota, jurando que, a realizarem-se as suas previsões tomaria à sua conta levar o pleito a final e por todas as instâncias, ainda que nisso empenhasse a posição que ocupava no foro e alguns bens que possuía.

Cavalheiroso amigo!

D. Joaquina, é certo, não aludira durante a nossa entrevista dos Pegos Verdes à circunstância do divórcio, nem explicara a razão por que não usava o nome do marido, o que era, pelo menos, singular. Mas isso o que importava!

A esperança, a quase certeza de que havia realidade nas suas queixas e justiça nas suas pretensões, e a convicção de que ela era a vítima imbele da cupidez e da maldade de uns hipócritas mascarados de generosos sentimentos, mas seguramente de tigrino coração e catadura feroz — como convém à falsa virtude — apoleavam-me de remorsos, exacerbados ainda por haver, tão facilmente, dado crédito às atordoadas do vulgo celerado e estúpido.

Eu desejaria voar até Bensafrim e descendo-lhe ao humilde tugúrio, qual enviado celestial, depor-lhe no regaço a palma do martírio e na fronte a imarcescível coroa de rosas da inocência resgatada.

Estávamos no começo de março, num período de dias aprazíveis. Parti na manhã seguinte, às 9 horas, com um sol de inverno radiante.

Parti, mais serenado já, mas com a iluminação do triunfo a ampliar-me a alma e em plena comunhão com a natureza que se expandia luxuriante.

A estrada sai da vila por entre hortejos e pomares com as pereiras e os pessegueiros então floridos. Pelos espaldares dos outeiros viam-se jeiras lavradas de fresco, onde as amendoeiras, já tupidas em folhagem tenra, se enovelavam em manchas de mimoso verde-claro. Era milagrosa a transparência da atmosfera nas várzeas da Torre, com os salgados dos Montes, à esquerda, listrados de água espelhada nas valas cheias e a seguir, a Abicada reverdecida em searas espessas, até perder de vista, dando, a sul, nas linhas virgilianas da barra de Alvor. Logo passámos à extensa área pedregosa que antecede as terras do Odiáxere, de uma larguíssima ondulação melancólica. À entrada de Lagos a surpresa sempre áacre da ria lavada de toda a fresquidão do mar, o hálito da preia-mar em aragens leves e penetrantes, cheirando a melancia; e o mar, uma linha azulada onde se balouçava um grande patacho branco. Depois, subindo, esse aberto mar azul engastado na curva puríssima do areal da Meia Praia e para oeste a Ponta da Piedade, rochas de uma solidez duvidosa, todas comidas ou mordidas da vivíssima luz que a água reflete; e a caminho de Bensafrim as várzeas de esmeralda do Paul, de onde se levantam, como nas margens de um lago italiano, agudos serros pedregosos.

Bensafrim, caída no fundo de um vale entre duas serras íngremes, assenta na faixa de grés que atravessa o Algarve e ali serpeia numa inundações de águas ruias petrificadas, com ruas pelos alastramentos laminados de onda que se fossilizou ao espriar.

A norte, o serro coberto de estevais coroa-se de um moinho de imensas asas sempre furiosamente batidas pelo vento, como se Notus

lá desembocasse; a sul, o outro serro, mais sobranceiro, mais íngreme, fazendo sombra à estrada e ao povoado, fortifica-se naturalmente a blocos de calcário jurássico, que o amuralham até ao cume, dentando-o de formidáveis ameias.

Pedi informações, numa venda ao pé da estrada, acerca do paradeiro de D. Joaquina. O taberneiro vem em pessoa cumprimentar-me, empunhando um copázio de vinho já meio vazio que solta dos lábios horrorosamente cancerados, instando, com enfadonha insistência, por que eu beba o resto...

Apeio-me. O homem da venda, mau grado a minha formal recusa de lhe beber as sobras, condescende em indicar o caminho ao meu cocheiro, e um garoto dos seus 12 anos salta para a boleia a fim de nos guiar.

Ou seguindo de trem, pela estrada que rodeia o serro do moinho, ou subindo a pé ao moinho e descendo a outra vertente, dá-se no fundo do vale com a casa de D. Joaquina. Eu prefiro ir só, pelo moinho.

Atravessando a ribeira a vau subo ao serro pelos estevais; comigo vai subindo o vento que no topo assopra em furacão as velas do moinho e as faz rodar loucamente. Mas, daí, o espetáculo é soberbo, com a perspectiva de serras que se desdobram até ao cabo, azuis, violetas, e lá muito ao fim, esfumadas, no contraste das linhas de Sagres, que se apercebem recortadas na rocha aos entalhes, com ásperos escuros cavados entre arestas vivas e luminosas. A norte as serras de Monchique aparecem inteiramente outras, separadas, com um mamelão isolado entre a Foia e a Picota...

A vegetação lanceolada que acompanha os sinuosos ribeiros cristalinos vai correndo pela base do serro e passa a poente, junto a uma casa abarracada; na ponte, em frente a essa casa, parou o meu trem: é sem dúvida ali que mora D. Joaquina.

Desço por altos estevais espessíssimos que me fustigam a cara e me untam o fato de resina. A casa é um pequeno e pobre monte algarvio, com porta e janela, que foi pintado a cor-de-rosa e agora mostra por entre grandes côdeas de reboco já caído as talhadas da taipa, como um bolo que perdeu parte da sua capa de açúcar.

Aproximo-me da entrada que tem a porta aberta: ninguém.

Entro a uma casa ladrilhada e miseravelmente mobilada com desmanteladas cadeiras e mesa de castanho. Dentro, no quarto, ouvem-se vozes em contenda. Uma dessas vozes, que amolecia por vezes, silvava, a largos intervalos, no tom, que logo reconheci, da fala de D. Joaquina quando estrugia a sua indignação de vítima recriminadora. A outra voz, em tom

igual, acompanhada por baques surdos, assim de golpes feridos em corpo flácido, dizia vitupérios.

— Ah! Porca, ah! Velhaca, assim é que tu poupas o dinheiro, bebendo logo duma vez toda a aguardente... Ah! Safada! Toma, toma, toma... que não deixaste nem uma pinga...

Após muito breve hesitação passei à outra casa. D. Joaquina, sobre um capacho roto, em pernas que se escanifravam descarnadas e negras, estorcia-se nas mãos do pajem, o qual, ajoelhado, a zurzia metodicamente, e antes de fugir ainda a ouvi murmurando, já rendida:

— *Ah!... filho... não me batas tanto... que me dói muito amanhã...*

Fui para o trem, não horrorizado nem ofendido, mas triste... O cocheiro olhava-me com escárnio e o moço ria à socapa. Antes de me meter na carruagem, perguntei ao garoto:

— Então tu conheces aquela senhora?

— Que senhora?...

— A que mora ali, naquela casa...

— Aquela... senhora... É a Princesa Venérea...

— Princesa Venérea?!...

— Assim lhe chamam aqui todos...

— Porquê?...

— Não sei... Aquilo é uma refinadíssima bêbeda, que tem deitado a perder toda a rapaziada do povo...



*A João Lúcio*



## JOGOS DE BOLSA

Naquele desgraçado inverno a Holanda converteu-se em miserável charco sobre o qual incessantemente caísse uma chuvinha peneirada por buracos de agulhas. Toda a gente concordava em que não havia, ali, memória de estação assim temperada, aquosa e lóbrega. Durante os meses de dezembro e janeiro nunca se apagou a iluminação pública e nas ruas mais desafogadas de Amesterdão os transeuntes, que pareciam evolucionar dentro de um infindável aquário, para se reconhecerem necessitavam socorrer-se dos candeeiros, a cuja luz indecisa ainda assim mal se divisavam feições sob o imprescindível abrigo dos capuzes de borracha. Formavam então grupos de fantasmáticos escafandros, que, observados à distância, trocavam silenciosamente gestos deformados e a breve trecho, desfeitos, como que se desvaneciam por entre os húmidos véus de gases crepusculares, ininterruptamente agitados e suspensos do céu tenebroso.

A luz natural, peculiar da Holanda, perlada e leitosa; os seus delicados céus nevoentos, surda mas esplendidamente iriados, que os artistas admiram reproduzidos nas obras picturais dos pequenos e grandes mestres, imprimem àquela região um particularíssimo cunho, próprio a encantar indígenas e forasteiros, cuja nostalgia, sobretudo vibrada por países meridionais e cálidos, hesita em preferir a recordação de aspetos primaveris, de quando verdejam os *polders*, aos que ali oferece o inverno franco, frio, áspero, nevoso.

Ao cabo de algumas semanas de existência aquática exauriu-se-me a esperança de que a neve reflorisse pela nua ramagem das árvores, ou que o

gelo tomasse os canais convertendo-os em animados teatros de patinagem, de cómica, popular e tumultuosa concorrência; a vida perdera as suas expressões pitorescas, resumindo-se em chuva e lama, e os meus nervos, para os quais só restava uma distração, a música, convertida, pelo abuso, em mórbido excitante, começaram a desafinar grandemente.

Aos museus não havia meio de pedir lenitivo ou apaziguamento: reinava habitualmente, lá dentro, a treva dos sepulcros, nos raros dias em que os franqueavam ao público para jogo de cabra-cega. Mas se uma que outra vez sucedia, à custa de penosos esforços, destrinçar nas suas molduras doiradas as cenas tão fina e alegremente interpretadas pelo pincel de um Brouwer, de um Pieter de Hoogh, de um Steen, ou as paisagens assoalhadas, nacaradas, argentinas, gradas, de um Cuypp, de um Ruisdael, de um Hackaert, ou as visões prestigiosas de um Rembrandt, de um Maes, de um Dou, mais se acendia o despeito por me ver privado não só dos espetáculos naturais, mas daqueles que a arte ali prodigalizou.

Tão-pouco me era possível recorrer aos teatros com proveito, graças à minha ignorância da língua holandesa. Ordinariamente uma ou duas horas de mímica extravagante, a sublinhar frases expectadoras com ruídos vulcânicos e ímpetos e sibilos de frenéticos látegos, não me eram demasiado pesadas; mas o meu espírito já não tolerava semelhante espetáculo, acrescento que se apossara de mim um tal ou qual pavor do holandês declamado, figurando-se-me a miúdo sentir as palavras baterem-me na cara como areia grossa...

Só restavam, pois, os concertos «Gebouw» desencadeando-me na alma, duas vezes na semana, por entre ondas sonoras, impulsos irredutíveis de suicídio.

Normalmente a música é o supremo derivativo das impressões dolorosas. Certos acordes de Chopin rasgam e penetram como dentes de serra e transformam, é certo, a dor moral em dor quase física, mas tornam-se suportáveis em lances de melancolia elegante; por seu turno alguns compassos de antigos minuets como que dispersam a alma e a volatilizam por entre festões de grinaldas suspensas de lustres venezianos, em salões Luís XV, de ornamentação pastoril...

Na fase, porém, de abandono e de amargura a que eu resvalara a música exacerbava-me quantos fermentos maus me envenenavam os nervos e recordo que uma tarde, no concerto «Gebouw», após a audição empolgante da heroica introdução ao *Coriolano* do Beethoven, me levantei, sonâmbulo,

do meu lugar e maquinalmente procurei sair à rua, preso da irresistível resolução de me atirar ao mais próximo canal. Valeu-me o perder-me nos corredores do grande edifício, achando-me encerrado na galeria do jardim quando supunha atingir a libertação almejada; e como retrocedesse, obstinado em meu firme propósito de sair e pôr termo à existência, chegaram-me aos ouvidos as álcres variações sobre modas espanholas do c, ao tempo briosamente encetadas pela orquestra, produzindo-me tão salutar reação que voltei ao meu lugar quase sereno, mas olhando em volta de mim com espanto de não ver no semblante dos meus vizinhos o terror próprio de quem encara com um espectro, pois em espectro sinistro, em aparição funesta me julgava eu tornado.

Registro, no entanto, que ao génio do grande compositor russo devi nesse transe ominoso o haver evitado a catástrofe onde quase me precipitara o génio não menos estupefacente dos seus outros irmãos na arte sinfónica.

Naturalmente as minhas relações sociais ressentiam-se do meu profundo desarranjo nervoso.

Por embirração ao meu cônsul, personagem afável que um rei português fizera Barão de Sanders e agora dirigia com singular habilidade a poderosa firma bancária «Sanders e Peede», comecei a chamar Barão Peede, o que o vexou primeiro, enfureceu depois, e à minha obstinação em persistir no deliberado engano respondeu finalmente com uma carta grotesca apelando para os meus sentimentos patrióticos: fiava ele do meu suposto respeito à monarquia lusitana o dever de o reintegrar no seu verdadeiro apelido, etc. Insisti no Peede e ficámos de mal.

A um outro magnata da alta finança, cônsul também, de não sei já que potência oriental, judeu gordíssimo com fumos de janota, que mantinha luxuosissimamente várias amantes e me proporcionara, com supina complacência, o conhecimento íntimo e gratuito de uma delas, ao ser feito cavaleiro de Cristo enderecei uma versalhada infindável, coada em horas fúnebres e esplenéticas, apontando-lhe o dever impreterível, que a desejada venera impunha, de exterminar a judiaria toda começando por si mesmo.

A perseguição de mau gosto iniciada no Barão Peede, tornei-a extensiva aos quatro conspícuos diretores da «Real companhia holandesa de navegação a vapor» (Koninklyke Nederlandsche Stoomboot-Maatschappy) que usavam de honestíssimos e respeitáveis nomes batávios e que eu passei também a crismar, um de Senhor Stoomboot, outro de Senhor Koninklyke, etc.

Mais quatro amigos perdidos.

Tudo isto produzia péssimo efeito, como é fácil de perceber, e porque me não quisesse emendar da impertinente mania de baralhar nomes e, o que era pior, confundir propositadamente pessoas veneráveis com reconhecidos patifes, pouco a pouco me fui tornando insuportável a toda a gente, lançando-me afinal em perfeito isolamento.

Afora o bordel da querida e já falecida Madame Vitória — essa basílica do Amor! — cuja frequência corria parelhas, em seus irritantes efeitos neuróticos, com a audição da música wagneriana, eu só visitava com assiduidade relativa duas casas: a do banqueiro Lastman, cuja esposa, senhora de maneiras cativantes e naturalmente benévola, fingia não dar pelo meu desaforado humor e me acolhia quase com carinho, e a do opulento industrial israelita, o senhor Bega, onde me aborrecia desastinadamente, mau grado as atenções dignas de um príncipe de que ali era alvo, as quais, no entanto, lisonjeavam o meu snobismo. Na verdade, sempre nutri suspeitas — não havendo ocorrido até hoje qualquer incidente que as desfizesse — de terem os Bega, para aumentar a própria importância, convencido a gente da sua roda de que eu era um príncipe oriental, viajando incógnito, muito interessado em questões de sionismo, e dando o meu apelido, também usado pela mais notável família da colónia de judeus portugueses, como um pseudónimo.

Eram pois estas as duas únicas famílias que eu visitava e cujos convites, para jantares ou serões, aceitava.

Sucedeu uma vez, tomando café em casa dos Lastman, após delicada e copiosa refeição, reparar na estranha insistência com que Madame Lastman perguntava pela última edição do *Handelsblad*, espécie de jornal do comércio, de numerosas edições ao dia, que anda nas mãos de toda a gente. E como o criado lhe respondesse invariavelmente que ainda não chegara, vi-a, com grandíssimo espanto meu, atrever-se — o que ainda não acontecera na minha presença — a interromper a quietação do marido, inviolável nos limites naturais da sua digestão, para lhe dizer:

— Artur, perdoe-me se lhe falo, mas preciso absolutamente saber a como estavam hoje os cafés...

Artur jazia ensampado e sepulto na sua vastíssima poltrona, chupando uns charutos loiros de perfume ativíssimo cujo fumo engolia durante minutos a fio e depois, muito depois, expelia em rolos por todas as aberturas

do rosto, incluindo os olhos e ouvidos, o que lhe dava o mais estrambótico aspeto de cabeça ardente que possível seja imaginar. Dissipado o fumo, ninguém, que pela primeira vez tal espetáculo contemplasse, ocultava a surpresa de lhe não encontrar a face carbonizada.

Artur não deu sinal de si, em resposta à mulher, mas ela teimou:

— Então, Artur, não ouviu ou não quer ter a amabilidade de me dizer a última cotação dos cafés?...

Artur circunvagou o olhar mortiço pelo aposento e pela assistência, como que a verificar se por acaso não estaria presente algum seu tocaio e, constatando a ausência de qualquer outro Artur, bafou quantidades espantosas de fumo e, mansamente, murmurou:

— *Handelsblad*, querida amiga...

— O *Handelsblad* ainda não chegou: se o tivesse aqui certamente lhe pouparia a impertinência...

— Cafés?... Java, S. Tomé, Rio?...

— Rio...

— Ah!... 68 & <sup>3</sup>/<sub>4</sub>...

— Como assim, Madame Lastman, pois tanto interessam os cafés?... — observei.

— Decerto; se eu tenho dez mil sacas!

— Mas para que é tanta saca de café?...

— O senhor nunca jogou nos cafés?! — exclamou ela exprimindo verdadeiro assombro.

— Nunca...

— Nem quer jogar?

— Talvez...

— Olhe, eu cedo-lhe mil sacas.

— Tanta coisa não caberia no meu hotel...

— Não brinque. Fique com mil sacas que é bom negócio. Meu marido prevê a alta para muito breve e ele é infalível em vaticínios desta ordem. Quanto queria o senhor perder?

— Eu?!... Naturalmente coisa nenhuma...

— Mas é indispensável arriscar uma determinada quantia para a liquidação...

— Mil florins?

— É muito pouco.

— Poremos, então, dois mil florins...

— Ainda é pouco... Qualquer oscilação leva isso e mais. Porém a alta é certa, como lhe disse, de modo que lhe cederei mil sacas sem receio de o arruinar. Amanhã lá irá ao hotel o corretor com o contrato.

Nisto entraram as visitas, depois circulavam refrescos, armaram-se as mesas de jogo, a gente moça passou à sala contígua para dançar e como Madame Lastman, açambarcada pelos deveres de dona de casa, nunca mais me pudesse dispensar atenção especial, entretive-me a bailar e nem pensei em procurar alguém no caso de me explicar em que consistia a especulação dos cafés.

Terminada a festa recolhi ao hotel seriamente preocupado e quase pesaroso com a perspectiva de ser esburgado de dois mil florins — eu, cujas finanças andavam atrozmente enleadas e abaladas! — graças ao capricho de uma senhora para quem semelhante quantia pouco mais de nada representava.

Mas precisamente dormi o sono dos justos, levando a noite de uma assentada, livre de sonhos e sobressaltos, o que havia muito me não sucedia.

Despertei singularmente bem-disposto. O mistério daquele negócio que, no entanto se abria à minha ignorância em esperanças de consideráveis lucros, trouxera à minha vida um tal ou qual enlevo e, quando me anunciaram a chegada do corretor, exultei.

Tinha já alguma coisa instante a prender-me a atenção, espécie de farol que, subitamente aceso naquela atmosfera de névoa, me arrancava à obsessão de uma abominável vida aquática a que seria impossível aclimar-me.

O corretor apresentou-me o contrato em duplicado que logo assinei, obrigando-me, assim, pelo espaço de três meses, a ficar, ao preço de 69 francos por 50 quilogramas, com mil sacas de café do Rio, caso nesse intervalo ninguém as quisesse comprar e o preço não sofresse alteração. Mudando o preço eu podia liquidar, cingindo-me às cotações da Bolsa do Havre, na alta, embolsando a diferença que houvesse sobre o preço da compra, e na baixa, desembolsando a respetiva diferença, mas com a seguinte restrição: o corretor liquidaria logo que a perda atingisse dois mil florins.

Dada a circunstância — absurda, observava o corretor — mas, no entanto, estipulada em artigo especial do contrato — de eu ter de ficar com as mil sacas de café, deveria de aprontar cerca de cento e quarenta mil francos para as pagar de contado, recebendo em troca de tal quantia as ditas mil sacas, não cheias de café, como seria razoável presumir-se,

mas de uma espécie de exótica serradura que, embora cheirando a café, se reputava invendível.

Tais foram as explicações coligidas da letra do contrato e da boca do contratador, rapaz cheio de fleuma que parecia estar recitando, sem arte, um monólogo enfadonho. Às observações, porém, que eu aduzi, não pode ele ocultar certa surpresa reconhecendo-me leigo no assunto e por completo desconhecedor da essência da operação em que me embrenhara.

Despedido o homenzinho voltei para a cama e nela me fiquei profundamente absorto. Conquanto a hipótese de me ver obrigado ao desembolso de cento e quarenta mil francos fosse inverosímil — absurda, afirmara o corretor — nem por isso a ideia da sua realização me largava totalmente o inquieto pensamento, repetindo-se-me, a cada rebate, um muito especial calafrio na espinha que — diga-se a verdade — embora doloroso me não desagradava...

Mas os cafés podiam subir, e, na minha fantasia, com efeito, logo iniciaram a sua alegre ascensão. Cada franco a mais, na cotação, sobre os 69 da compra, representava dois mil francos de benefício.

Não seria coisa nenhuma do outro mundo ver os cafés darem um pulo de cinco francos, por exemplo, e eram dez mil francos a entrarem-me na algibeira. E se chegassem à conta redonda, aos cem francos? Mas eu certamente não sopearia os nervos a caminho de tão vertiginosas alturas; logo que entrassem na casa dos noventa liquidaria. Contentava-me com quarenta mil francos de lucro, ou fossem doze contos de réis ao câmbio de então...

Mas o certo, o positivo, era ter eu definitivamente encontrado com que entreter a imaginação.

E esta ideia galvanizou-me. Saltei da cama, leve como um pássaro, e vesti-me com desacostumado esmero, escolhendo para uma vistosa gravata o alfinete que melhor lhe quadrava, já esquecido das tristezas daquele inverno holandês, mercê das quais me fora alheando às preocupações do dandismo. Enquanto me vestia chamei o criado e pedi o *Handelsblad*, correndo sem demora à cotação da Bolsa.

«Cafés: Rio = 69 <sup>1</sup>/<sub>4</sub>» — Sessenta e nove francos e um quarto, repeti em voz alta, demorando-me em cada sílaba como quem repassa as pérolas de um colar. E refleti jubilosamente: se me resolvesse agora mesmo a vender as minhas mil sacas já não perdia dinheiro.

Procurei a cotação holandesa do dia anterior (aquela referia-se à cotação do Havre das 6 da tarde) e notei que havia na Bolsa de Amesterdão cotação oficial à uma e meia.

«Pois lá estou caído hoje», resolvi.

Eu deixara de frequentar a Bolsa que, a princípio, tanto me interessava graças à enorme afluência de figuras diversas, originais, extravagantes, grotescas, sibilinas, misteriosas, indizivelmente variadas, enfim, no aspecto e na expressão, de que se compunha a turbamulta dos seus habituais concorrentes.

Era, ao tempo, um edifício baixo, no Dam com fachada em colunata, tal qual um templo grego, o que me provocava reflexões extremamente cómicas. E com efeito que belo tema para desenvolvções grotescas não dava semelhante arquitetura em edifício com tal destino, onde, da uma às três da tarde, gorgolhavam holandeses, que é tudo quanto no mundo se possa fantasiar em mais flagrante contraste com a plástica grega! Quantas vezes imaginei, com a justiça de Aristides e a infabilidade de Radamanto, condená-los — esses contrafeitos batávios — em expiação dos seus constantes pecados a frequentarem a Bolsa, naquela atmosfera de carvoaria, nuzinhos em pelo! Deixava-lhes as galochas de borracha para encarecer a maravilha do espetáculo!

E não vá alguém supor que sendo possível obrigá-los a tal vexame eles o não suportariam de bom grado contando que houvesse «bolsa» e nela se fizessem as usuais transações!

Para não pagar 25 cents (um tostão) da multa aplicável a quem ali chega depois da uma da tarde, vira eu o arquimilionário Van Goope, esbofado, deixar-se cair ao comprido, atravessando-se nas portas prestes a cerrar-se, e quando os empregados o socorriam e lhe franqueavam a entrada, julgando-o vítima dalgum desastre, eis que o homem rebola, sobre o chão enlameado, pela casa adentro, gritando: «Já cá estou, já cá estou...»

Levantaram-no com muito custo, pois era nas proporções uma espécie de tonel, sem que houvesse meio de lhe desencrostar o casaco sujo, nem endireitar os óculos estropiados, e ele assim que se viu de pé repetiu novamente, vitorioso: «Já cá estou e não paguei nada!...» e rodou como mó de atafona por entre a multidão de argentários que o aclamavam.

Fora, por muito tempo, divertimento em competência aos encantos das magníficas galerias de pintura, o que eu fruía na observação dos tipos que ali se ajuntavam nas duas horas de febre em que os mais linfáticos

e impassíveis exibiam no rosto a angústia de mortais calamidades, e desespero das irremediáveis catástrofes, ou o triunfo das vitórias decisivas, entre rugidos de feras, gritos estrídulos, cascalhadas sarcásticas, e gestos desvairados, de réprobos, de possessos, de assassinos... Durante duas horas naquele vastíssimo recinto desencadeavam-se diariamente tremendas tempestades com ruídos tais que os não têm mais espantosos os cataclismos cósmicos. Eu ainda vejo naquele dia de pânico atroz em que da América chegou a falsa notícia da morte de Pierpont-Morgan, ou não sei que outro especulador mundial, a cena diabólica e de alucinação que se produziu ali: as figuras delirantes, os rostos exangues, os olhos esbugalhados, os cabelos eriçados, mas sobrelevando a todos os atores da trágica cena quem eu nunca poderei esquecer foi o gigante de rosto infantil e piedoso que sustinha no ar um pequenino corcunda desmaiado, e sobre a multidão o transportava, abanando-lhe o rosto enrugado com a cartola amachucada.

Mas tudo se me convertera em tédio, como pouco a pouco se me aniquilara a consciência da própria individualidade naquele inverno chuvoso, monótono, escuro, sem alternativa alguma de claridade ou alegria.

Agora, porém, com os «cafés» tudo mudava: encontrara um estímulo, agulhoava-me a ambição, caminhava para um fito, e infalível à uma e meia da tarde, no canto dos cafés, carteira em punho, por detrás do meu corretor, eu espreitava os números que ela ia apontando à voz do pregoeiro com a ansiedade de quem se apegava à vida e ressurgia...

Enquanto se produzia esta revolução na minha existência, chegava a casa do senhor Elias Bega uma dama de Mogúncia que desde logo me prendeu, por vários lados, o melhor da minha atenção: Leonor Gelder. Elias Bega e seu irmão Isac haviam desposado duas irmãs Gelder que tinham um irmão estabelecido em Mogúncia, cuja mulher era aquela Leonor.

Dias antes da sua chegada já Madame Elias me avisara de que muito em breve teria uma hóspeda ultrachique, sem coisa alguma que lembrasse nas maneiras, ideias e vestuário reles vulgaridade das judias alemãs de Amesterdão.

— Minha cunhada — explicava-me — é de uma natureza superior em tudo, mas não sei por que estranho capricho ela resolveu procurar em Amesterdão distração ao irreparável desgosto que a punge...; perdeu o mais estremecido dos seus filhos vai para um mês. Francamente, Elias e eu damos tratos à imaginação para descobrirmos modo de a divertir. Em Amesterdão, no inverno, a vida é de uma tão secante monotonia!

E então com esta chuva diabólica. Mas contamos com o seu auxílio. Leonor Gelder é instruídíssima e uma verdadeira artista por educação e sentimento; há de gostar imenso dela e ela que prezou sempre a inteligência folgará muitíssimo no seu convívio. Leonor possui um caráter elegíaco, agravado agora pela dor; mas tão naturalmente afetiva, tão sensível!... Esperamos que o meu amigo quando ela estiver aqui venha mais a miúdo por nossa casa: seria assinalado favor...

Leonor Gelder era uma loira de 25 anos com grandes olhos azuis melancólicos e a carnação imaculada das raças do Norte. De corpo flexível e cheio, mas sem característico algum que a impusesse, logo, à adoração do sexo forte, a sua proximidade no entanto alvoraçava e inquietava como se pressagiasse um delicioso e iminente perigo; a sua voz de timbre grave, modulada com preciosa arte, tinha a sedução das carícias voluptuosas: envolvia-nos brandamente como tépida brisa perfumada e parecia destilar filtros que encandeciam o sangue...

Aquela figura de feições delicadas, linhas puríssimas, deliciosamente loira — de um loiro quente e arruivado —, vestindo com supremo apuro, destoava violentamente dos membros feminis da numerosa família Bega, gente morena, entrouxada em cores escandalosas, gorda, mole, embutida de joias, onde mesmo os mais bonitos rostos — o que é peculiar da raça israelita — alguma tara irredutível apresentavam: nariz torto, olho remelgado, dentuça de hiena ou lábio de belfo.

Leonor Gelder foi acolhida na família do marido com demonstrações de sincera cordialidade e a sua vinda iniciou um animadíssimo período de festas, com jantares e saraus dançantes ou musicais, pois ela era, na sua qualidade de judia, e alemã, um ser essencialmente musical, ou melódico ou melómano...

E decerto nunca ninguém cantou com mais íntimo sentimento de melancólica saudade os *Lieder* do Schubert, nem tão-pouco apareceu nunca alguém a interpretá-los com tal ingenuidade que ao mesmo tempo os ilustrasse com tão adequada plástica. Era a encarnação da musa ideal.

Vestida de crepes-da-china, cujas tonalidades quadravam sempre maravilhosamente ao seu género de beleza e realçavam a sua tez de rosa-chá, que transparecia, através do tecido leve, nos braços e no peito, a sua aproximação do piano como que abria um horizonte infundável de sensações inefáveis e nos preparava a alma para receber as lágrimas de todas as dores murmurantes e resignadas. Era prestigiosa!

À nossa apresentação seguiu-se, ato contínuo, uma quase intimidade, tantos foram os pontos de contacto que, na área do sentimento e da estesia, os nossos temperamentos revelaram no decorrer do primeiro serão passado juntos.

Leonor Gelder nunca viera à Holanda e como eu, conhecedor de Mogúncia, me referisse com admiração à sua catedral bizantina e, miudamente, às maravilhas da renascença alemã que a pejam, ela como que surpreendida — embora a houvessem prevenido da minha cultura artística — por encontrar em círculo tão indiferente às manifestações artísticas estranhas à música, como era o que a sua família compunha, alguém esteticamente eclético, congratulou — e sem reбуço por me haver «achado». Depois quando soube da minha relativa ociosidade, mercê da qual me seria fácil guiá-la através das curiosidades artísticas de Amesterdão, pareceu exultar e levou-me, quase sem disfarce, ao ponto de me obrigar a oferecer-lhe companhia para as suas futuras digressões na cidade.

E com que júbilo me não prontifiquei eu logo a conduzi-la aonde houvesse coisa digna de ser vista, e com que pressa encetámos as nossas peregrinações, mau grado a chuva e toda a casta de intempéries!

Começámos pelo «Rijks-Museum», mas como a luz se não prestasse ao estudo, nem mesmo à contemplação, das obras que ele encerra, nós aproveitámos a meia penumbra e a solidão das grandes salas, cujo silêncio apenas perturbavam as raras passadas dalgum guarda sonolento, para nos ficarmos horas e horas sentados nos sofás de veludo a falar dos poetas alemães, que ela conhecia admiravelmente, e dos países do sol, desse Mediterrâneo que eu percorrera minuciosamente e para o qual a sua alma de levantina sentia irresistível atração.

Como ela recitava o Heine. Ao sublinhar as ironias do *Intermezzo* os lábios reviravam-se-lhe, nas comissuras, e abriam sobre a brancura dos dentes com tal expressão de crueldade que apeteçê-la em tais momentos seria sadismo puro...

Vem a pelo observar, entre parênteses, que esse quase diabólico sorriso, embora comentasse admiravelmente o poeta e mau grado o meu confiado enternecimento, me causava sobressaltos de instintivo pavor...

A nossa intimidade cresceu a ponto de ao fim de pouco mais de uma semana me encontrar transformado em seu cavalheiro servente, no meu íntimo, e aos olhos do mundo tolerado chichisbéu.

Quando saíamos de noite — eu passara a ser parte indispensável em todas as reuniões e divertimentos para que a convidavam — ou que fôssemos

ao teatro, ou, depois do serão, dar uma volta por Kalverstraat e comer ostras no van Laar, ou ainda a algum restaurante de menos nome, desses tão frequentes na Holanda que parecem câmaras de navio, de madeira envernizada, onde as ostras melhor sabem talvez, era eu quem levava o seu «indispensável» com a caixa dos pês de arroz, o espelhinho, o lápis de carmim e o mais de que se compõe o arsenal portátil de uma senhora elegante; era eu quem lhe tirava os «abafos» à entrada e me incumbia de lhos pôr à saída, encantadora operação esta, pois, como então se usassem aquelas mangas «gigó», prodigiosamente infladas nos ombros, que era necessário acomodar cautelosa e carinhosamente dentro dos casados ou aninhar debaixo das capas evitando amarrotá-las, para as dispor em ordem as minhas mãos, mais ou menos inocentes, exploravam-lhe o estofado das espáduas, a branda curva dos braços e, alguma que outra vez, descansavam na saliência do seio túmido e farto.

Ela parecia, no começo, despercebida de todas estas minúsculas manobras, mas quando se repetiam — e era sempre com redobrada audácia — nos seus lábios aparecia o mesmo enigmático sorriso com que ilustrava as ironias do Heine, e eu dava-me por entendido, atribuindo-lhe, embora medroso, o sentido de doce correspondência.

Julguei então oportuno preparar-me para qualquer surpresa agradável e lembrei-me do estabelecimento de Madame Anthonissen, que me fora recomendado pelo próprio Elias Bega em local apropriadíssimo a entrevistas amorosas, na confluência de várias ruas e canais, junto a Weesper Poort.

Confeitaria, modas e gabinetes à discrição, em casa de três andares, remate ou proa de um quarteirão em forma de galeota, já flutuante e que esperasse a abertura de algum dique para seguir derrota pelo mar fora, o estabelecimento de Madame Anthonissen oferecia garantias suficientes a acudir às mais imprevisas eventualidades.

Além dos três andares, coroados de espaçosas águas-furtadas, dois pisos de subterrâneos, três saídas em terra firme e uma fluvial, esta, de todas, talvez a mais preciosa pelo vislumbre de aventura que despertava.

Eu frequentara o estabelecimento de Madame Anthonissen, no ano anterior, para me refocilar nos encantos de uma banhista de Sheveningen conquistada por uma tarde cromática de outono, diante das pinturas do Jordaens, na «Casa de madeira» do bosque da Haia. Fácil conquista, que de forma alguma exigia recatos, mas para lhe dar importância aos olhos dos meus amigos é que eu procurara o refrigério de Madame Anthonissen.

Agora abençoava a inspiração da minha vaidade, graças à qual me familiarizara no estabelecimento, o que me permitia — se tão doce prêmio me fosse um dia concedido pela Providência — levar ali a minha Leonor Gelder, sem enleios nem preâmbulos de classe alguma.

Tudo, de resto, parecia conduzir-nos a esse desfecho. A nossa intimidade já chegara à confiança dos desgostos conjugais: incompatibilidade irreduzível nos caracteres; loucos desperdícios em que o marido lhe malbaratara o dote, e supostas — senão irrefragáveis — provas de traição, até.

E no entanto ela confessava ser uma pobre e fraca mulher, sem defesa para as seduções mundanas, e se não fora o esteio, de que a sua alma se socorria, no amor ao único filho que lhe restava, apontando-lhe o dever de guardar fidelidade ao pai e, mais, de por ele se sacrificar buscando modo honroso de o salvar de uma situação financeira bem precária — para o que, principalmente viera a Amesterdão — como resistiria às solicitações carinhosas de uma «alma irmã» que logo de princípio em mim reconhecera.

Ah! E nesse meio hostil onde se encontrava — pois nenhum mais hostil para uma senhora só do que o da própria família do marido...

Por tudo isto certamente perpassava uma espessa nuvem escura: a obrigação de desembaraçar os negócios do marido. Mas eu como que a entrevia vagamente sem a relacionar com a minha possível colaboração. Leonor Gelder, com efeito, ressumbrava sentimentos elevados, pureza de afetos, e dedicação desinteressada...

Estava claríssimo que este episódio amoroso se acelerava ao almejado desfecho e à primeira crise, muito em breve — os seus olhos azuis refletiam a miúdo, nas mais recônditas profundidades, clarões de irrefreável lascívia —, nos iríamos acolher ao cupidíneo asilo de Madame Anthonissen...

Mas a realidade não correspondia aos demandos da minha imaginação. A cotação dos cafés à compita com o sonho de amor que Leonor Gelder dimanava davam à minha vida a mais intensa expressão de plenitude; especulação e sentimento, porém, mantinham-se inalteravelmente, ou com leves oscilações, avaros em provas irrecusáveis de favor.

Nem os cafés subiam acima de 70 — o que não dava margem a uma liquidação lucrativa — nem Leonor Gelder cedia às minhas insinuações de que seria fácil completar, mesmo naquela Amesterdão de papelão e vidraças, ao abrigo de quaisquer indiscrições, aquilo que eu pretendia ser a nossa comum felicidade.

Propositadamente, e com uma arte intimamente capitulada de serpentina, lhe ia explicando, para elucidação de casos frequentes ocorridos na cidade, onde certos maridos iludiam a vigilância das esposas — e vice-versa — (coisa aparentemente difícil, dadas as condições da vida holandesa) durante muitos anos, sem que por parte do enganado se levantasse a mínima suspeita, lhe ia explicando, pois, a existência de hospitaleiros estabelecimentos congêneres daquele de Madame Anthonissen, aos quais concorriam indistintamente damas de comprovadíssima honestidade, endurecidas adúlteras e meninas viciosas, nunca imaginando, sequer, as primeiras, quanto a sua presença facilitava às outras o livre exercício da voluptuosidade desencabrestada.

Aconteceu mesmo um dia que, ao meu encarecimento da hábil disposição e arranjo da casa Anthonissen, ela mostrou desejo de a visitar e após umas horas de cálida flartação, naquele maravilhoso gabinete da coleção Six, onde o incomparável Vermeer espargue perpetuamente réstias de sol, horas leves mas excitantes durante as quais muitas vezes os nossos lábios se colaram e as minhas mãos avidamente perscrutaram na tepidez da sua peliça os venustos pormenores do seu corpo, lá fomos, com efeito, mas debalde.

Leonor percorreu rapidamente várias salazinhas devolutas, cujos sofás pareciam incitar-nos ao imediato complemento da obra iniciada na casa Six, recusando ficar em qualquer delas, e aceitando tão-somente uma chávena de chá num canto da confeitaria que mais a expunha à curiosidade dos transeuntes.

E como eu lhe observasse, já sofismado e desmentindo os anteriores esclarecimentos, que tudo isto poderia muito belamente redundar em «honra sem proveito», pois casas como a de Madame Anthonissen de um dia para o outro ganhavam fama duvidosa, e a alguém que ali nos visse juntos ocorreria imaginar-nos já regressados do interior do estabelecimento, ela, acentuando o seu misterioso revirar de lábios, levantou-se com afetada precipitação, murmurando:

— Sim, meu amigo, vamo-nos embora...

— Mas um dia voltaremos, não é verdade?

— Talvez... Sim, voltaremos... quando eu lhe disser. Dias depois, jantando eu em casa de Elias Rega, como sempre ao lado de Leonor, alguém referiu um caso passado na Bolsa, que fez rir a todos os comensais. Os holandeses pelam-se por calemburgos e trocadilhos e sucedeu que, um dia,

certo negociante rico a quem perguntaram notícias de outro negociante pobre, notoriamente dependente do primeiro e cujo crédito periclitava, respondeu, acudindo à reflexão de que talvez sofresse de «influenza», moléstia que então grassava com extrema intensidade:

— Não é de «influenza» que ele sofre, mas de «insolvenza»...

O motejo, de que toda a gente saboreou o amargo sal, apressou à vítima, realmente doente de influenza, a fatal bancarrota, mas apenas restabelecido da enfermidade — nunca da quebra — ei-lo que aparece na Bolsa e sub-repticiamente prega nas costas do gracioso um escrito de letra gorda dizendo:

— Sem «influenza» nem «insolvenza» padeço de «cornenza». O escândalo foi estrondoso, tanto mais que a «cornenza» era autêntica.

Leonor Gelder lembrou-se de que seria interessante a «hora da bolsa» e voltando-se para o cunhado perguntou se era proibida a entrada às senhoras.

— Pelo contrário. Entram de graça e muito bem recebidas...

— Então, Elias, há de levar-me lá um dia...

— Eu, com todos os meus negócios? Seria divertido... para ti. Mas porque não vais com o teu companheiro?...

— Porque receio causar-lhe aborrecimento...

— O quê? ele que não perde um dia só de bolsa e especula em cafés...

— O senhor joga nos cafés? — exclamou ela, fitando-me quase assombrada.

— Mas decerto... — retorqui, entre tímido e vaidoso.

— Ah! Não sabia. É negócio que demanda grandes capitais e tem arruinado muita gente... Mas também a muita tem enriquecido...

— Pois eu espero que nunca me há de fazer abalo... — redargui já senhor de mim e com o entono de quem tivesse as cotações na mão.

— Visto isso amanhã leva-me à Bolsa — disse ela em tom de carinhosa ordem.

— Com o máximo gosto.

— A que horas?...

— À uma em ponto aqui estou com o trem à porta.

Leonor Gelder tornou-se no decorrer de todo o serão tão completamente amável para comigo, que se me entreabriu radiante a esperança de a ver de vez rendida, mas medroso, cuidando não fosse tudo ilusão do desejo, a redundar, para breve, em cruciantes realidades, mal me atrevia a deixar a casa dos Bega, e por fim quando saíam os últimos

convidados ainda eu não resolvia a soltar-lhe a mão que ela liberalmente abandonara entre as minhas.

Era a máxima embriaguez da paixão, que rematou em loucura quando ela, fitando-me demoradamente, me disse a meia voz:

— E depois da Bolsa vamos tomar chá a casa de Madame Anthonissen...

De envolta com a chuvinha gelada que na rua me bateu na cara, quase me desencadeou o cérebro a impressão de que estando Elias Bega à nossa beira no momento da despedida, necessariamente ouvira pronunciar o nome de Madame Anthonissen; e fora ele quem precisamente me fornecera o seu endereço, ajuntando as informações indispensáveis a poder utilizar-me do cómodo estabelecimento.

Mas que importava isso?

Que noite eu passei de voluptuosidades prelibadas, de fantasias eróticas, de lascivos devaneios e com que sufocante ansiedade não esperei a hora de ir buscar a minha idolatrada Leonor!

À uma em ponto do dia seguinte encontrava-me à porta de Elias Bega. Dir-se-ia que o tempo quisera colaborar na minha felicidade, pois cessara a chuva e, sem que o frio aumentasse a ponto de molestar, desassombrou-se o céu até ao enevoado ténue restituindo à atmosfera o seu carácter deliciosamente holandês.

Leonor Gelder apresentou-se nesse dia vestida com tão primoroso gosto, num traje de seda e arminhos como que vaporoso — sem dúvida mais adequado a sarau do que a passeio —, composto a propósito para dar todo o relevo ao seu rosto de heroína dos *Nibelungen* de que ela, de resto, possuía o sonhado porte e a grácil esbelteza; tão maravilhosamente bem vestida, que umas crianças esfrangalhadas, pobrezinhas em cata de pão, correram para ela e em vez de lhe pedir esmola só tentaram beijar-lhe as mãos... no que ela não consentiu muito sensatamente para não manchar as luvas.

Sem dúvida, também, para não estragar ou prejudicar o aspeto do seu traje, sujeitando-se a qualquer amarrotadela, durante o trajeto conservou-se imóvel, a bem dizer, hirta, a ponto de me cortar toda a veleidade de, levemente que fosse, a acariciar, frustrando-me assim nas delícias antegostadas à conta da inevitável intimidade do trem...

Mas a nossa entrada na Bolsa foi-me compensação mais que suficiente. Entrada triunfal!

Como a sua estatura excedesse a craveira habitual do holandês e levasse, para mais ajuda, um imenso chapéu emplumado, a sua cabeça passava

como estranha, indescritível flor, sobre aquela multidão de negros chapéus de coco, movidos no seu rasto em respeitosos cumprimentos.

Nada mais mulherilmente curioso do que o comerciante holandês e, habituado às *toilettes* indígenas, a surpresa que lhe produzia aquela aparição de beleza e elegância divinamente conjugadas, atingiu as raias da estupefação. O Barão Sanders e Peede, esquecendo os seus ressentimentos, mal me lobrigou, de muito longe, caminhou para mim de chapéu na mão e reconciliando-se com demonstrações de muito afeto, obstinou-se em nos fazer as honras da Bolsa, guiando-nos como indispensável batedor, através da turba compacta dos banqueiros.

Para os lados das empresas marítimas o Koninklyke, o Nederlandsche, o Stoomboot, o Maatschappy, todos vieram, à uma, pressurosos e afáveis, ventarolar-nos com as suas cartolas sovadas.

Os negociantes de cereais produziram um coro de ah! ah! como que solto por fabulosa tarara e os fruteiros estendiam-nos avidamente os focinhos, abrindo as ventas em aparições enormes e lambendo-se à nossa passagem, como se Leonor Gelder fosse uma tâmara moscatel. Enfim, no canto dos cafés onde justamente batia a hora da cotação, os corretores precipitaram-se ao nosso encontro enquanto o pregoeiro, do seu estrado deserto, gritava baldadamente e, a meu ver, fatidicamente: 69, 69, 69!

Aqui me acudiu então um reles, desgraçado, invencível ímpeto de snobismo; dando de cara com o meu corretor pergunto-lhe:

E os cafés?...

— O seu Rio?

— Sim.

— Precisamente o pregoeiro está com ele...

— Ah!

— 69...

E eu com um grande ar negligente, mas nem por isso menos imperioso, ordenei:

— Liquide, liquide... E já próximo da saída ainda o certificava de longe, com um gesto, da necessidade de liquidar...

Quando nos encontrávamos no trem, dado que foi ao cocheiro o endereço de Madame Anthonissen:

— Então Leonor, que impressão lhe causou tudo isto?

— Curiosíssimo... Mas o meu amigo deu ordem para liquidar o café?...

— Pois que dúvida?...

— E era muito importante a quantidade?...

— Uns milhares de sacas...

— Com grande lucro?

— Nem eu sei bem, minha querida... — e com estas palavras lhe tomei definitivamente conta da mão direita, cuja luva comecei a descalçar e que ela não mais tirou das minhas mãos.

Madame Anthonissen, já prevenida, guiou-nos ao mais secreto dos seus gabinetes onde havia uma vasta marquesa sobre a qual, ato contínuo, eu, meio cego de luxúria, tentei — com vergonha o digo — brutalmente vencer a pudica resistência da minha companheira. Mas ela muito senhora de si, mostrando extraordinário vigor muscular, repeliu-me e, impassível, sentou-se à mesa coberta de guloseimas e vinhos finos, dizendo:

— Temos a tarde inteira por nós e eu sinto um endiabrado apetite. Os bolos de Madame Anthonissen são tão bons!... Não acha?...

Resignadamente abanquei e também comi...

Mas os doces ficavam-me atravessados na garganta. Cada olhar de Leonor Gelder era uma descarga elétrica que me paralisava todas as funções fisiológicas, salvo, afortunadamente, aquela mais necessária ao caso sujeito, a qual surdamente se desenvolvia em energias indomáveis.

A não sentir esse constante rebate responder às aguilhoadas de fogo que o desejo me cravava nas entranhas teria desertado logo, deixando Leonor Gelder a embutir-se de bolos e a saturar-se de marsala.

Mas de repente ela enxugou os lábios, olhou-me detidamente e encetou a confidência que eu esperava — pois já me bacorejava o coração de pavoroso — e arrastando a voz, num contralto mais grave do que lhe era usual:

— Meu amigo, quanto estimo que realizasse hoje uma operação lucrativa: foi talvez por influência minha e pensando assim é que me atrevo a pedir-lhe um assinalado... imenso favor. Como já lhe deixei entrever, a situação económica do meu detestável marido é péssima. Está em vésperas de bancarrota, que os severos tribunais alemães sem dúvida classificarão de fraudulenta. Embora ele nada mereça, o meu dever, em atenção ao futuro do meu filho, impõe-me a obrigação de, por todos os meios ao meu alcance, tentar salvá-lo. Nesse intento vim a Amesterdão solicitar de meus cunhados uma caução de cem mil marcos, mas duvido que a consiga. Eles são ricos, porém avaros, como dignos representantes da minha ditosa raça. No entanto afigura-se-me, ou, melhor, tenho a

certeza de que, se meu marido dispusesse atualmente de uma certa quantia em dinheiro, vencia o perigo ou pelo menos adia a largo prazo a terrível catástrofe e eu saía da humilhante situação em que me encontro, mendigando de meus cunhados auxílios que me vexam profundamente e tanto mais quanto é certo, como haverá observado, fazerem-me ambos a corte, perseguindo-me por favores que me repugnariam mil vezes mais do que a morte, sobretudo agora, quando eu tive a dita de encontrar um verdadeiro amigo, um homem que — os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas e purpurejou-se-lhe o rosto — sinceramente amo...

— Leonor!... — exclamei ajoelhando-me aos pés, mas ela, atalhando, continuou entre soluços:

— São vinte e cinco mil marcos apenas, meu querido amigo, a quantia indispensável...

— Vinte e cinco mil marcos — repeti automaticamente.

— Sim, apenas vinte e cinco mil marcos — reiterou nitidamente.

Eis o resumo da cena capital desta verídica novela, penso eu, agora, ao escrevê-la; mas quem a pudesse reproduzir nas suas cinzeladas minudências! Com que indústria Leonor me foi levando ao sacrifício dos vinte e cinco mil marcos!... Que arte subtil, que enredada maneira de vibrar as mais íntimas cordas da voluptuosidade e do sentimento!

Mas os vinte e cinco mil marcos levantaram-se entre mim e ela como inexpugnável barreira. Filho-família, pródigo, mas sopeado por um pai inteligente, e severo, não me seria exequível arranjar aquela soma sem recorrer a expedientes vergonhosos, que, mesmo assim, demandariam tempo e trabalho. Acrescia que a liquidação do famoso negócio de cafés — ordenada; demais a mais, em termos que ainda me prejudicariam — cortava-me a esperança de qualquer grossa receita eventual.

Em tanto durou a exposição, feita por Leonor, em tom grave e musical, os ouvidos zumbiam-me e ao explodir a fabulosa soma pôs-se-me a casa a andar à roda.

Perdi completamente a serenidade e honestamente lhe narrei a «verdade» da minha especulação em cafés e a dura impossibilidade em que me achava de a socorrer com qualquer quantia valiosa.

Ainda hoje não sei se fiz bem ou mal procedendo assim, mas quando me lembro da forma como se lhe acentuou o malicioso e cruel revirar dos lábios tão depressa se viu desenganada, quase sinto pena de a não haver burlado para obter de graça o que ela pretendia vender tão caro...

Ia eu levando a cruz da minha ingénua confissão quando nos bateram à porta. Eu abençoei o incidente supondo que prestaria diversão agradável ao dramático lance, mas como descrever a minha surpresa ao receber das próprias mãos de Madame Anthonissen o cartão-de-visita de Elias Bega — vindo, explicava a mensageira, a meu convite.

— Meu cunhado... — observou Leonor sem dar mostras de abalo —, diga-lhe que entre...

E assim foi. Elias apareceu sorrateiro e sorridente e sorridentíssimo o recebi eu já repostos das passadas comoções... Atirámo-nos os três aos bolos e ao vinho que me escoava pela garganta desimpedida servido à compita, como néctar e ambrósia, por aquela autêntica Hebe e por aquele falso e duro Ganimedes hebraico.

No dia seguinte o correio trouxe-me, com a primeira edição do *Handelsblad* que eu me habituara a receber na cama desde que iniciara a especulação em cafés — duas cartas e um bilhete-postal que li de relance. Era de Madame Lastman e dizia:

— Parabéns; mas por onde anda metido que ninguém lhe põe a vista em cima?

Embora o sentido deste bilhete fosse ambíguo, eu relacionei-o com a minha visita à Bolsa onde avistara o banqueiro Lastman.

As cartas vinham, uma do corretor de cafés, incluindo a conta da desastrada liquidação que se efetuara com duzentos e tantos florins de perda, e a outra de Elias Bega anunciando-me que saía nessa mesma manhã para Londres, por alguns dias, levando a mulher e a cunhada que ainda não estivera em Inglaterra. Experimentei um estranho e profundo alívio, pois a perspectiva de me encontrar imediatamente com Leonor Gelder toldava-me o espírito, alanceava-me o coração e a ideia de lhe fugir oprimia-me como prova de insofrível baixaza.

Assim meditando, abri maquinalmente o *Handelsblad* e instintivamente procurei a cotação dos cafés. Em vez, porém, de a encontrar no lugar habitual deparei logo na primeira página com um extenso artigo, sob a rubrica «Cafés», em letras garrafais, que a minha ignorância do idioma me impediu de decifrar, mas seguido da cotação onde se lia:

Havre, 6 h. da tarde: Rio 75 — muito firme. — «75!»

Involuntariamente calculei: se ainda tivesse as minhas mil sacas — ah! Agora é que percebia os «parabéns» de Madame Lastman — se ainda tivesse as minhas mil sacas ganhava doze mil francos!

Chamei o criado para me traduzir o artigo. A alta viera subitamente mercê de inesperadas perturbações políticas no Brasil e de grossas especulações de Bolsa; previa-se que continuaria até limites nunca atingidos...

Com efeito, nesse mesmo dia, na Bolsa de Amesterdão os cafés chegaram a 79 francos — já ganhava vinte mil francos — e três dias depois, quando Elias Bega regressava de Londres, a cotação marcava 85 — trinta mil francos de lucro!

Desorientado, mas decidido a emborcar o cálice da amargura até às fezes, procurei-o sem demora. Elias acolheu-me com redobrada cordialidade.

— Então, que tal de viagem?

— Perfeitamente. Londres vai-se transformando; é já uma cidade de prazer em competência com Paris ou Viena...

— E Leonor gostou?...

— Muitíssimo...

— Ela deve ter voltado fatigada...

— Não, nem por isso. E a prova é que mesmo esta manhã partiu para Bruxelas com meu irmão que lá foi igualmente por três dias, na companhia da mulher, e também a quis levar...

— Ah!...

— Leonor não esteve ainda em Bruxelas...

— Nem estivera ainda em Amesterdão...

— Nem em Londres...

— Nem em casa do diabo...

— Dir-se-ia que ao meu amigo agradam pouco as viagens de Leonor Gelder...

— A mim, porquê? Sobretudo sabendo-a em honrada tão companhia... Mas francamente, Elias, ao senhor e a seu irmão esses passeios não devem sair baratos...

— Talvez... Que eu não sei quanto possa valer tão deliciosa mulher...

— Deliciosa, com efeito, mas cinquenta mil marcos...

— Vale isso e... mais. Eu, porém, com os encargos da minha casa e tantos filhos como tenho, é que não estou no caso de me atirar a mulheres desse preço. Combinei-me com o meu irmão e arranjàmos o negócio por dez mil marcos cada um.

— De contado...

— Não, a três meses...

— Pobre Leonor!

— Não esquecendo o meu papel de chefe da família a que ela pertence e confiando sempre no seu auxílio, para adiantar o resto, não acho Leonor digna de lástima...

— E você, Elias, já está pago?

— Sim... Para isso fomos a Inglaterra. Mas que mulher de fogo e ao mesmo tempo que sangue-frio! Quase que pecávamos nas bochechas da minha mulher. Agora meu irmão está na cobrança em Bruxelas...

— De forma que a cena em casa de Madame Anthonissen foi um lance montado de antemão...

— De modo algum, querido amigo. Eu é que me aproveitei ao ouvi-lo na véspera, em minha casa, pronunciar o nome de Madame Anthonissen, que eu próprio lhe recomendara, lembre-se. Medi logo a facilidade que representaria para mim apanhá-los com a boca na botija. De resto parece-me que tenho direito à sua gratidão: dei-lhe tempo de sobra para tudo e livre-o da maçada de carregar, Deus sabe por quanto tempo, com uma mulher casada.

— O meu amigo parece-me que não está exatamente ao corrente do que se passou comigo em casa de Madame Anthonissen...

— Exatamente talvez não, mas aproximadamente com certeza.

— E a sua cunhada demora-se ainda por cá muito tempo?

— Segue para Mogúncia logo que volte de Bruxelas. O marido exige a sua presença quanto antes; espera um hóspede russo...

— Bem...

— ... de grande importância, pois é o seu principal credor...

— Pobre Leonor!

— Vejo que se obstina em a lastimar sem razão. Eu conheço o hóspede: é um muito amável rapaz... que ainda não dobrou o cabo dos cinquenta...

— Bem... Sempre bem. Mas agora o que importa é que eu a veja a... nossa Leonor antes da saída para a Alemanha. Entendo que a melhor ocasião será no bota-fora.

— Também me parece...

— Conto consigo para saber a hora da partida.

— Esteja certo...

— Adeus.

De facto a ideia de que Leonor poderia partir sem que eu a visse causava-me a mais intolerável tortura; ao meu cérebro não acudia desejo algum de vingança, nem tão-pouco me palpitava o coração ao entrever a

esperança de me aproximar dela; mas os nervos crispavam-se-me ao pensamento de que a não a tornaria a ver, como se vista depois de poluída, ela me desvanecesse na memória, por completo, a imagem que se impusera ao meu amor e ainda me pesava...

Nessa noite a cotação dos cafés marcava 89 e, no dia da partida de Leonor Gelder, 95. A caminho da gare assim o verifiquei no autorizado *Handelsblad*: seriam cinquenta mil francos de lucro, que davam para comprar a minha vida, pagos que fossem os vinte e cinco mil marcos exigidos pela minha adorada Leonor, a qual, seguramente, quando fomos a casa de Madame Anthonissen já levava na algibeira uma letra cheia por essa importância, onde só faltava o meu aceite.

E se eu lho perguntasse agora à despedida? Foi o único lampejo revelador do vil despeito, que a dor me sugeriu, logo apagado pela reflexão: seria um vexame cruel e inútil...

Leonor pareceu-me linda como nunca, o rosto porventura levemente mais ensombrado de melancolia. Estendeu-me a sua mão com extremo desembaraço e os seus olhos pousaram nos meus sem sobressalto, acariciando-me com uma expressão fraterna que muito admirei.

Quando ela se encontrava já no seu compartimento e debruçada da janela recebia as últimas saudações da família, eu disse-lhe então, sem medir rigorosamente o alcance das minhas palavras:

— Minha querida Leonor, a senhora que conhece o Heine a fundo não se lembra do seu comentário a respeito do conde Raimundo de Poitiers amado por Melusina, que era metade mulher, metade serpente?...

— Não — respondeu serenamente.

— Observa o poeta: feliz, Raimundo cuja amante só era meia serpente...

Leonor permaneceu impassível, se bem que através do espesso véu de viagem se lhe vissem revirar atrozmente os cantos dos lábios; as senhoras presentes entreolharam-se surpreendidas e os homens sorriam discretamente.

Nisto a máquina silvou e o comboio partiu para sempre...



*A Ricardo Malheiros*



## GENTE SINGULAR

Divorciado do romantismo, esse movimento febril e doido através do qual, no entanto, parece indispensável que a alma passe para aí largar, como se fosse em depurativo alambique, as suas escórias e renascer restituída ao seu definitivo aspeto, divorciado pois do romantismo e reintegrado na minha lídima idiosincrasia poética, me transladei pela primeira vez das frescas, umbrosas margens do Lima às tórridas plagas algarvias.

Era uma peregrinação forçada, graças aos maus figados de um senhor cacique, alvo frequente das minhas gazetilhas no *Pensamento de Viana*.

Meu tio e protetor, cónego da Sé de Braga, tratou de me recomendar a um seu colega ossonobense, Monsenhor Romualdo Simas, com quem mantinha correspondência aturada por motivos concernentes à numismática e ao filatellismo e, tão depressa o meu perseguidor me cortou as derradeiras evasivas com que eu pretendia iludir as ordens ministeriais, pus-me a caminho de Faro.

Duríssima travessia!

A linha férrea mal chegava a Beja, onde se tomava a dolorosa diligência de Mértola que, por seu turno, transbordava os viajantes num vaporzinho manhoso sobre o qual se descia o Guadiana até à foz, e dali, na pombalina Vila Real de Santo António, outra diligência nos joeirava os já desconjuntados ossos pelo decurso das muitas horas necessárias a alcançar Faro.

Os percevejos de Mértola — e um quadro a missanga, principal ornamento da sua estalagem, representando um cãozinho de água levando na boca um cesto de cerejas, ilustrado pela seguinte legenda:

*De meu tio o senhor José,  
 Certamente sou sobrinha,  
 Eu, Maria, e peço que  
 Sim me aceite esta avezinha.*

— o calor que dos xistos marginais do Guadiana se refletia por catódicas labaredas no vaporzinho, convertendo-o em frigideira dos passageiros, e as sufocantes nuvens de ardente poeira da estrada algarvia são as mais claras recordações que me ficaram de tão calamitosa jornada.

Cheguei a Faro de noite e batiam ronceiramente as nove no relógio da Sé quando eu tangia a sineta de um imenso portão, em casa apalçada, aonde me conduziria o portador da minha bagagem, espécie de macrocéfalo a quem eu indicara o nome do cónego Simas.

Pelo caminho tentei colher informações sobre o meu hóspede, mas tudo se baldou na insuficiência intelectual do meu guia.

Após dobrados toques abriu-se uma janela de sacada onde assomou um vulto negro, soltando um muito admirativo «Ah!» e retirando-se *in continenti*. Seguiu-se-lhe outro vulto negro e depois outro e outro, repetindo cada qual, com idêntica intonação, o «Ah!» do primeiro recolhendo-se sem demora.

Embora o portão permanecesse fechado, entendi dever cessar os toques de sineta, visto como os moradores já se haviam apercebido da minha presença, mas no relógio da Sé, em cuja vizinhança ficava o prédio, rebentou o primeiro quarto, precedido de um estranho cascalhar de chapas ferrugentas, sem que alguém acudisse ao portão.

Segui o exemplo do meu guia que se sentara na extremidade do baú de coiro — recetáculo da minha roupa fina e de alguns manuscritos — e, aproveitando a extremidade livre, sentei-me e meditei:

Um quarto de hora para se abrir a porta a um hóspede esperado e desejado, pois os ternos de que o cónego Simas usara, no seu convite e oferecimento a meu tio, não deixavam dúvidas a tal respeito, parece-me exorbitante; e sem atinar com a explicação do caso, já meio resolvido a perguntar pousada em qualquer hotel, de puro moído e ouvindo roncar o macrocéfalo na outra extremidade do baú, me deixei dormir ali mesmo.

Entre sonhos percebi que o relógio por muitas vezes despedia a sua cascalhada de ferros velhos e dava horas, até que, meio desperto, contei, com assombro, onze badaladas e erguendo-me num ímpeto de indignação encandeio-me na luz de quatro lanternas que outros tantos vultos negros, no limiar do vasto portão, seguravam a braço estendido...

— Acordou... — exclamaram em coro de vozes soturnas.

De entre os quatro vultos negros, de vestes talares, que a princípio supus serem padres, adiantou-se um que realmente o era, e aflautando a voz interrogou:

— É o nosso hóspede, não é verdade?

— E V. Ex.<sup>a</sup> Monsenhor Romualdo Simas?

— Seu humilde criado; e aqui estão as minhas três irmãs, Sebastiana, Prudência e Faustina...

Aos três nomes corresponderam três medidas de minuete feitas por criaturas embiocadas em lenços negros, trajando rigoroso luto, cujos rostos macilentos, de feições opadas, poderiam, no seu acentuado caráter monástico, pertencer indiferentemente a pessoas de qualquer dos sexos que houvessem dobrado o cabo dos cinquenta.

— Tenha a bondade de entrar — acrescentou Monsenhor.

Atravessámos em fila chinesa — as três irmãs adiante e eu entre elas e o cónego — um pátio calçado a seixos, subimos uma larga escada de dois lances ao cimo da qual uma criada tomou das mãos dos meus hóspedes as respetivas lanternas, apagando-as e pendurando-as num renque de escápulas pregadas na parede, e metemo-nos por um extensíssimo corredor sem luz guiados pela frouxa claridade que ao fundo bruxuleava de uma porta entreaberta. Por ela entrámos à sala de jantar, onde encontrei a mesa posta, apenas alumiada por uma espécie de lâmpada de altar, de metal amarelo, fechada em vidros e suspensa do teto.

Abancámos, ficando eu à direita de Monsenhor Simas que tomou o assento numa cadeira da forma usada para crianças, a que faltava a guarda dianteira, em cujos buracos ele enfiou os polegares. Então reparei que na sua frente havia uma urna de madeira sobre a qual estava posto o seu talher, permitindo-lhe assim tomar as refeições sem se dobrar, pois que os joelhos, naquela cadeira alta, lhe ficavam ao nível da banca.

Acomodados que fomos em volta da mesa fez-se um silêncio sepulcral. A fraca luz da lâmpada não deixava distinguir o conteúdo das várias travessas preparadas para a ceia, mas à minha beira luzia, um prato de

vidro, um montão de enormes e apetitosíssimos figos lampos e o mesmo sucedia à beira dos outros comensais.

De repente uma das irmãs do cónego perguntou-me em voz trémula:

— Gosta de figos lampos?

— Sim, minha senhora, muitíssimo.

— Por causa deles o fizemos esperar — ajuntou outra.

— Nós é que os fomos apanhar ao quintal com as nossas lanternas — observou a terceira. E cada uma por seu turno:

— Apanhados de noite são mais frescos.

— E mais gostosos.

— Os figos lampos!

— Os figos lampos!

— Os figos lampos!

Cada uma delas repetiu, soluçando:

— Os figos... lampos... — e depois, à uma, em desatado choro:

— O que a nossa mãezinha gostava deles!...Aqui interveio Monsenhor, lacrimoso também:

— A nossa boa mãezinha... já... lá... está... já morreu!

— Não morreu... não morreu... — protestaram elas com ruidoso pranto.

— Morreu e já... não... come... figos... lampos...

— Ai! Não diga isso, mano, não diga isso...!

— Nós já vamos ver... se morreu...

— Vamos lá...

— Vamos lá...

E as três senhoras levantaram-se e, em gritos feridos, sumiram-se nas trevas do corredor, deixando-me mudo de verdadeiro espanto.

Mas eu sentia fome e como o cónego recaísse em modorra — sem dar outro acordo de si além do febril movimento dos dedos que enfiava e soltava dos buracos da cadeira — pensei que ao menos havia de provar os tais figos lampos, causadores de tão excruciantes recordações.

Apalpei no montão, escolhi aquele que me pareceu mais maduro, pelei-o e quando o levava à boca, para que Monsenhor não reparasse tanto na minha sem-cerimónia, digo-lhe:

— E a mãe de V. Ex.<sup>a</sup> morreu de muita idade?

— Morreu de... uma cólica... a pobrezinha...

— Há quantos anos?

— Morreu hoje... hoje... às duas da tarde...

— Ó demónio! — Soltei eu involuntariamente, deixando cair o figo no chão. — E já se enterrou?

— Não senhor... Está lá dentro com as visitas... Quer o meu... amigo vê-la... e rezar-lhe um padre-nosso... e uma... ave-maria por alma?...

— Decerto... E logo sairei em busca de outra pousada, pois compreendo muito bem como deve ser importuna a VV. Ex.<sup>as</sup> a minha estada aqui...

— Não senhor, não consinto, não o consentirei nunca... É uma obra de caridade acompanhar-nos em tão doloroso lance... Vamos rezar por alma da minha... mãezinha... e depois o levarei ao quarto que está preparado para o receber.

Não me atrevi a contrariar o meu hóspede, fiando de algum inesperado incidente ensejo a escapulir-me airoosamente, e segui-o a uma sala distante, convertida em câmara ardente, onde efetivamente jazia o corpo de uma senhora muito idosa amortalhada no hábito de S. Francisco.

Sobre uma essa pouco alta, cercada de tocheiros acesos, estava o caixão com a cabeceira aos pés de um colossal andor do Senhor dos Passos, dos que habitualmente figuram na procissão dos Terceiros; a sala encontrava-se inteiramente colgada de veludo negro agalado de prata, e em redor das paredes, sentadas no chão, um sem-número de mulheres, dormindo ou cabeceando, que não deram fé da nossa entrada no aposento.

Monsenhor Simas ofereceu-me o hissopo com que piedosamente espargi água benta sobre a morta, e logo ajoelhámos para rezar. Mas ainda bem não começávamos o primeiro padre-nosso quando vejo levantar-se um dos panos de veludo que ocultava uma porta, e apareceram três fantásticas figuras de ursos com trombas de elefante que saltavam, aos pulos, pela casa fora e chegando-se à morta, com desusados urros e agudíssimos guinchos, como que procuravam despertá-la.

Quem nunca viu o capote usado pelas mulheres algarvias e a volta que elas dão à ampla gola em redor da cabeça para fazer o que chamam rebuço, quem nunca viu na rua ou na igreja esses monstros apocalípticos não poderá julgar da propriedade com que eu, para mais desprevenido, capitulei as três estranhas aparições de ursos com tromba de elefante.

Como todos aqueles gritos não surtiram o efeito desejado, os monstros saltaram as mãos das pregas dos capotes e, um tangendo viola e os outros pandeireta e castanholas, encetaram um desaforado desconcerto de canto e música onde as malaguenhas, fados e jotas se entremeavam de uivos, grunhidos e relinchos perfeitamente imitados e, dançando sempre, deram

repetidas voltas à roda da essa, debruçando-se de vez em quando sobre o caixão a ver se o cadáver dava sinal de si...

Mas a inesperada aparição dos fantasmas pôs em sobressalto a assistência, na maioria composta de beatas, que, estremunhadas e não dando conta do que se passava, desataram a correr loucamente pela casa, arrepelando-se e clamando socorro do céu como se houvesse chegado dia de juízo...

No entanto, os ursos de tromba de elefante atiraram com os instrumentos fora e desenvencilhando-se, a custo, dos respetivos capotes ficaram reduzidos a três velhas desgrenhadas, suando em bica, nas quais reconheci as senhoras donas Sebastiana, Prudência e Faustina que bradavam:

— Ai! Que a nossa pobre mãezinha está morta; nós queríamos meter-lhe um susto, mas ela está morta e bem morta; ai! Que já não vê as suas queridas filhinhas; ai! Que já não vai passear ao campo; ai! Que já não come figos lampos... — e assim por diante numa infinita ladainha, relembando quantos regalos a defunta poderia fruir se voltasse a esta vida.

Respondiam-lhe em pranteados «ais» as outras mulheres e como todas estivessem treinadas em rezas de coro prontamente se estabeleceu uma tal ou qual ordem naquelas lamentações, acudindo a assistência — e por fim eu também — com um unísono «ai!» a cada pausa do desvairado treno...

Eu estava hipnotizado como deve suceder a quem assiste às reuniões dos dervixes ululantes, mas no fundo da consciência percebia uma voz que confusamente me bradava: «isto não pode continuar assim; livra-te desta gente ou dás em doido varrido; cobra ânimo, foge e nesse momento reflexivo ergui-me e, agarrando-me ao braço do meu hóspede, implorei:

— Monsenhor Simas, por quem é permita que me retire!

— Sim, meu amigo, pois deve ter sono, que já se vai fazendo tarde; eu lhe vou ensinar onde é o seu quarto que fica paredes-meias com o meu...

E sem consentir que me fosse embora, como era meu firme propósito, levou-me a uma alcova muito bem posta, a qual ele inspecionou miudamente, esquadrinhado debaixo da cama e das cadeiras, à luz de uma lanterna daquelas com que eu fora recebido e que pareciam servir à iluminação da casa toda, e observando:

— Da natural confusão que nasce de tão tremenda desgraça não seria para estranhar que lhe faltasse alguma coisa...

E estas palavras, chamando-me à realidade, lembraram-me o meu baú que eu não via por ali. Pareceu-me oportuno advertir o meu hóspede

daquela falta, mas ele, sem me dar tempo a coisa alguma e sentando-se numa cadeira de verga, levantou os braços ao céu, exclamando tetricamente:

— Desgraçado de mim. Como é que eu vou dormir esta noite sem chuva?...

— Pois aqui chove todos os dias, Monsenhor?

— Não... É a chuva do meu sono... Ah! O meu amigo é que me podia valer nesta aflição...

— Com muito gosto.

— Sim? Pois dê cá um abraço... — e depois de me estreitar contra o peito, cujas polpas cediam com a flacidez de sumáuma, levou-me ao quarto imediato, que era o seu, e mostrou-me um maquinismo que, por fora da janela aberta para a varanda, permitia soltar a água de um regador sobre umas latas, produzindo o ruído da chuva.

— Sem ouvir isto é que eu não prego olho... E na natural confusão que nasce de tão tremenda desgraça quem é que nesta casa se lembra da minha chuva?...

Eu já não sabia que pensar de tanta loucura. Prometi fazer tanta chuva quanta o meu hospedeiro precisasse para conciliar o sono, e relembro o baú:

— Monsenhor, desculpe, mas onde poriam o meu baú?

— O seu baú, meu amigo?...

— Sim...

— Pois tinha um baú?...

— Sim...

— E o que contém esse baú?...

— A minha roupa, Monsenhor.

— E perdeu-o? Que estranho acontecimento... Mas o que admira na natural confusão que nasce de tão tremenda desgraça?!...

— Perdoe, Monsenhor, mas se ninguém o recolheu em casa lá se me foi com ele o macrocéfalo...

— O macrocéfalo?...

— Sim, o portador do baú...

— Ah!

— Esta janela para onde dá, Monsenhor? — inquiri, reparando numa sacada cujos reposteiros estavam corridos.

— Essa janela pertence à frontaria da casa.

Ouvindo isto corri a abri-la e logo divisei o vulto do macrocéfalo que fizera do baú travesseiro e que parecia dormir.

- Lá está ele — exclamei.
- Com efeito, lá está ele — repetiu Monsenhor, que me seguira.
- Vou buscá-lo.
- E eu vou consigo...

Fomos. Paguei e despedi o carregador e, ajudado do meu hóspede, pegando cada um de nós na sua argola, trouxemos o baú para casa.

Ao começo da escada diz-me Monsenhor Simas:

- Que pesado que é este baú!
- Com efeito não é leve...
- É sobrenaturalmente pesado... Tem o meu amigo a certeza de que dentro deste baú só haja roupa?...
- Sim, roupa — acudi logo enleado —, e também uns poucos manuscritos...

Monsenhor remeteu-se ao silêncio, mas no segundo patamar parou esbofado e observou:

- Este baú, desculpe que lho diga, tudo terá dentro menos roupa...
- Ora essa!...
- Pesa como chumbo... — e em voz cava — dir-se-ia que contém um morto...
- E esta agora — murmurei, estupefacto. Mas Monsenhor recomeçou:
- Neste baú há mistério. Quem sabe se enquanto ele estava confiado à guarda desse macrocéfalo que diz, lhe não meteram dentro um morto ou... o que seria pior... um vivo...
- Monsenhor, por quem é!...
- Não, meu amigo, a mais elementar prudência ordena que não introduzamos em casa sem rigorosa inspeção interna este outro cavalo de Troia...

— Nada mais fácil — obtemperei, procurando no bolso a chave.

Mas rebuscadas que foram todas as algibeiras não achei sombra de chave. Evidentemente tinha-a perdido.

- Não encontro a chave, Monsenhor!...
- Não... encontra... a chave... — articulou ele, meio sufocado, entanto punha a lanterna à altura do rosto e me fixava suspicazmente. E súbito, com ímpeto:

— Quem é que me abona a sua identidade?

Fiquei-me silencioso.

— Diga, quem é que abona?...

Novo silêncio que permitia ouvirem-se longe, mas distintamente, as lamentações à volta do cadáver. Reproduziram-se-me então na memória as cenas macabras a que assistira desde a minha chegada àquela casa e, no tumulto de impressões que

o cérebro, já abalado, experimentava, compreendi que ia transpondo as raias da alucinação.

— Não responde?... — continuou Monsenhor, e soltando uma gargalhada sardónica: — Ah! Não responde... Pois este baú tem que ser aberto... E já... — Os olhos esbugalhados, punhos cerrados, a boca cheia de espuma, batendo o pé, repetia: — E já.

Mas eu atirei-me pela escada abaixo, consegui correr o complicado ferrolho e desatei a fugir pelas ruas de Faro, com a cabeça ainda atordoada pelo espantoso estrondo que o portão fizera ao fechar-se e os nervos arrepiados por visões horrorosas...

Pouco depois amanhecia e como eu seguisse as ruas principais, num percurso que se repetiu várias vezes, deparei com a tabuleta de uma hospedaria defronte da qual esperei que fizesse dia claro e onde finalmente encontrei pousada.

Antes de me deitar dei ordem para que fossem buscar o meu baú a casa de Monsenhor Simas e remoendo nas recordações da extravagante noite que passara, levando à conta de comédia as loucuras do cônego, cujo fim era sem dúvida desembaraçar-se de um hóspede molesto, enlevei-me no sono e reatei o fio dos dislates reais com outros de igual jaez sugeridos pelo sono...

Acordei muitíssimo tarde, sem haver dado fé de que me tinham posto no quarto o meu baú. Chamei o criado — que era um homenzarrão com olhos de odalisca, farta bigodeira e quadris de uma abundância e relevo ridículos — para investigar do caso, mas ele, extremamente familiar, sentou-se-me à beira da cama e à minha pergunta: — «Então, o baú?...» — respondeu com expressão dengosa e cruzando as mãos sobre o peito:

— Para isso me chamou V. Ex.<sup>a</sup>?...

— Pois para que havia de ser?!...

— Ah!... É que eu chamo-me Celestino...

— Sim?...

— E sou afilhado de Monsenhor Simas... e com ele fui criado de pequenino...

- Bem, mas para que vem isso à balha?
- Julgava...
- Julgava o quê, homem?... Querem ver que você me sai tão doido como o seu padrinho...
- Então V. Ex.<sup>a</sup> não vê o baú ali, no meio da casa?... Com efeito o baú lá estava.
- Ah! Não tinha reparado... Pois trate quanto antes de arranjar um martelo e um escopro para o arrombar...
- Ora... e V. Ex.<sup>a</sup> não sabe que ele vem aberto!...
- Vem aberto?
- E enleado com cordas... Em cima lá está ainda a carta que Monsenhor Simas mandou com muitos recados para V. Ex.<sup>a</sup>...
- Bem; dê cá a carta e vá-se embora.

Celestino trouxe-me a carta e como eu me tivesse sentado na cama acomodou-me os travesseiros com maternal carinho e retirou-se a custo dizendo:

— Para tudo que V. Ex.<sup>a</sup> quiser tem aqui um criado às suas ordens; eu bem sei o respeito que devo aos amigos do meu bom padrinho...

Na sua carta Monsenhor Simas desculpava-se, atribuindo o que se passara à «natural confusão que nascera de tão tremenda desgraça», queixava-se da horrível noite que passara sem pregar olho, e amavelmente me recriminava por haver recusado «fazer-lhe um pouco de chuva»; oferecia a sua casa e o seu fraco préstimo, prometendo visitar-me depois dos oitos dias do nojo e servir-me de guia nos arredores de Faro onde «abundavam ruínas romanas de altíssimo interesse», etc.

Sobre o arrombamento do baú nem palavra.

Mas, em suma, considerava-me livre de Monsenhor Simas e das suas três manas malucas, e como nada me faltasse no conteúdo do baú, aliviou-se-me o espírito e muito bem-disposto para jantar me sentei à mesa do hotel, onde tive a dita de encontrar o doutor Ximenes, aquele doutor Ximenes má-língua, horrorosamente calvo e míope, que o país inteiro se não admira pelo menos teme.

Eu conhecera-o em Viana onde ele andara na inspeção de recrutas. Não me ligou a princípio importância alguma; sabendo porém, graças ao falatório do Celestino, que eu viera recomendado a Monsenhor Simas e passara na sua casa parte da noite, acudiu logo, curioso:

— E o que viu você, Pedrinho, de portas adentro desse manicómio?...

— Tanta coisa extravagante, senhor doutor, que se eu contasse ninguém acreditava...

— Sim?... — e afável — conte lá isso já, que aqui só há gente crédula e de confiança.

Os outros hóspedes eram o engenheiro hidráulico, o conservador da comarca e um tenente-coronel, também da inspeção dos recrutas, aos quais sem demora o doutor Ximenes me apresentou.

Solicitado por todos a fazer a exposição dos acontecimentos, acedi de bom grado e dessa forma captei as boas graças dos meus companheiros que alguns favores, depois, me dispensaram.

Todos, à uma, celebraram imenso a minha narrativa e estabelecendo-se a familiaridade desejada e necessária ao livre desafogo das opiniões e conceitos, daí por diante ninguém mais guardou recato em seus pareceres e comentários. Foi assim que, à sobremesa, se entabulou o cavaco indecente que transcrevo, embora com um tal ou qual afogamento de faces, por me parecer indispensável à claridade deste meu trecho de memórias.

Falando-se acerca de um dos mais conspícuos personagens locais o Dr. Ximenes saiu-se com esta:

— A sua reputação de corno é de tal ordem, e corre mundo com tal vulto, que é impossível olhar-lhe para a cabeça sem que imediatamente a figura cheia de aéreas ramificações caprichosas, como o lustre do Teatro de S. Carlos pelo Carnaval...

O conservador protestou, embora brandamente, pelo exagero. Mas o Dr. Ximenes estridulou uma das suas gargalhadas favoritas, que eram como um agudo e rápido coaxar de rãs, e retorquiu:

— E é você quem se atreve a pôr o caso em dúvida... Pois creia que ainda um inverno as cegonhas lá fazem ninho sem ninguém dar por isso... Ó conservador, você sabe o que eu ouvi ontem a seu respeito?...

— O que foi?

— Que uma das mais retorcidas hastes era presente seu!...

— Asneiras!...

— Ah! Que você é dos tais de quem o povo diz terem palavras de semana santa e obras de Entrudo... Mas ó Pedrinho, ainda você faz versos?

— Oh! Senhor doutor, tenha dó de mim...

— Ah! Já vejo que ainda faz. — E voltando-se para os outros comensais: — Aqui o Sr. Pedro Carneiro, escriturário de Fazenda, é o primeiro poeta de Viana do Castelo...

— Caros me custaram os versos — redargui.

— Então?

— Pois por causa deles é que o Miguel Reboredo me atirou com os ossos para Faro.

— Bem feito! Mas o Miguel Reboredo, que peça! Felizmente para Viana ele só lá vai uma vez por semana; já não gosta de sair da sua terrinha, essa Vila Seca que se compõe de gente prudentíssima como ele. É uma vila grande, onde não há casa sem para-raios e quando lá apanham o hospital cheio de doentes pobres botam-lhe fogo... Enfim, você para aqui é que devia vir, Pedrinho. O seu escrivão de Fazenda é também poeta, mas lírico, e na repartição, mais ou menos, todos os empregados macheiam as musas... E a propósito, que tal lhe pareceu ele, o escrivão de Fazenda?

— Ainda me não apresentei na repartição, de modo que o não vi.

— É uma criatura preciosa. Tem o ar fatal das eras românticas, usa capa à espanhola e toma cantáridas. Se você for agora à praça lá o encontra passeando com o mesmo jeito que têm os grandes tenores quando pisam os tablados dos teatros... E que poeta lírico, mesmo em prosa! Você nunca leu o seu livro *Peregrinações Desenfatiadas?*... Leia que vale a pena. Nesse livro as paisagens são todas feitas com veludos, sedas cetins, feltros, damascos, lonas, baetas e cheviotes: parecem tecidas na Covilhã... Mas poeta lírico é que ele é... Mexeu o diabo para o transferirem para aqui só porque um mistificador, conhecendo-lhe o fraco, o informou de que o Algarve estava cheio de lindas moiras. E é bom, Pedrinho, que você conheça a história das moiras. Quer ouvir?

— Pois não, senhor doutor.

— Servir-lhe-á talvez de proveito. O homem apareceu aqui desastinado por moiras. Fez-se apresentar no Grémio e ali, logo na primeira noite, se desfez em odes à moirama, de modo que a rapaziada fina pensou: não há mais remédio senão dar quanto antes uma moira a este homem. E assim foi. Aprazaram-no para a noite seguinte se encontrar, num quarto apropriado, com uma sultana, cujos amavios descreveram a tão atraentes cores que o poeta se embutiou de «pílulas do Serralho» e nunca mais sossegou. Calcule você, que também é poeta, como ele iria para a entrevista. Meteu-se no quarto, que estava às escuras, mas cuja cama se divisava, e sem acender a luz, para mais apimentar os preâmbulos da aventura, aproxima-se tateando, apalpa um vulto e com intonação amorosa pergunta: — como te chamas

filha? — Celestino — respondeu em voz grossa aqui o nosso Celestino, que era quem eles lhe tinham mandado para a cama...

— Pois, senhor doutor, muito obrigado pela história — adverti —, homem prevenido vale por dois.

Depois do jantar deixaram-me sozinho e eu não saí. Além do cansaço da viagem, de que ainda me não restaurara, o calor apoquentava-me imenso: sentia-me lugubrememente acabrunhado. Sugeriram-me que tudo isto seria obra do «levante», afrontoso vento cujo efeito nos forasteiros é deplorável; à falta de melhor aceitei a explicação como plausível, mas recolhi-me ao quarto e escrevi a meu tio uma infinita carta, dando-lhe notícia das minhas aventuras e exortando-o a que não poupasse esforços para me alcançar a transferência. Qualquer lugarejo do Minho me serviria.

Eu ouvira falar na intensa nostalgia do Minhoto sem nunca lhe dar o verdadeiro peso: agora é que eu percebia a sua irresistível obsessão e assim explicava o regresso definitivo a aldeolas infetas de «brasileiros» milionários a quem seria fácil fruir os regalos da mais requintada civilização nos centros cultos. A perspectiva de ficar anos seguidos nesse tórrido Algarve afligia-me como atrocíssima condenação e avolumando a desgraça, no deprimente pendor da tristeza, já entrevia a minha doce província como essas inacessíveis regiões de safira que as tempestades desvendam, entre horrores de nuvens caliginosas, pelo céu liberto.

Ao dia seguinte cessara o «levante», mas a minha melancolia, embora recalçada, persistiu. Na repartição receberam-me friamente e entre os meus camaradas não descortinei cara que me quadrasse.

O escrivão de Fazenda, o lírico das moiras, farejando talvez em mim um possível rival, mostrou-se-me ríspido e insolente, e, sem dúvida, instigado pelo meu perseguidor, aconselhou-me ironicamente a que sopeasse a veia satírica.

Resolvi evitar intimidades e ater-me ao isolamento próprio de quem, pobre e sem valimento, se encontra em terra hostil. Nessa disposição de espírito larguei a hospedaria e passei muitos meses, fugido a convivências e albergado, por preço módico, em casa de um guarda da alfândega, reformado, que cozinhava menos mal grande variedade de mariscos por ele mesmo apanhados na vasta ria de Faro. Acompanhei-o à pesca, a princípio por mera distração e depois com íntimo gosto, afeiçoando-me, por fim, de tal modo àquela arte que nunca mais a esqueci nem lhe descontinuei a prática.

De resto eu sempre adorara o mar junto ao qual a minha melancolia habitualmente me levava, quedando-me horas esquecidas, horas de perfeito enlevo, a contemplá-lo, sobretudo quando ao cair da tarde, nos dias ventosos, as gaivotas, descrevendo círculos por cima das ondas empoladas, soltam o seu grito sonoro, molhado e triste, tal uma nota de ocarina. Esse grito ecoava-me na alma e parecia interpretar-lhe as recônditas mágoas. Até me utilizei deste símile poético na composição de uma elegia que remeti ao Museu Literário do Porto e ali foi publicada com o meu pseudónimo de Febo Garcês, valendo-me uma bem lisonjeira carta do seu diretor David de Castro, o grande poeta da *Fénix Renascida*. Mereceu também as honras da transcrição em vários jornais da capital.

No entanto eu trocara algumas, raras visitas com Monsenhor Simas, que à força de amabilidades conseguiu atenuar o meu justo ressentimento pela receção que me dispensara. Mas apesar das suas instâncias recusei, obstinadamente, aceitar-lhe os convites para jantar que a miúdo me fazia.

Uma vez, porém, consenti em o acompanhar à aldeia de São Brás, engodado pelos seus pomposos encarecimentos das ruínas do Milreu que lhe ficam no caminho e, ou fosse devido ao real encanto da paisagem ou ao maravilhoso dia que desfrutámos, um desses dias soalhados de fevereiro mercê dos quais me reconciliara com o Algarve, o ponto é que voltei quase reconciliado também com Monsenhor Simas.

Bafejado fora eu de quantos dons as nove musas prodigalizam aos seus eleitos que não me abalançaria, de ânimo frio, ao descritivo dos sítios amenos que percorremos: requisitava-se aqui a pena de um Frei Luís de Sousa. Mas sempre transcreverei, em resenha, o que a esse respeito contém o meu canhenho, julgando haver-me ultrapassado a mim mesmo e disposto a utilizar, mais tarde, essas modestas mas vibrantes notas para composição poética de fôlego. — Isto aqui à puridade, que nos oiça o Dr. Ximenes.

Partimos de manhã cedo — já convenientemente alastrados com suculentas rodas de paio alentejano e uns copinhos da famosa medronheira serrana — e parámos em Estoi, vila de bons prédios, arejada e álaçre. Na companhia do pároco, visitámos, antes do almoço, as ruínas do palácio Carvalhal. Arquitetura D. João V. Situação admirável entre jardins e pomares meio abandonados, estendendo-se por largos tabuleiros ou terraços sobrepostos, com nobres escadarias, elegantes balaústres e graciosos miradoiros. Vastíssimo horizonte, abrangendo a costa por sobre uma infinita várzea toda coalhada em floridas amendoeirias onde predomina o vermelho e que

parecem ampliar os jardins do palácio levando-os até ao mar longínquo e faiscante. Cinco ciprestes gigantescos seculares, augustos, postos em fila, formam cortina e apresentam a secante necessária às mutações da perspectiva. Murmúrios de águas correntes por entre vetustas laranjeiras, moitas de alecrim e goivos, maciços de buxo e canteiros de narcisos. — Almoçamos copiosamente. O vinho do pároco é leve e lembra-me o vinho verde maduro de Amarante: presto-lhe honras condignas, o que me predispõe excelentemente para escutar a lição de arqueologia que Monsenhor Simas, loquacíssimo, nos promete.

— Vamos ao Milreu: antigos banhos romanos, restos de um templo, troços de colunas monolíticas, panos de fino mosaico representando peixes inteiros em suas evoluções aquáticas. O grande nicho do templo, em forma de abside, é todo construído de ladrilho. — Monsenhor Simas não acha o manuscrito que adrede prepara no remanso do seu gabinete de estudo e nós escapamos à perlenga. — Seguimos para São Brás por entre altíssimos e íngremes serros de barro claro, arborizados até ao cimo. Na proximidade de São Brás a vegetação vai minguando e transforma-se, até rarear, apenas indicada por uma ou outra definhada alfarrobeira que emerge entre cerrados rebanhos de pedras negras, naturais esculturas de porcos gordos fossando na terra. — São Brás é uma pedreira brotando água. — Ali fazemos uma leve refeição de carnes frias regadas por vinho licoroso e excelente, da frasqueira paroquial, e regressamos à tarde a Faro não sem parar uns instantes em Estoi, onde nos aguardava grande profusão de doces finos e a genebra autêntica da Holanda — a genuína, a excelsa, a Folckink! — Que no Algarve se encontra facilmente, mercê das relações seculares que aquela província mantém com os Países Baixos.

Foi, em suma, um dia cheio, durante o qual Monsenhor Simas deu provas de muita cordura, o que me animou a aceitar-lhe o jantar no próximo domingo, e nesse jantar tão-pouco ocorreu coisa que lhe desabonasse a sensatez, salvo na persistente mania de presidir à refeição na tal «cadeira de menino» e de lhe enfiar incessantemente os polegares pelos buracos da tira de resguardo.

As manas ainda estavam amuadas por Monsenhor haver ido a São Brás sem as levar, mas trataram-me afavelmente — e ele, recordando o inocente passeio com o alvoroço de quem se refere a alguma excursão aventureira, repetiu várias vezes:

— Só uma coisa me faltava, a minha bela cadeirinha!

Um mês depois aceitei-lhe outro convite e dessa vez todos se portaram tão razoavelmente que eu decidi frequentar-lhe a casa com assiduidade. Para esta resolução concorreu muito — diga-se a verdade — a suculência e abundância dos pratos que vinham à mesa; eu sentia-me enfraquecido e quase nauseado com a alimentação de marisco a que o meu hospedeiro, o guarda da alfândega, me forçava, e o ordenado não dava para me refazer em pitéus terrestres. Acrescia ser a compostura de Monsenhor Simas e das suas manas tão completa que muitas vezes eu chegava a duvidar da realidade das estranhas cenas a que assistira e quando não duvidasse já as desculpava levando-as à conta «da natural confusão, etc.».

Coei-me, pois, pouco a pouco à sua intimidade e Monsenhor mostrou-me a preciosíssima coleção de moedas e o álbum de estampilhas, franqueando-me ao mesmo tempo a sua biblioteca, herdada de um tio — naquela família tudo passava de tios a sobrinhos — e muito rica em clássicos. Foi assim que se me deparou o venturoso ensejo de ler as *Florestas* do cristalino Bernardes, na edição deslandesiana.

Mas na minha frequência a casa de Monsenhor Simas fácil me foi verificar que alguma coisa de insólito e anormal ali se tramava concentrando as atenções e energias dos quatro irmãos. A expressão dos seus rostos mudara; nos olhos refletia-se-lhes não sei que desusado brilho e a miúdo os via segredando misteriosamente.

O que quer que fosse referia-se a obras que iam no quintal, onde nunca mais me levaram, e por meias palavras ou frases incompletas que involuntariamente soltavam: — «o que dirão?» — «a surpresa...» — «o monumento» — adquiri a certeza de que estavam em vias de construir alguma capela, não desejando dar publicidade ao caso senão depois de ela concluída e felicitei-me, ao ver o salutar derivativo a que tendiam agora as suas energias até ali dispersas e estéreis.

Pelos meados de agosto percebi que a obra se encaminhava ao seu termo, pela crescente excitação nervosa que notava tanto em Monsenhor como nas manas, e coligi das suas alusões, já insopeáveis, ao «Dilúvio», que não só era realmente capela mas que retábulo consistiria nalgum painel representativo daquela catástrofe bíblica.

Foi quando recebi notícias da queda do ministério e logo, por meu tio e padrinho, aviso de que estava certa a minha transferência para Braga, como efetivamente veio sem demora publicada no *Diário do Governo*, decidindo-me a sair de Faro no último dia do mês.

A notícia da nossa imediata separação, que me apressei a comunicar a Monsenhor, na presença das irmãs, pareceu consterná-los. Monsenhor exclamou, erguendo-se na cadeira com autoridade:

— Não pode ser... Não o consinto...

E as manas, em coro, reforçaram:

— Não consinta, mano...

— Mas, minhas senhoras — adverti —, isso não tem pés nem cabeça!...

— E a inauguração?... — ajuntou Monsenhor — tem que assistir à inauguração...

— Que inauguração? — perguntei, fazendo-me de novas.

— Chut... — fizeram as manas, pondo os dedos nos lábios, direito ao irmão.

— Sim, meu amigo — balbuciou Monsenhor —, no dia 29 temos festa em casa...

— Comemoramos a degolação de São João Baptista... — atalhou D. Sebastiana, com ar de sonsa.

— E o nosso amigo Pedro tem de assistir — disseram as outras duas manas.

— Mas há tempo para tudo, minhas senhoras. — Isso é depois de amanhã e eu só no dia 31 é que me vou embora...

— Ah! Ainda bem, ainda bem...

— Não faz ideia da pena que teríamos se não assistisse.

— Eu cá perdia o gosto à festa — ponderaram por seu turno as três irmãs.

E eu agradei e fiquei de aparecer no dia 29 às 3 da tarde para a festa, que era no jardim, com numerosos convidados, entre os quais o Vigário-Geral.

A sala de jantar e os quartos de Monsenhor e das manas davam para uma grande varanda, ladrilhada e fechada em alegretes que formavam parapeito, com cisterna cujo gargalo octógono, de cantaria, marcava o centro de uma estrela desenhada por vasos de flores. Sobre varões de ferro, que se levantavam dos alegretes, armavam-se velhas parreiras, agora tupidas em fresca folhagem e sombreando completamente o vasto recinto a qualquer hora do dia.

A nascente, por cima dos telhados baixos, descobria-se a ria, com um trecho da costa hortada, o areal doirado da Ilha e o casario de Olhão. Para o norte ficava o quintal, verdadeira cerca nas dimensões e cultura,

à qual se descia da varanda por uma elegante escada de cantaria em forma de concha.

Nesse quintal é que estava a colossal figueira lampa, de cujos apetecíveis frutos eu não lograra provar na noite da minha chegada, mas com os quais o miúdo me repimpara doze meses depois graças à generosa amabilidade de Monsenhor. Havia ali, também, grande abundância de outras árvores de pomar: ameixieiras, damasqueiros e pessegueiros, além das leiras de hortaliça e muitas plantas decorativas como esplanadas e sardinheiras; de modo que pelo aprazível do sítio, durante o verão, era na cerca e na varanda que principalmente estacionavam as manas de Monsenhor e foi na varanda que se colocaram as mesas para a refeição, a qual não era jantar, nem ceia, nem merenda, mas participava de todos esses repastos pela natureza dos pratos que a compunham.

Nesse dia o chefe da minha repartição, o lírico das moiras, sabendo que eu fora convidado por Monsenhor Simas — o que ele não conseguiu —, entreteve-me quanto pôde obrigando-me a vários serviços de expediente sem urgência, de modo que já eram três e meia quando me apresentei na reunião.

Encontrei a varanda cheia de convidados distribuídos por cinco mesas postas à roda do gargalo da cisterna e respetivamente presididas pelo Vigário-Geral — velhinho exangue a quem davam o tratamento de Reverendo Padre —, por Monsenhor e por cada uma das manas.

Coube-me o lugar à mesa de D. Sebastiana, que naturalmente me repreendeu, embora sem acrimónia, pela minha demora e me levou à presença do Vigário-Geral, a quem beijei o anel, apresentando-me depois aos hóspedes que ela supunha não serem meus conhecidos.

Notei que os convivas estavam sentados de modo a não voltarem as costas ao gargalo da cisterna, fixando-me no qual observei que a armação da roldana fora coberta de verdura fazendo dossel a um altazinho iluminado a velas de cera onde estava o quer que fosse que a princípio me pareceu saladeira de tomates, mas logo verifiquei ser uma grosseira escultura colorida representando em ponto pequeno a ensanguentada cabeça de São João Baptista dentro de um prato redondo.

— Nunca tinha visto aquela cabeça de São João Baptista — adverti a D. Sebastiana, ajuntando: — De forma que hoje é a sua inauguração?...

— Que inauguração é essa em que fala, Sr. Carneiro! — atalhou D. Sebastiana muito secamente.

— Julgava...

— Pois julgava muito mal... bem se vê que o senhor não dispensa nenhuma atenção às santas imagens, senão já teria reconhecido a cabeça de São João Baptista que temos no oratório...

— Que lindo oratório! — Observou uma senhora, minha vizinha, pavorosamente gorda, vestida de sangue-de-boi e com peças de oito mil réis pendentes das pulseiras; e, levantando progressivamente a voz, continuou: — Que riqueza nesta casa! Portas escancaradas, guarda-camas de fustão, leitos sem cabeceira. Meninos Jesus espantados!...

E a conversação generalizou-se.

— Mas, D. Sebastiana — reincipi, desconfiado — que singular maneira esta de comemorar uma degolação de santo!...

— Pois o senhor ignora que foi num banquete que Herodias pediu a seu padraсто a cabeça do grande Baptista?...

— A minha mãe foi criada com muito mimo — sotava a meu lado D. Joana, a senhora das peças, no mesmo progressivo tom de voz que terminava em verdadeiros gritos. — Era uma janota de lagoa, saía sempre de capote de pano, que era o grande luxo das senhoras: as mais mulheres usavam capote de baetão... pois saía de capote de pano, com lenço de bobinete e pente grande...

À mesa de D. Faustina, a imponente esposa do governador civil, com bandós e ar de daguerreótipo, o busto a três quartos, perguntava-lhe:

— Mas ainda VV. Ex.<sup>as</sup> estão de luto? Julgava que já tinha passado um ano depois da morte da sua mãe...

— Com efeito — redarguiu D. Faustina — já passou um ano, mas lembrámo-nos que éramos muito pequeninas quando morreu o nosso pai e deitámos outra vez luto por ele...

— Ó D. Sebastiana — inquiri —, quem é aquele cavalheiro de suíças que está na mesa do Sr. Vigário-Geral?

— O espanhol?

— Sim... parece espanhol.

— Espere lá... É o comendador... comendador... lá esqueci... — Levantou-se e foi informar-se de Monsenhor.

— Toda a noite passeou — contava D. Joana, referindo-se a acontecimentos domésticos. — Toda a noite passeou da sala de visitas para a sala do chá e da sala do chá para a sala de visitas; ora para isto cachimbo de gesso!...

— É o comendador da Epidemia Colérica — segredava-me D. Sebastiana.

— Mas que ordem é essa?...

D. Sebastiana levantou-se para interrogar novamente o irmão.

— Ó Sr. Carneiro — bradou-me D. Prudência —, o jornal de hoje traz a notícia de ter morrido em Afife a Rosa Morena; quem era a Rosa Morena?...

— Não sei, minha senhora.

— É uma ordem muito nobre — voltava D. Sebastiana —, a ordem da Epidemia Colérica fundada pela Rainha D. Isabel II. Só tem seis comendadores...

— O Lourenço Pires afinal não morreu — disse alguém à minha mesa.

— O quê! Não morreu? — gritou a dama das peças — e eu que já o tinha gabado!...

— Isto de criadas não há meio de as aturar e ainda menos de as conservar — explicava D. Faustina à esposa do governador civil. — Cá em casa há muito tempo que adotamos o sistema de pendurar à chaminé da cozinha um par de calças usadas, de meu irmão, mas elas vão-se embora da mesma forma...

— O comboio — narrava a minha vizinha — pôs-se a andar de mansinho e diz o doutor: este andamento já é um bom trote...

Estávamos à sobremesa e de repente D. Sebastiana, que parecia muito inquieta e não cessava de trocar com as irmãs olhares misteriosos, levantou-se e dirigindo-se ao Vigário-Geral:

— Agora o cafezinho bem forte, não é verdade?...

O Reverendo Padre bandeou a cabeça afirmativamente e num esboço de sorriso que deu factício brilho aos seus olhos de goraz sentido — releve-se-me a irreverência da imagem pela sua conscienciosa exatidão — mostrou as gengivas desdentadas e roxas.

— Pois eu mesma lho vou buscar, meu Reverendo Padre...

E D. Sebastiana dirigiu-se ao interior da casa de onde voltou minutos depois trazendo em salva de prata uma chávena cheia de café que ofereceu ao Vigário.

— Já está docinho e morninho como V. Ex.<sup>a</sup> gosta, meu Reverendo Padre — e ficou-se com a salva na mão, resistindo às instâncias do Vigário que lha queria tomar e demorando-se até que ele emborcou a chávena.

Enquanto durava esta operação, as atenções de D. Prudência e D. Faustina convergiam para o Vigário e dir-se-ia que as duas irmãs soltaram um profundo suspiro de alívio quando D. Sebastiana se retirou levando a chávena

vazia, tão claramente lhes transpareceu no rosto uma igual expressão de contentamento.

Pouco depois, a convite de Monsenhor Simas, os convivas dispunham-se a visitar a cerca. D. Sebastiana ofereceu o braço ao decrépito Vigário e abrindo a marcha encaminhou-se para a escada no topo da qual e voltando-se para trás murmurou, relanceando os olhos sobre o companheiro:

— É mesmo um santinho... — e logo ajuntou mais alto, amparando o velho: — Não tenha medo, Reverendo Padre, que está em boas mãos...

— Não, filha, não tenho... — anuiu o Vigário. — Agora um passeiozinho faz-me bem: sinto o estômago demasiado cheio...

A passo de procissão nos metemos à cerca mas logo ao voltar o muro da varanda, divisámos, através de um emaranhado e velhíssimo jasmineiro de Itália, uma construção em forma de chalé que deu nas vistas de todos, graças à viva cor vermelha das suas telhas de Marselha.

— Aquilo o que é? — perguntou D. Joana. — Um pombal, uma capelinha?...

— Ai! Que bonito!... — ajuntaram outras damas. E D. Sebastiana, maliciosa:

— Aposto o que quiserem que não adivinham...

Ao tempo já nos havíamos aproximado da construção, a qual, pintada a cor-de-rosa, com duas aberturas circulares sobre a porta, parecia uma caricatura colossal e de mau gosto da face humana desnarigada...

D. Sebastiana parou e repetiu:

— Ninguém adivinha!...

— Se tivesse uma cruz — gritou D. Joana — não restava dúvida que fosse capela.

— Também V. Ex.<sup>a</sup> quer ver o que é, meu Reverendo Padre? — perguntou D. Sebastiana ao Vigário.

— Sim, filha... também tenho curiosidade... Então D. Sebastiana tirou da algibeira uma chave prateada, abriu a porta lentamente, introduzindo ato contínuo o Vigário no pequeno recinto e conservando-se à entrada exclamou em tom vitorioso para a assistência:

— Agora já veem o que é. Tinha ou não tinha razão para apostar que não adivinhavam?...

— Ah! Já sei, é a casa para amassar o pão — clamou alegremente D. Joana.

O interior da pequena construção patenteou-se em todos os seus recessos e nós vimos que era uma privada com as comodidades e luxos

modernos, inteira novidade, ao tempo, não só na capital do Algarve, mas talvez também em todo o reino.

D. Sebastiana entrou dentro e encetou uma espécie de preleção sobre o uso de diversos aparelhos que a compunham, abrindo e fechando torneiras, forçando o Vigário a sentar-se no banco furado, e por fim, pegando-lhe na mão, ajudou-o a puxar a corrente metálica, soltando a água do depósito superior que jorrou ruidosamente.

— É o sistema «dilúvio», o mais aperfeiçoado que existe — rematou; e logo que o sussurro admirativo dos convidados se extinguiu:

— Agora se V. Ex.<sup>a</sup>, meu Reverendo Padre, precisasse de vir aqui sozinho, já sabia como se havia de governar, não é verdade?...

— É verdade filha, é verdade... — obtemperou o Vigário — e o caso é que ou por sugestão do local ou por qualquer outro motivo... — do lugar onde eu me encontrava via-se o rosto do Vigário passar do amarelo ao verde e logo o ouvi gritando em tom lancinante:

— Ai, ai!... — punha as mãos na barriga — ai que grande dor, ai! Que eu não posso!...

— Sim, meu santinho?... — acudiu D. Sebastiana — pois é sentar-se já e agora deveras...

E levantando-lhe a batina imediatamente lhe desabotoou as cuecas de baetilha amarela e o acomodou, com grandes mostras de carinho, no buraco da retrete.

Mas o Vigário, seriamente indisposto, estorcia-se agarrando-se a D. Sebastiana, com grandes aflições.

— Isso não é nada... isso já passa... — amimava-o ela.

Mas não passava. O pobre velho arrancou em vômitos tremendos e já sem forças pendeu a cabeça no ombro de D. Sebastiana que ajoelhou e pedia socorro.

Então as outras manas acudiram em vozearia:

— Querem ver que foi de mais... Ai que desgraça... que grandíssima desgraça!... Ó Sr. Pedro Carneiro, por quem é veja se chama um médico porque o Sr. Vigário-Geral está muito aflito...

— Mas por fim o que foi isto?... — inquiri com autoridade, percebendo, embora tarde, que assistia a uma nova cena de loucura coletiva semelhante às da minha chegada a Faro.

— Foi — explicavam as manas — o malvado boticário que nos enganou... Nós para estreamos dignamente a retrete, que custou mais de

trezentos mil réis, pusemos tártaro emético no café do Reverendo Padre e, ou porque fosse de mais ou não sabemos, o pobrezinho está muito mal...

Corri à busca do médico e não voltei mais a casa de Monsenhor Simas. Soube depois que o Vigário estava em perigo de vida, mas na cidade ligava-se realmente pouca atenção à sua doença; a curiosidade pública estimulada por várias descrições da retrete, cuja riqueza exageravam, convergia para o que já se chamava o «monumento das manas Simas» e compreendi que apesar de tudo a cotação destas senhoras e do seu mano subira na estima e no respeito dos seus conterrâneos...



*A Philéas Lebesgue*



## O ÁLBUM

(Conto grotesco)

Na primeira volta da estrada, junto às pitorescas ruínas da fortaleza ainda ameiada, quando a margem do rio descreve uma funda curva graciosa formando a pequenina baía, sempre tranquila e azulada pela transfusão do anil-celeste, onde, em dias de rijo levante, se abrigam, chegados uns aos outros como bando de patos, os faluchos andaluzes e os caíques olhanistas, é que mora, na sua casa nova, elegante e cor de pombo, aquela senhora loira, tão gentil, que a gente vê aos domingos entrar na igreja com a gravidade sorridente de uma princesa, seguida pelo seu lacaiozinho fardado de castanho e branco, botas altas e canhões de verniz.

É ali que ela mora!

Pelas janelas do primeiro pavimento divisam-se os arrendados de luxuosa complicação que bordam os estuques, os filetes de ouro no almofadado das portas, as pregas dos sumptuosos repositores e a majestosa compostura dos renques de poltronas.

Por fora, como o edifício se divida em três corpos e os laterais estejam um pouco afastados da estrada, armam-se dois canteiros, em pequenos vãos protegidos por grades bronzeadas, plantados de fortes pés de gerânios, de um verde escuríssimo e denso marchetado a flores vermelhas, cujo viço inalterável e desmarcada opulência causam a justa admiração do transeunte.

À esquerda o portão, amplo e gradeado, permite entrever toda uma rua coberta de areia fina, sombreada por tuias e mimosas, e debruada a palmas de espadanas, hastes gráceis de miudinhas sálvias, hieráticos girassóis

conspícuos, malvaíscos florindo em imponderáveis causas multicolores e perfumados palmitos de lírios e açucenas.

Ao fundo, entre plantas de orvalho brilhando em moitas polvilhadas de cristais, as purpúreas flores de seda e cera — cálix de cera maciça, leves pétalas de seda — das romeiras que abrem caminho à horta.

É ali que ela mora!

De tarde, quando a sombra do palacinho começa a alongar-se pelo jardim, aparece ela então na balaustrada do vestíbulo e assim como o transeunte pasmou diante dos gerânios da fachada assim poderá deter-se a louvar e cobiçar o corpo airoso da sua dona que, vestida de cores mimosas, ali permanece largo tempo haurindo os aromas dos alegretes, compondo o penteado e afofando a comprida, farta e loira trança. Seus rosados braços, nus até ao cotovelo, emergem das mangas largas e forradas a canudinhos de cambraia, como de duas conchas transbordando espuma...

Deliciosa visão, tão rigorosamente pontual, que a horas fixas os meus olhos perseguiram, apascentando-se, famélicos, nas guloseimas do seu corpinho roliço, mas de longe, a furto e medrosos, como pastores que metessem o gado em terreno defeso!...

Dest'arte a retratava eu, na volta das férias grandes, aos meus companheiros atónitos, e, nas minhas lúbricas evocações solitárias, de colegial enclaustrado, ela reproduzia-se em violada pastorinha de Watteau, saia curta, cintura de vespa e tacões altos, ou em ampliada Vénus calipígia de *biscuit*, ou em complacente Madona de afrodisíaca Anunciação, mas sempre com as sandálias, calcanhares ou tacões retintos de vermelho... no sangue do meu próprio coração.

Que infinitos poemas eu teci em seu louvor mesmo nas intercadências de semelhantes desvarios; meus sonhos épicos e lendários atiravam-me, destemido, pelo mar fora; transpunha a barra, singrava pelo vasto rio e na preia-mar das marés vivas, quando a água balouça os navios à altura dos cais e parece querer atirá-los pela terra dentro, uma vaga me arrastava varando a minha galera prateada dentro do seu jardim. E ela debruçada nos balaústres do vestíbulo estendia-me a maravilhosa trança!...

Então, a poesia juvenil vogava de preferência em galeras prateadas, sem governo...

Mais tarde, porém, a minha adolescência comoveu-a...

Ah! Essa primeira entrevista!...

Eu aguardava-a na sala de visitas e através da janela aberta os meus olhos investigavam no firmamento algum propício presságio...

Tenho-o estereotipado na memória, o panorama que dali se desfrutava.

Pôr do sol. O céu coberto por nuvens de um cinzento-escuro, em parte esfarrapadas, noutros pontos franjadas e logo rasgadas sobre clareiras de azul cristalino. As nuvens deslizam, ao fundo, rentes com o povoado à altura da torre da igreja, cortadas, na base, em linha reta e ocultando as cristas da serra cujos vales o sol ilumina e destrinça por alternativas infinitas de relevos doirados e sombra transparentes. O sol doira o casario da vila, doira o casco inteiro de uma chalupa branca e transforma os pilares da ponte em oiro puro. Toda a superfície do rio se arpeja de oiro e violeta. Um monstruoso cúmulo plúmbeo, a noroeste, fornece nuvens ao céu inteiro. A nordeste dois rolos de nuvens, entrançados, um de fumo negro e outro de algodão nevado, sobem lentamente no céu esmaltado a verde muito doce e mosqueado de manchas levíssimas e rosadas. Em baixo, um quadro de charneca desolada condensa-se pouco a pouco em montes azul-ferrete por onde assoma o crepúsculo de cinzas que envolve a noite...

— A paisagem aqui é encantadora; não acha? — diz por trás de mim a sua voz inconfundível.

Passamos a um gabinete contíguo onde há luz. Toda a mobília é chinesa salvo um sofá *pompadour* sobre o qual ela se reclina depois de haver aconchegado no regaço a extremidade da pesada, prodigiosa trança.

Essa trança alucinante intimida-me.

A luz do candeeiro, a que um jarrão verde serve de peanha, presa no imenso abajur cinzento, só ilumina a casa à altura do sofá, dando à trança fulgurações metálicas e descobrindo em volta vários vasos de begónias cujas folhas de pano cor de mosto, orladas de um verde venenoso, me horripilam...

Ela fala-me das suas viagens, do Extremo Oriente, das preciosidades japonesas; mostra-me lacas doiradas contemporâneas da era cristã e um queimão de brocado com botõezinhos de loiça de Satsuma representando, no cambiante esplendor do vidrado, pequeninos deuses da mitologia nipónica...

Ela tem os olhos grandes e profundos, mas o olhar esquivo de quem se arreceia, talvez, de denunciar algum desejo criminoso, ou uma pena inconfessável; há sem dúvida naquela alma, que as circunstâncias forçosamente

conservaram ingénua, tenebrosas grutas de mistério... Guarda-lhes a entrada a serpentina trança, ia eu pensando...

Mas as suas mãos!

Mãos cor-de-rosa e transparentes como se as penetrasse a luz ténue de uma lâmpada, ou como se na escuridão noturna abrigassem do vento uma invisível luz!... E essas mimosas, pequeninas mãos tinham força bastante a domar o adorável monstro que era para mim a sua divina trança!...

Eu escutava-a, religiosamente calado, e ela sorria indulgente ao meu silêncio idólatra...

Julgo que nessa tarde nos separámos dolorosamente...

Prometi voltar a miúdo e fui-me, estrada fora, leve como uma pluma mas forte como um Hércules, vencedor da hidra «Vulgaridade», em pura levitação sensual...

Familiarizámo-nos. Ela recebia-me de preferência no seu jardim, junto a um pequeno tanque onde repuxava um fio de cristal cujas gotas, caindo no ondeado, verde e branco da exígua taça de mármore cipolino, rociavam perpetuamente a folhagem de um próximo pitósporo chinês, avivando-lhe a rescendência a flor de laranjeira e canela...

Outras vezes, raras e encantadoras, no gabinete das begónias cuja harmonia eu pouco a pouco desvendara... Então, ela sentava-se ao piano e, desapercibida de tudo, entregue à execução de trechos difíceis, dava ensejo a que os meus dedos tocassem levemente a sua inviolável trança enquanto as mãos lhe corriam no teclado, vertiginosamente, tornadas em poeira lunar. Nessas ocasiões, para aliviar a cabeça do peso enorme da trança magnificente, prendia-a, a meio das costas, com uma fibula recamada de gemas...

Nos intervalos da música eu lia-lhe no seu álbum as poesias que o seu corpo e, principalmente, a sua celeste coma haviam inspirado, poesias escritas em variadíssimos idiomas, com tradução à margem para francês — a língua diplomática — se o vate era por de mais exótico... Corpo de Vénus, de Helena, de Frineia, com minudências de uma intimidade plástica irrefragável que eu bem desejaria verificar; versos que realçavam nítida visualidade com eróticos adornos de uma fantasia rica e audacíssima...

Mas a trança! Essa era cantada com o fogo da volúpia inextinguível... Um adido de embaixada abrasara-se nela e de puro torriscado jurava, faquir de amor, não mais dar acordo de si...

E, coisa estranha, para mim indescritivelmente dolorosa, todos confessavam haver manuseado, a seu bel-prazer, a preciosa trança em que eu mal tocara...

De quando em quando o marido aparecia-nos, mas trocados os banais cumprimentos do estilo retirava-se pressuroso. Dir-se-ia que acudia ali tão-somente para que não duvidássemos da sua existência e a sua presença não interrompia ou impedia de qualquer forma a leitura dos versos ao corpo e à coma da esposa; parecia até serem-lhe motivo de vaidade...

Era este senhor um personagem essencialmente decorativo e automático, com muito mais gestos do que palavras, mas ressumando autoridade. Seu rosto redondo, de pele dura e enrugada como a casca da noz, onde faiscavam dois olhitos de vidro negro, não destoava do exotismo ambiente mas tão-pouco a sua desapareição lhe quebrava a harmonia.

Algumas tardes, Matilde — já eu disse que ela assim se chamava? — levava-me para junto da janela e impondo-me silêncio — que eu guardava, ansioso, na sempre baldada expectativa de qualquer acontecimento extraordinário e, digamo-lo, passional — ficava-se embevecida a ver o pôr do sol até que a paisagem se obscurecia inteiramente e na superfície tranquila do rio, arredondado em lago, o reflexo das luzes se espalhava como rede de fios luminosos, molemente embalada...

Matilde é louca por camélias; para as ter no seu jardim seria capaz de abrir as próprias veias e alimentá-las com a púrpura do seu sangue...

Mas nenhuma arte ou sacrifício valem às pobres plantas neste clima hostil e aos primeiros calores amarelecem e mirram irremediavelmente...

Matilde não cessa de renovar experiências e a cada desilusão adocece e enclausura-se como se tivesse de carpir a perda de toda uma geração de entes queridos.

Foi em um desses dias opressivos que ela me disse, mais cariciosa na voz do que o roçar da asa do colibri:

— Coriolano, bom amigo, faça-me versos...

— Versos, viscondessa!... quantas vezes lhe devo repetir que os não sei fazer...

— E não sabe fazer versos, Coriolano!... Eu teimo em que é poeta e espero os seus versos como o desabrochar das minhas camélias... Que amarga existência é esta quando tudo falha!... — e fitando-me através das pálpebras meio cerradas: — Olhe, Coriolano, até o meu marido faz versos...

— Mas, minha senhora, o visconde é um homem prodigioso!...

— Por piedade cale-se, meu amigo... Não me faz versos porque lhos não mereço... Mas outros mos fizeram lindos... Alcance o meu álbum e leia-mos...

Levantei-me e fui buscar o grande álbum encadernado em marroquim turquesa, com voos de flamingos nos translúcidos esmaltes, e recomecei pela milésima vez a leitura da fervorosa antologia... Mas ela parecia enjoada de tanto louvor e, logo aos primeiros versos, soerguendo-se a custo nos flácidos coxins:

— Olhe, Coriolano, esse álbum está virgem de prosa... Concedo-lhe as primícias que restam ao meu álbum. Escreva-me agora, já, em forma de poemeto, mas em prosa e com leves detalhes naturalistas, uma história breve e casta de amores singelos, passada na paz desartificial da vida rústica, entre duas criaturas ingênuas e boas... Não diga que também não sabe fazer prosa: por de mais entendo que sabe... Lembre-se de Paulo e Virgínia, Coriolano, e que sejam desgraçadas visto que são amantes... Oh!... — e nas suas pestanas tremeram duas verdadeiras lágrimas.

— Amo-a!... — ia eu gritar, largando o álbum e enclavinhando as mãos sobre o coração, quando por uma porta entreaberta silenciosamente assoma a calva diplomática do visconde.

— Com licença — advertiu fidalgamente e, depois, afável: — Coriolano, como vamos? Há tanto tempo que o não vejo... — (Encontráramo-nos naquela semana todos os dias.) E sobraçando a copiosa correspondência, cartas, revistas e jornais chegados no correio: — Vou saber notícias frescas... Matilde, não tem carta nenhuma.

Ela, sem descerrar os olhos, acenou como que a despedi-lo com tédio.

— Adeus — rematou o visconde e saiu por outra porta.

Um pouco perturbado ainda com a inesperada interrupção escolhi no álbum uma página limpa e preparei-me para escrever. Era uma folha deliciosamente opalina com a superfície tão cetínea e translúcida que instintivamente a comparei à pele da viscondessa, como se aquele bocado de papel lhe houvesse sido arrancado dos ombros...

Quem soubesse realmente compor os versos que tão mimosa folha merecia, mas Vigny que eu fosse far-se-ia mister repelir a musa cingindo-me ao obrigatório programa: bem triste história de amores desgraçados — diabo! — Com pormenores naturalistas e em forma de poemeto — caramba! — Mas o amor tudo vence e, enquanto a viscondessa

chorava sem dúvida o desperdício das suas camélias, eu, que não adestrara a inspiração, entre malicioso e ingénuo, escrevi:

## SIMPLES E ROMANESCA (para bandolim)

### I

«Encontraram-se de manhã na praia...

Por detrás das rochas a aurora tingia o céu de carmim.

Beijaram-se...

O sol, às frechadas de luz, expulsou as sombras do firmamento onde apenas ficaram, soltas e diáfanas como véus de noivas, umas nuvenzinhas preguiçosas...

Os seus corpos nus enlaçaram-se amorosamente nas trevas das grutas musgosas a que se acolheram...

### II

Durante um mês inteiro gozaram a frescura da água e a tepidez fofa da areia doirada...

Via-os o astro saudoso estremecer cobertos de orvalho e brancos como duas estátuas de jaspe que tomassem a vida...

Mas um dia vieram-no buscar: Paulo caíra no sorteio!...

### III

Depois de ele partir houve quem visse, e contaram, que a pobre rapariga, deixando pender os braços no trágico pasmo de quem se submete à dor, chorou longamente, convulsivamente, desesperadamente, cravando os olhos no mudo azul-celeste onde o Sol parecia haver rebentado como um tumor de fogo...

Virgínia estalaria de pura mágoa se, antecipando-se, as sezões a não arrebatassem, inconsolável sempre...»

— O quê, já!... — balbuciou, meio adormecida, a viscondessa.

— Está pronto...

— Como é rápida a sua inspiração, Coriolano... Leia-me então lá isso... Mas primeiro acomode-me as almofadas...

E Matilde, reclinada no sofá, entre brandos coxins de sedas orientais, deixando cair a trança que rojou pela alcatifa, ajuntou:

— Traga aquele tamborete e sente-se ao meu lado... Aqui — indicava-me a cabeceira do sofá. — Podemos ler descansadamente... Meu marido embriaga-se na leitura dos jornais, como outros o fazem com o vinho, e não virá interromper-nos...

Instalei-me no tamborete que era um movelzinho baixo, japonês, de bronze arrendado com o assento tecido em palmas finíssimas e tão resistentes como fios de arame. Para mais me aproximar da viscondessa levantei-lhe a trança, mas, sentindo nas mãos aquele tesouro cuja posse ela, pela primeira vez, me não disputava, apertei-a ansiosamente entre os joelhos e conservei-a debaixo do álbum para a afagar enquanto lia...

Comecei:

— *Simples e Romanesca.*

— Não me desagrada o título — observou a viscondessa, exprimindo no rosto a voluptuosidade de alguém que prelibasse o deleite de fabuloso néctar.

Continuei:

— *Para bandolim...*

— Para?... — inquiriu franzindo levemente a sobrancelha.

— Bando...

Não pude terminar a palavra, porque, abrindo-se subitamente a porta por onde desaparecera o visconde, o seu rosto assomou congestionado, desfigurado e a sua boca bradou:

— Morreu o Rebelo sem testamento!...

— Morreu o Rebelo sem testamento!... — repetiu automaticamente a viscondessa, erguendo-se de um salto e adiantando-se para o marido com a cabeça apertada nas mãos.

— O Rebelo... — repeti eu também, mas surdamente, havendo perdido o equilíbrio e ajoelhando sem largar o álbum e sem largar também outra coisa que, na minha confusão, não distinguia exatamente o que fosse mas que o tamborete prendia e arrastava...

A viscondessa, porém, estacou e, correndo desvairadamente os dedos febris pela cabeça, arrancou das entranhas um grito lancinante e caiu desmaiada nos braços do marido.

Corri em seu auxílio e foi então que percebi ter nas mãos a trança da minha amada!...

Com efeito, ao alucinado ímpeto da viscondessa, a trança, que era postiça e provavelmente já encontrava ligação insuficiente no ralo cabelo da sua dona, presa entre os meus amorosos joelhos e nalgum arrendado do tamborete, soltara-se e ficara-me nas mãos...

Aos rebordos toques de campainha do afligido visconde acudiram as criadas, encontrando-me ainda de trança entre as mãos, confundido, aniquilado, sem atinar com saída alguma, airosa, a tão trágica situação.

Por fim resolvi estendê-la no sofá, alisando-a carinhosamente, e nessa operação me entretinha quando o visconde — regressando do interior da casa onde conduzira a mulher — se acercou para me ajudar, alisando-a também e choramingando:

— Essa trança, a mais bela de tantas que minha mulher usou em toda a sua vida, constitui, hoje, Coriolano, uma relíquia sagrada...

— ?!...

— Foi a derradeira dádiva do Rebelo...

— Não conheci esse cavalheiro...

— Não conheceu o Rebelo?... Ah! Não conheceu então a pérola dos homens!...

— Quem era ele?...

— O Rebelo?... Pois não compreende? Era o amigo certo, preciso e indispensável, o meu alter ego, o confidente das minhas penas e o consolador das minhas amarguras, aquele, em suma, que sem vexame para o marido pode oferecer a trança à esposa, pois — aqui ergueu a fronte com a altivez de um velho veado — vergonhas nunca as consenti; era...

— Percebo — atalhei eu — e dou-lhe os meus sentidíssimos pêsames, visconde, pelo duro golpe que o feriu... Abraçámo-nos e despedimo-nos enternecidamente. Nessa mesma noite recebi, em sobrescrito perfumado e com o monograma da viscondessa, a página do álbum que a minha prosa conspurcara, mas com tal violência fora arrancada que trazia um pedaço da outra folha onde se lia o final de uma das mais lindas e inflamadas odes à trança mágica...



*A Manoel de Sousa Pinto*



## SEDE DE SANGUE

Alegrei-me deveras quando me constou que o Sr. Trovas alugara casa perto do meu escritório, resolvido a pôr ali venda e a continuar na exploração de todos os ramos do seu comércio.

Sempre de emboscada, espreitando a vida alheia, e sempre na vã expectativa de algum acontecimento que me galvanizasse e me arrancasse à modorra ambiente, bacorejava-me que da vizinhança do Sr. Trovas algo enfim de emocionante me adviria.

Neste vilório marítimo onde vareei reformado em capitão, após uma valente campanha de reumatismos em Pangim — complicada de vírus de baladeira, cujas dolorosas recordações persistem —, definha-se de inação e tédio.

Nem a própria política entretém: não consta que, aqui, se levantasse jamais oposição aos governos e muito menos ao... governo. As minhas correspondências para o diário mais lido na capital, a *Actualidade*, fora dos constantes louvores exigidos pelas autoridades locais às suas pessoas, sem o que a gazeta não teria acolhimento condigno, cingem-se forçosamente ao mesquinho noticiário de chegadas, partidas, nascimentos, consórcios e óbitos, e por isso qualquer sucessozinho que se preste às variações da minha facúndia pode imaginar-se como será bem recebido.

Foi sem dúvida um grande erro o passo que dei, ao sair do Seminário, assentando praça. Se me tivesse metido pelos jornais e desenvolvesse a decidida vocação para a reportagem que, de muito novo, se me manifestou

no sincero interesse que me despertavam os atos do próximo, seria talvez um outro Stanley — que evitando a Índia evitou as baiadeiras — e vivera agora considerado, rico e saudável nalgum grande centro mundial...

Mas a que vêm arrependimentos e devaneios?

Voltemos ao Trovas.

De há muito que ele me inspirava interesse e curiosidade e de há muito que eu lamentava não o ter mais ao alcance da minha observação, pois por si só era já uma bela figura para estudar sob vários pontos de vista, avultando o ético e o estético.

Não que o Sr. Trovas fosse algum Antínoo ou professasse as virtudes de S. Vicente de Paula: era um machacaz já na volta dos 50 anos, malfeito, curvado, com o corpo a bailar-lhe no fato velho, pois que se lhe haviam derretido os redenhos sem lhe dar ensejo a reformar o guarda-roupa, e a cabeça, de cabelo frisado e barba rapada, dando ao longe a impressão de pertencer a um cabotino venerável, de perto incitava a invencíveis desconfianças. Quanto a sentimentos piedosos, se recolhia as órfãs desvalidas era, certamente, para as industriar em artes perversas.

E tinha para esse fim a mais sagaz e ativa das colaboradoras na sua companheira, a Balbina Catada, antiga marafona que ele desposara em Lisboa e que o induzira a vir para a província onde ela pretendia estadear a sua regeneração pelo matrimónio aos olhos ofuscados das colegas e dos antigos amantes...

E apresentaram-se muito bem equipados, escrupulosos na convivência, que escolhiam entre pessoas de razoável reputação, e sempre assíduos nas devoções religiosas.

Ele, conquanto não blasonasse de ascendências mitológicas, rentava de bem aparentado, apontando mais de um visconde na família, e ela, dengo-sa ainda mas refeita em pudícia, se não enjeitava a humildade parentela, limitava-se a receber em casa algum primo, marujo novo de boa e possante aparência, e penteada à japonesa, tão repuxado nas fontes o cabelo que lhe apanhava os olhos à *masumé*, trajando seriamente, saias lisas de cores honestas, lenços cruzados sobre o peito e xales escuros, não desmerecia por seus próprios méritos de marido tão genealógicamente bem prendado.

Mas estas eram aparências para embair o povo soez, que ao meu excitado faro tudo tresandava a vício crónico. E daí toda a minha curiosidade.

Porque o ocultarei (visto ser inabalável intenção minha não sair nunca do anonimato), porque e para que o ocultarei? O vício é, na arquitetura

da minha sociologia, o grande encanto da vida quando, bem entendido, se pratique sem crápula.

*Sine arte, voluptas vulgaris, luxuries odiosa*, seria a legenda que eu inscreveria no meu brasão, se o tivesse...

Assim, as minhas simpatias logo acolheram aquele casal tão conforme, tão bem sorteado — aqui está, ampliado, o ponto de vista estético e o ético — e quando o público murmurou por ver o Trovas ilustre fechar o período longo de ociosidade em que permanecera para montar na Ribeira uma casa de pasto, ou coisa parecida, eu aplaudi-o, na firme intenção de a frequentar.

Mas o estabelecimento não era para gente da minha categoria e receoso de que constasse a minha mulher, que é senhora de muito gênio, tão séria infração ao que eu devo à própria dignidade, abster-me de lá entrar.

Ao estabelecimento afreguesou-se logo, na peugada dos bonitos moços primos da Balbina, a rapaziada das armações e grande parte da população marítima flutuante, como sejam tripulantes de navios costeiros e companhias da pesca no alto-mar.

Para que a vida lhes decorresse mais desafortadamente arrendaram uma propriedade de certa importância, com monte cómodo e boa vinha, em sítio bastante desviado da vila e junto a uma pequena praia solitária, o que lhes permitia veranejar à beira-mar, recolher vinho sem mistura para gasto na tasca e secar bons figos que vendiam no inverno.

Mas nunca lá iam os dois ao mesmo tempo, visto ser indispensável à direção da casa de pasto a presença de qualquer deles: ia o Trovas ou a Balbina, por uns dias, levando a Balbina ou o Trovas na sua companhia um ou dois ou mais primos, ou alguns bonitos moços amigos desses...

Para serviço da tasca arranjam duas raparigas de sofrível presença e coração acessível que muito concorriam para chamar ao estabelecimento maior número de fregueses.

Mas embora a tasca estivesse de contínuo cheia não prosperavam, antes pareciam caminhar direito à ruína certa, tão variados e repreensíveis eram os expedientes de que lançavam mão para manter ilusórias aparências de bem-estar. Desses expedientes me chegou pronta notícia e como visse que a desgraça lhes vinha perto sinceramente me felicitei a mim mesmo por não haver cedido às sugestões viciosas que a princípio me induziam à sua convivência.

Mas nem por isso os perdia de vista e algumas vezes encaminhei meus ociosos passos para os lados onde tinham a renda e na pequena

praia solitária os espiei, a cada um dos dois, no seu alegre convívio com os primos bonitos moços, marítimos, os quais, à medida que a miséria adiantava iam, naturalmente, reduzindo-se a dois ou três malandrões terrestres de má catadura e ínfima espécie...

Em suma, quando vieram para a minha vizinhança havia muito que eu deixara de corresponder aos cumprimentos de chapéu fora, continência, etc., com que o Trovas me mimoseava na rua, e ao vê-los instalados no seu novo estabelecimento compreendi que tinham resvalado ao último grau de penúria.

De outra forma também, como alugariam eles o arruinado casebre onde agora punham venda, pardieiro cujo proprietário, um farmacêutico avaro e fantástico, não era homem que mandasse nunca deitar rebocos ou pôr telha nova nos seus prédios?

No entanto, esse casebre, situado em boa rua à entrada da vila, no ponto de convergência de outras ruas e travessas, devia prestar-se admiravelmente ao comércio do Trovas, já reduzido, como verifiquei, à taverna.

Acompanhava-os uma fêmea sem idade apreciável, de olhos apagados, engelhada como tripa seca, andando a passinhos curtos e hesitantes, de quem joga a cabra-cega, mas com uma singular afetação de empeco, presumindo que lhe tolham as pernas imaginárias virgindades...

Da minha casa, ou, por outra, da casa que me servia de escritório e onde passava os dias e boa parte das noites — pretextando o necessário isolamento a que me forçava a composição das minhas correspondências para a *Actualidade*, eu obtivera da minha mulher, em cuja dependência permaneço, licença para conservar esse intelectual refúgio —, do meu escritório, pois via-se o que ia por casa dos Trovas em condições comparáveis às de um espectador, oculto na sombra do seu camarote, a quem nada do que se passa no palco escapa, e escusado será ajuntar com que vigilante cuidado os observei desde que os tive ali à mão...

Minha mulher, nessa época, afrouxara consideravelmente a rédea — expressão dura mas justa — que me sujeitava, imaginando, como eu a convencera, que das minhas correspondências para a *Actualidade* dependia o aumento do meu soldo. De tão rara lassidão me aproveitava eu gostosamente, prestando mais a miúdo preito a Eros e dando, de noite, no meu escritório, entrada a criaturas suspeitas que tão-pouco podiam escapar à curiosidade da gente da venda e, a fim de evitar denúncias que, pelo menos, seriam fatais à minha liberdade, recebi o Trovas com um sorriso

indulgente, consentindo, à boa paz, que ele, umas vezes por outras, me viesse dar dois dedos de cavaco.

À taverna concorreu a melhor parte da freguesia angariada no estabelecimento da Ribeira, composta de moços do mar que entravam, bebiam, zombavam e saíam com a sem-cerimónia e a familiaridade, ou antes, com o desplante e as exigências que mesmo a excessiva confiança não desculpa, abraçando a Balbina Catada, beliscando as partes moles da velha virgínea e dando palmada na sumida pança do Trovas, que tudo suportava sem perder o seu falso ar respeitável.

E quando a taverna estava repleta e o vinho transbordava pela boca da rapaziada, o Trovas, sempre venerável, sorridente, furfuráceo a ponto de parecer enfarinhado, sentava-se num banco junto ao balcão e, pitadeando, entretinha os moços com extensas narrativas priápicas...

No entretanto a Balbina Catada vinha repuxar as falripas para a porta da venda e ali ficava horas esquecidas, encostada à ombreira, mão na face, deixando flutuar ao vento o avental puído e amarelo como a bandeira do cólera; e a criada, aia, ajudanta ou o que fosse, a das recônditas virgindades, em suma, passava e repassava ao fundo da venda, fumando cachimbo e suspirando.

Em certas noites, num momento dado e como que obedecendo a um sinal do Trovas, a Balbina, subitamente, recolhia-se, fechava a porta e lá ficava toda aquela tropa fandanga a barafustar e a cozer o vinho até fora de horas e, viesse quem viesse bater, da venda ninguém lhe acudia.

Algumas vezes, e não poucas, nesses encerros rebentavam verdadeiras tempestades com gritos, pragas, vociferações e grossa pancadaria que se extinguia por si ou desfechavam na expulsão dos encerrados, postos na rua de cambulhada, surgindo atrás deles, como o anjo do paraíso, o Sr. Trovas entre os dois já referidos meliantes de má catadura e todos três armados não de espada flamejante mas de moca de azinho.

Pouco a pouco a freguesia, porém, começou a abandonar a venda até que um dia lá apareceu uma rapariga chamada Sancha; cabeça esférica e escaveirada, olhos sempre em alvo e o nariz arrendado pelos labores das bexigas; e logo na outra semana uma Doroteia: negra, fabulosamente calipígia, as largas faces semeadas de lunares pilosos e trazendo as saias arregaçadas para mostrar as pernas que, de monstruosas, pareciam atacadas de elefantíase, metidas, ainda por cima, em meias de linha verde com riscas pretas...

Estas duas sereias não tardaram em atrair novamente a mocidade marítima ao estabelecimento que entrou em plena atividade: ao periclitante negócio da taverna juntou definitivamente o Sr. Trovas o mais rendoso e seguro da prostituição, encetando uma fase de invejável prosperidade.

Nos dias de mercado, quando acudia a concorrência da corredeira, que era próxima, e a Balbina Catada, mais romântica e oriental do que nunca, se punha à porta a frigir peixe, acolitada pela decrépita Virgolina, e confeccionava vesugos de escabeche, não se cabia lá dentro, tanto era o povo a acotovelar-se ali: uns pelos vesugos, outros pelo vinho, outros pela Sancha, outros pela Doroteia e outros pelo próprio Trovas...

— Sim senhor, pelo próprio Trovas — dizia-me, raivoso, um taberneiro da mesma rua, sem freguesia.

— Isso é impossível, vizinho... — protestava eu.

— Impossível? Então o vizinho cuida que não há muita gente que gosta do queijo da Serra?...

— !?...

— Isto brada aos céus!... E eu desgraçadamente não posso fazer o mesmo: sou um pobre pai de família... Aqueles cães ganham rios de dinheiro!...

Eu julgo que esta comparação — do queijo da Serra — ultrapassa até os próprios confins da liberdade poética e, por asquerosa, indignará, talvez, alguns leitores; mas registo-a em preto à verdade e na esperança de fornecer subsídio aproveitável a futuras filologias.

Dada assim uma amostra da irritação que lavrava no ânimo dos colegas do Trovas, não se estranhará que eles, invejosos da maneira propícia como lhe corriam ou pareciam correr os variados ramos do seu comércio, se dessem pressa em o denunciar à autoridade, queixando-se das continuadas arruaças e distúrbios noturnos, provocados pela mistura do amor com a aguardente, e o Trovas foi intimado a especializar-se num único ramo da sua atividade. Optou, naturalmente, pelo mais lucrativo, senão, também, mais honesto: a prostituição.

Vieram novas pupilas para companheiras de Sancha e Doroteia, substituindo-se incessantemente umas às outras, sempre equivalentes na beleza, elegância, finura, asseio e mais predicados necessários a tais rameiras para uso do mais ínfimo bordel.

A guitarra nunca mais desamparou aquele antro, de onde, noite e dia, desabelhavam, para minha consolação, verdade seja, as suas molhadas notas doiradas.

Não se interrompiam os descantes nem se davam tréguas aos despiques, brigas e zaragatas que, sobretudo aos sábados, quando os serviços da pública higiene ofereciam aos frequentadores maiores garantias, tomavam proporções homéricas.

Como a casa não contivesse quantos lá pretendiam entrar, nesses dias privilegiados, o despeito e ânsia libidinosa daqueles a quem recusavam entrada pronta tornava-os endiabrados: insultavam, então, a Balbina e o Trovas, relembrando episódios que até certo ponto confirmavam as presunções do taberneiro pai de família; levantavam algazarras de ensurdecer e por fim apedrejavam a porta e a janela do estabelecimento, que invariavelmente ao domingo recebiam a visita do carpinteiro e sofriam, por vezes, importantes concertos.

A vizinhança queixava-se amargamente e renovou as denúncias à autoridade, a qual, tendo justamente por sagrados os direitos da prostituição, a nada atendia.

Sucedeu, mesmo, uma noite saírem à rua as marafonas, todas em pelo, seguidas pelos seus pares em igual compostura, e, embora se recolhessem logo ao imoral cenóbio, aquela visão de antiga saturnal escandalizou grandemente os moradores da nossa rua e das adjacentes.

Organizou-se uma comissão de protesto cuja presidência me foi oferecida e eu recusei, por sinal em termos que, se me não deixaram bem visto dos interessados, ao menos me tranquilizaram a consciência.

Sinceramente lhes disse que aquele espetáculo seria muito bem pago quando nos exigissem dinheiro para o ver e assim tudo nos induza à indulgência...

Quanto ao Trovas, à Balbina, etc., resolvi terminantemente não lhes aceitar mais cumprimentos.

Mas um dia, pela porta da venda entreaberta, na penumbra do interior, divisei, sentada junto ao balcão, no lugar conspícuo e cómodo que o Trovas ordinariamente ocupava, uma criatura de todo em todo extraordinária: mulher ideal, diria, se tal epíteto jamais pudesse transpor, com justa aplicação, o limiar do Trovas!

Era uma rapariga de aparência franzina que, airosa, de perna cruzada, arcando divinamente o braço nu, fumava cigarros e falava espanhol. Ao expelir o fumo do cigarro em ténues baforadas toda se encostava para trás e o seio entumecia-se-lhe prodigiosamente debaixo do leve casabeque solto; de entre as fartíssimas madeixas do cabelo, que lhe caía sobre os ombros

em lustrosas ondas negras, o rosto emergia oval, puro, mate, iluminado por dois olhos babilônicos, imensos olhos ardentes que fascinavam...

Não mais desamparei o meu posto de observação a verificar quanto havia de verdade naquela figura misteriosa; não fosse ela filha da minha fantasia, ajudada pela meia obscuridade de onde mal se despegava, transformando o que devia ser horrível fregona em virgem do Murillo! Daí a pouco tive-a à porta, em plena luz: nenhum engano, nenhuma ilusão, nenhuma fantasmagoria! A luz do Sol doirava-lhe o rosto e alisava-lhe de reflexos azuis as madeixas dos cabelos; na carne firme, roliça, dos braços que saíam, nus, das mangas largas, o sangue parecia correr com a abundância do sumo na polpa de certos frutos.

Era um raríssimo, um puríssimo tipo de baiadeira, de uma anti-quíssima raça oriental que fortuitos cruzamentos com outras raças não conseguiam abastardar e eu, esquecido de quanto sofrera no convívio das suas afins, embeveci-me a ponto de abrir a janela de par em par, para que a sua imagem pudesse mais facilmente entrar-me por casa dentro e porque supunha, no encarecimento da admiração, melhor contemplar o seu corpo dando-lhe mais vasta moldura...

Apenas me lorigou pasmado levantou, como quem agita uma flor de longo caule, a sua comprida, fina, nervosa mão de cigana e, tocando nos lábios, atirou-me um sonoro beijo enquanto pelos seus olhos passava um relâmpago de lascívia...

A afluência a casa do Trovas logo nesse dia cresceu a ponto de haver cola à porta e, ao contrário do que até ali sucedera, a rapaziada esperava a sua vez repousadamente. Tudo corria em silêncio e em silêncio permaneciam o Trovas, a Balbina, a donzela sorvada e as demais croias desprezíveis.

De quando em quando a cigana vinha à porta, arqueava

o braço nu para tirar o cigarro dos lábios, soprava a ténue, infinita baforada de fumo azulado e, com o mesmo relâmpago nas trevas do olhar, na sua algaravia luso-espanhola:

— Esperem, tenham paciência, rapazes; eu não me canso. Jesus! Se há gente... Mas há de chegar a vez a todos...

E como algum mais impaciente e grosseiro a intimou, com obscenidades à mistura, a que se aviasse para o despachar, ela serenamente, replicou:

— És o único malcriado mas não penses que te tenho medo a ti... Olha que ninguém me mete medo; a minha vida está por um fio: não

tarda muito que não venha alguém beber-me o sangue... Sosseguem, rapazes, sosseguem... Há de chegar a vez a todos...

E os rapazes quando saíam do bordel traziam os olhos mais claros e, pálidos de satisfeito enlevo, falavam baixinho; pareciam enternecidos e diziam para os que ainda estavam na rua:

— Tenham paciência, esperem que terão boa paga... Nunca houve mulher igual a esta... Quem lhe beber o sangue não perde o seu tempo, pois deve ser gostoso...

Mandei chamar o Trovas, que ainda se fez rogado, para mais atear a minha curiosidade. Precisava descobrir a explicação do estranho enigma que era aquela mulher...

Mas o Trovas jurou que nada sabia e fê-lo em termos de me convencer. Tinha-lhe batido à porta quase de madrugada, sem trazer mais roupa do que a do corpo, oferecendo-se por poucos dias e dizendo sempre que se não admirassem se aparecesse alguém para lhe beber o sangue... A Balbina ainda se pusera de mantos de seda, porque não queria doidas em casa, mas ele percebera logo o peixe que era e teimou em aceitá-la... E era o que se estava vendo... De onde vinha nem ela o dizia nem se sabia, nem se desconfiava... Mas o que ele afirmava é que ela atravessara a serra, pois a sua roupa cheirava a estevas que rescendia...

Cheirava a estevas!...

O cheiro tão penetrante e vivaz da resina das estevas, no fato que por elas roçou, em breve se transforma em perfume de mel novo e logo passa a lembrar a cera virgem e poucos dias tarda que não seja o característico cheiro de defuntos...

Assim considerava eu, sentado à entrada da ponte, no outro lado do rio, ao entardecer de um desses dias melancólicos sobre os quais paira uma tristeza igual e sem variação, como nevoeiro que vento algum dissipa.

Não quero dizer com isto que o dia estivesse de chuva ou que a temperatura baixasse a ponto de nos gelar as humanas carnes mortais: a meteorologia não vem aqui para o caso; dentro de mim é que o dia corria lúgubre; o cérebro parecia-me encortiçado e o coração queixava-se-me de mil saudosas ausências impossíveis de discriminar...

Delas se embebia o espírito sem que, no entanto, os sentidos se alheassem totalmente do mundo exterior e recorde que, pairando numa região ideal, entre palmares, onde os perfumes da Arábia perpassavam agitados por graças baiaadeiras envoltas em musselinas transparentes, nem por isso

deixei sem reparo um velho pobre pedinte que defronte de mim parou estendendo a mão à esmola e a mastigar sofregamente o seu pedaço de pão negro com um extravagante movimento de mandíbulas que ora lhe amachucava ora lhe enchia o rosto como fole em atividade.

Instintivamente lhe dei o perdão, mas ficou-me a lembrança da sua singular figura que, por um fenómeno frequente em quem é dado a fundas meditações, me soltou da apertada rede dos meus pensamentos atirando-me para a vida ambiente e real.

E como se tudo já me sorrisse pus-me, encostado ao remate da ponte, a contemplar os movimentos de uma mulher do campo que passava, andando apressada, com o filhinho ao colo, mas compondo o xale que lhe escorregava dos ombros, a mecha de cabelos que lhe caía nos olhos, o lenço cujo nó afrouxava, e tudo isto sem hesitação, sem desequilíbrio, sem perturbação no ritmo do andar e afagando sempre a criança que se estorcia inquieta.

— Olé! — Exclamei arrebatado — se este não é um espetáculo estético é que a estética não passa de uma vã palavra!...

E segui-a com o olhar pela avenida fora quando reparo numa espécie de gigante que vinha em sentido oposto e diante dela estacou, como que a querer-lhe embargar os passos, perguntando-lhe logo. Mas a mulher, evidentemente assustada, recuou, olhou para trás e, ladeando-o, a abanar negativamente a mão solta, estugou o passo e, logo, quase deitou a correr.

A minha atenção convergiu toda para o gigante que, sem mais se preocupar com a campónia, enterrou o chapéu na cabeça e meteu rapidamente direito à ponte.

À entrada da ponte, a dois metros do sítio onde eu me encontrava, deteve-se, mostrando hesitação e, sem me ver, ou fazendo que me não via, ergueu os olhos, como que a perscrutar o firmamento, levou as pesadas mãos às abas do chapéu para mais o enterrar na cabeça e depois, abrindo desmesuradamente o imenso compasso das pernas, foi-se pela ponte em cujo tabuleiro as suas passadas retumbavam cavas.

No momento em que o tive quase a meu lado examinei-o bem: era enorme; era monstruoso! O arcabouço mociço, redondo, com proporções de mó do moinho; os braços grossíssimos, como troncos de árvores articulados, encurvavam-se a miúdo e ligavam as mãos com um jeito de formidável turquês que se fecha para esmagar qualquer coisa; e as esgalgadas pernas de uma tão maravilhosa elasticidade que só as feras assim as têm. Mas

o rosto, então, apavorava: lívido, golpeado pelo farto bigode preto, que lhe caía em compridas, agudas pontas dos dois lados do queixo, e sob as hirsutas sobrancelhas, na profundidade das órbitas cavernosas, ardiam-lhe os olhos desvairadamente...

Experimentei ao vê-lo um violentíssimo rebate de temor e de curiosidade; sem mais reflexões pus-me a segui-lo, de longe, com a tenacidade e prudência de quem espreitasse um tigre real.

Até passar a ponte não demonstrou a mínima irresolução e sem vacilar entrou no povoado, seguindo a linha do cais. Como ao princípio do primeiro largo houvesse ainda restos da feira, com uma barraca de cómicos junto à qual se ia aglomerando gente, torceu pela mais próxima travessa, transpondo duas ruas solitárias e metendo por outra rua que novamente o trouxe ao cais, mas a ponto menos frequentado.

Aí parou algo perplexo, numa indecisão de pouca dura; como se reconhecesse a topografia da vila anteriormente estudada num plano, seguiu afoitamente pela rua que leva ao meu escritório...

Começava o crepúsculo. Em frente do Trovas àquela hora era grande a concorrência de gente das fábricas e das armações que passava; o monstro não a evitou, mas após um instante de hesitação escolheu assento cómodo entre as cantarias soltas que ali estavam destinadas a um prédio em construção e, acolhido à meia obscuridade de um andaime, deteve-se alguns minutos, cobrindo o rosto com a larguíssima, a disforme, a gigantesca mão, por cujos dedos entreabertos eu presumi que ele inspecionava o local e sobretudo a casa do Trovas.

Quando eu me aproximava souu-me a voz bem conhecida da cigana que, após uma gargalhada argentina, repetia o seu estribilho:

— Hombre... a mi que me hace?... Mira que nó tardará mucho sin que me beban la sangre!...

Evidentemente estas palavras alcançaram os ouvidos do forasteiro, mas ele, sem dar mostras de sobressalto, correu a mão pela testa, como quem penosamente suspende um repouso necessário, repetiu o gesto de enterrar o chapéu na cabeça e levantando-se, na aparência alheio ao que lhe ia em redor, coou-se por entre os andaimes e seguiu ao longo da construção.

Ao tempo já eu lhe passara adiante e para não retroceder, única forma de lhe ir na peugada, fui postar-me numa espécie de encruzilhada próxima, onde estão estabelecidos os caldeireiros e onde me palpitava que ele passaria.

Não me enganei. Tive-o ali sem demora e vi-o acercar-se confiadamente do velho Ângelo que, à porta da oficina, fumava o seu cachimbo calabrês. Poucas palavras trocaram e ao gesto do caldeireiro, indicando-lhe a Rua do Colégio, o monstro continuou no seu caminho.

- Boa tarde, Sr. Ângelo — acudi eu.
- Boa tarde, Sr. capitão...
- Quem será aquele homem?
- Um meu patrício, mas não sei o que ele busca...
- Boa tarde, Sr. Ângelo...
- Boa tarde, Sr. capitão.

O monstro seguiu, com efeito, a Rua do Colégio, atravessou o Largo do Pelourinho, a Rua dos Surradores, e, como que atraído pela frouxa claridade do poente, dirigiu-se para fora da vila, cortando por um atalho e passando rente ao cemitério.

Era já sol-posto, como disse, e o crepúsculo a extinguir-se, envolvendo em meias trevas a vila que naquele ponto remata num outeiro onde assenta uma casa nobre. Todo o edifício jazia na escuridão; somente a balaustrada que o coroa sobressaía em relevo na faixa doirada do poente. Do outro lado do céu, um grupo de árvores, alta mancha confusa mas recortada nitidamente na folhagem do contorno. Entre a balaustrada e a copa das árvores dobrava-se no céu um grande arco de carmim sangrento. Foi por esse fantástico pórtico que o monstro desapareceu, crescendo, em proporções, contra as regras da ótica, à medida que se afastava e desfazendo-se subitamente no derradeiro bruxulear da luz poente...

Dei por finda a minha tarefa entendendo que só uma vã preocupação romanesca atuara no meu espírito; se o aspeto do forasteiro era de molde a inspirar funda curiosidade, a última parte do trajeto que ele adotara e o seu desaparecimento pelo extremo oposto da vila patenteavam claramente a resolução de se trasladar a outro povoado e assim escapava à esfera da minha observação.

Pela volta das 8 horas voltei ao meu posto no escritório, resolvido a passar ali o serão e, no intuito de me assegurar mais ampla liberdade, havendo prevenido minha mulher de que a composição de uma longa e urgente correspondência para a *Actualidade*, sobre um casamento recente, me obrigaria a recolher mais tarde.

As feições, os gestos, a voz cigana não me desamparavam a memória acendendo-me nos nervos rastilhos quase dolorosos de volúpia;

tornava-se-me imprescindível a sua proximidade e já me sentia contagiado da febre de luxúria que atraía ao antro do Trovas a incessante romagem de rapazes...

Não tardaria muito que, perdido o resto da vergonha, eu também lhe fosse bater à porta...

Instalei-me comodamente na escuridão com o tabaco e mais petrechos de fumador ao alcance da mão, para não dar tréguas ao vício, e deixei correr as horas. Era naturalmente de noite que no estabelecimento do Trovas se davam os melhores espetáculos...

A concorrência continuava ativa como nas noites anteriores e desta vez o movimento dos fregueses, graças a um acaso notável, parecia fazer-se por música, tão ritmado se produzia com os trechos executados num piano da vizinhança.

Era um velhíssimo piano cuja sonoridade o tempo e as vicissitudes haviam consumido ou transformado a ponto de não ser então mais do que um conjunto de notas secas, golpes de martelos de madeira em madeira rachada com, à mistura, algumas raras vibrações de arames bambos... Mas o caso é que se moldava à situação e embora a imagem da nova pupila do Trovas pedisse, talvez, algum descritivo, dessa nova música alemã onde abundam os puríssimos solos de flauta em murmurantes fundos de pizzicatos, quando as estocadas de clarim não atravessam tempestuosas sonoridades — o leitor deve saber que eu sou músico e o meu instrumento favorito é o trombone —, embora a fantasia poética requisitasse, repito, composições de outra envergadura, as mazurcas e polcas tangidas ansiosa e incansavelmente no piano vizinho naquela noite cingiam-se melhor ao libreto e não era sem tal ou qual prazer que eu me entregava à sua ação estética...

Foram passando as horas e já o sono me inquietava molemente as pálpebras quando, num instante de acalmia, encontrando-se a rua solitária e a porta do Trovas sem ninguém, o que é que veem estes olhos que a terra há de consumir?

Distintamente o vulto inconfundível do forasteiro sai das trevas, adianta-se resoluto e abeirando-se da porta do bordel começa a vibrar pequenos golpes espaçados com todo o ar de corresponderem a um sinal combinado... Imediatamente a vozeria e os descantes, lá dentro, cessaram e após breve pausa, de absoluto silêncio, a porta abre-se aparecendo numa réstia de luz branca o corpo airoso da cigana, com a brasa do cigarro acesa à altura dos lábios.

Da minha janela era impossível perceber o que se dizia a meia voz à porta do Trovas; apesar, porém, da escuridão não se perdia um gesto só...

Ela estendeu a mão direita para o peito do monstro e voltando-se para o interior da venda — sobre a luz de acetilene desenhou-se nitidamente o seu perfil risonho que me evocou a expressão do Camita, o afamado toureiro espanhol, uma tarde na praça de Badajoz, frente a frente com o negro Miura que daí a nada o havia de colher mortalmente —, voltando-se pois para o interior da venda pediu que lhe fechassem a porta, acenando com a mão esquerda, como quem dizia que voltava já. Depois puxou a porta para si e quando se ouviu que, dentro, corriam o ferrolho, via-a seguir, a rés das casas, o vulto monstruoso do outro, direito à baixa-mar.

Sem demora pus-me na rua, ainda a tempo de os divisar atravessando a pequena ponte que, mesmo no fim do povo, galga um caneiro de água salgada e conduz a umas vastas salinas.

Meteram pelas marinhas e eu, sentindo que a vista se me aguçava a ponto de perscrutar trevas que fossem de pura tinta de escrever, prudentemente, sem a mínima precipitação, rejuvenescido e farejando-os de longe, como se a alma de um pele-vermelha feito às mais delicadas pistas me houvesse invadido o corpo, de longe os segui.

Meteram-se às marinhas sempre cosidos um ao outro e reapareceram a mais de duzentos metros, tornejando para a vala grande. A disposição do terreno indicava-me que aí deviam parar e com efeito ali se detiveram mas logo se sumiram, como por um alçapão de mágica...

Mais familiarizado do que eles com a topografia do sítio, cortei por uma divisão lateral, tão pronto e lesto como se tivesse ainda os meus 20 anos — nem o pé tolhido em Pangim me embaraçava — e em menos de um minuto me encontrei tão próximo do ponto onde eles desapareceram que lhes percebia o leve sussurro das vozes...

Arrastei-me ao comprido pela parede da vala, todo ouvidos para nada perder do que dissessem, mas o que a princípio parecia ciciar de vozes foi-se convertendo num estranho ruído indefinível, como um estertor de espantosa lascívia...

Debrucei-me.

Os dois corpos estorciam-se um sobre o outro e percebia-se claramente que o monstro beijava com fúria a cigana e, sem lhe despegar os lábios do peçoço, como que lhe sorvia a vida grandes haustos...

Mas pouco a pouco o silêncio fez-se, absoluto; nem a respiração se lhes distinguia: dir-se-ia que na crise do gozo os dois haviam desmaiado...

Puro engano. O monstro ergueu-se lenta e cautelosamente e às apalpadelas procurou, debalde, por entre as ervas, o quer que fosse. Logo levantou o tronco inerte da cigana e, ajoelhado, segurando-a pelo braço esquerdo, rebuscou no chão e apanhou um objeto reluzente. Era uma faca aberta que ele limpou nas ervas, soltando ao mesmo tempo o corpo da cigana. No leito de murraça húmida que a baixa-mar deixara a descoberto, o corpo bateu sem ruído e permaneceu inanimado.

No entanto uma Lua escarvinha, alongada e cor de fogo como a cabeça de um Mefisto descarapuçado, assomara e subira rapidamente sobre o horizonte iluminado este quadro estranho e à sua luz verifiquei que o rosto do monstro estava mádido de sangue, quando ele, circunvagando a vista, procurava sem dúvida certificar-se da ausência de testemunhas.

Instintivamente, ao perceber-lhe a intenção, escondi a cabeça no debrum da vala e dali a levantei somente quando deixei de ouvir as suas passadas que, primeiro, soaram patinhando nas poças do morraçal direito ao terreno vago que precede o cais e logo se extinguíram muito longe, em terra firme.

Então debrucei-me novamente e examinei com cuidado a cigana já toda iluminada pela pálida claridade da Lua. O seu corpo quase que não avultava sobre as ervas escuras; o tronco, metido no casabeque branco, fazia uma alva, larga e irregular mancha sem relevo e o rosto seco, terroso, de feições sumidas, imobilizara-se no característico *rictus* de cadáver, rosto já de múmia cuja boca os dentes saídos e juntos tapavam como placa de marfim...

Na minha passagem por Alexandria eu vira uma figura tal qual, mas no seu caixão de cedro: era uma sacerdotisa do tempo dos Faraós.

Ainda pensei em descer e apalpar o corpo da cigana, mas tive medo — um como que terror quase supersticioso, não fosse eu profanar alguma divindade morta!...

Os médicos que lhe fizeram autópsia, ao dia seguinte, não lhe encontraram pinga de sangue nas veias, mas ninguém suspeitou que um vampiro lho houvesse sugado, pois durante a noite a maré lavajara por muitas horas o cadáver e o sítio onde ele ficara, presumindo-se que assim desapareceu o sangue derramado.

E no entanto fora o vampiro quem lhe metera os lábios a uma das carótidas, aberta de um único e certo golpe, sugando-lhe o sangue e

escamugando-se depois tão habilmente que nessa data, volvidos quase seis anos completos sobre o acontecimento, ainda não houve dele novas ou mandados.

## POSFÁCIO

Será fácil conjecturar o grau de solicitude com que eu acudi a relatar pormenorizadamente esta sensacional tragédia em correspondência para a *Actualidade*.

Evidentemente para fugir à contingência de, perante a justiça, testemunhar sobre o caso, atribuí a imaginação dados irrefragáveis e presenciais; assim aventava a hipótese do vampiro donde tirava lindos efeitos romanescos.

Pois acreditem ou não, a minha correspondência foi refugada a pretexto de imoralidade!

Isto brada aos céus, sobretudo se pensarmos que é nas colunas dessa mesma *Actualidade* que se me deparam quotidianamente notícias acerca dos melhores específicos para as recordações das baiadeiras.

Mas episódios de ordem tal, quando mesmo os houvessem engendrado a alucinação e o sonho, não permitiria nunca a justiça imanente e universal que ficassem perpetuamente ignorados do público, por isso me determinei a escrever esta resumida relação, no intuito de a dar à estampa, cuidado este que confiei à minha conceituada tipografia da capital do distrito, *A Minerva*.

LAUS DEO



*A Francisco Carrelhas*



## O TRISTE FIM DO MAJOR TATIBIATE

(Conto simbólico)

Gentil Pepa tinha os olhos estelantes, no dizer do major que pescara esse precioso vocábulo em umas jaculatórias à Virgem publicadas na Coroa de Martírios, seu hebdomadário alimento espiritual, e o fora decifrar compulsando os dicionários da Biblioteca.

Júlio Ramires, o poeta-amanuense, teimava em que os olhos de Gentil Pepa olhavam sem ver, iluminados por luzes interiores, combustões latentes, íntimos arroubamentos, etc.

Padre Pércles remetia-os para o arsenal de Satanás, mas confessava-se impenitente pelo gosto de os remirar em que reincidia diurna e noturnamente, antes e depois da missa.

Gentil Pepa, porém, amava o alferes, bizarro cavaleiro que vinha caracolar, a horas certas, pela rua deserta onde a estropeada puxava ecos de cisterna, chamando às janelas o ídolo de tão diversos amores e as caras consternadas dos três desprezados idólatras.

— É um dodivanas!...

— Um imbecil!...

— Suas faculdades mentais andam fechadas em caixinhas de que se perderam as chaves... Comentavam (raivoso, desdenhoso e subtil) o major, o poeta e o padre. Mas Gentil Pepa retrucava-lhes, meneando a cabeça com o seu inimitável salero gaditano:

— Quando ele sai a cavalo, ai!, chicória, que destroços no coração das damas!...

Gentil Pepa mantinha-se e vivia por conta do major, do poeta e do padre, para esse fim associados, e, hábil princesa poligâmica, policiava o seu serralho com férrea disciplina.

Mas Gentil Pepa adoeceu de um susto apanhado ao sair de Santa Engrácia, após um sermão do padre Péricles. Embora as portas da igreja fossem largas, a turba era tão densa que se escoava a custo e aos gorgolões, e em uma das represas Gentil Pepa vira-se perdida: suas fofas e copiosas polpas atenazavam-se nos relevos do guarda-vento; seus ossos mimosos rangiam; despedaçada a graciosa mantilha e rota a coifa, seus cabelos soltaram-se, logo arrepelados por mãos sôfregas e bárbaras.

Seu salvador fora o alferes e não era tanto a carne dolorida que a pungia como a tristeza de não poder dignamente premiar aquele peregrino ato de dedicação e coragem.

Lealmente reunira os societários e com desacostumada timidez lhes desvendara os recessos do coração... Consentiriam eles em admitir um sócio mais e sócio beneficiário?...

A negativa foi unânime e energicamente mantida.

Seguiram-se dias tormentosos. Gentil Pepa desmerecia a olhos vistos; suas polpas minguavam e ao seu rosto acudia a palidez do marfim ama-relecido de anos...

Veio o médico: Gentil Pepa recusou tratar-se. Ele, no entanto, receitou uma urgentíssima limonada de citrato de magnésia...

Mas qual dos três teria ânimo e artes bastantes a introduzir no intestino de Gentil Pepa uma infinita limonada de citrato de magnésia?

Tiraram sortes e coube o encargo ao major.

Combinara-se que a droga fosse ministrada à melancólica enferma ao romper da madrugada...

Toda a noite o major levou de vela, passeando no corredor e repetindo em voz alta, ora brando ora iracundo: «Eu chamo-me José Soares, eu chamo-me José Soares...»

Não se chamava tal. O verdadeiro nome do major era Aparício de Lima. Mas a noite seguiu o seu curso; despontou a aurora, naquele dia lacrimosa; veio o leiteiro e depois o padeiro e por fim o médico, e ainda o major passeava no corredor, repetindo, ora manso ora assanhado: «Eu chamo-me José Soares, eu chamo-me José Soares...»

— Então — inquiriu o doutor —, já a doente se purgou?...

Mas o major, absolutamente desvairado, defrontou-se-lhe e esgazeando os olhos urrou:

— Eu chamo-me José Soares, eu chamo-me José Soares...

A muito custo o médico, com o auxílio do poeta e do padre, conseguiram chamar o major à consciência da realidade. Foi quando ele explicou que, servindo em África num forte do sertão onde fora condenado à morte um soldado indígena, o comandante, tenente José Soares, querendo animar-se para assistir ao tremendo espetáculo, levava a noite na bateria clamando: «Eu chamo-me José Soares, eu chamo-me José Soares...» — E ele, major, socorrera-se de idêntico estratagema julgando, mas debalde, cobrar alentos para levar a Gentil Pepa a limonada de citrato de magnésia...

— De modo que ainda não se purgou, resumiu o doutor, de muito cá catadura.

— Ninguém se atreve... — replicaram humildemente os três.

— Pois, meus amigos, para isso bolas... Passem por cá muito bem — e foi-se.

Os três então deliberaram largamente, decidindo afinal, como supremo recurso, que fosse admitido o alferes a título de sócio beneficiário. O major assinou vencido.

Comunicada a resolução a Gentil Pepa, pouco tardou que a não vissem reflorir.

Nesse mesmo dia enviaram convite ao alferes para um familiar chá com torradas na noite seguinte, rogando-lhe que trouxesse a guitarra.

E foi nessa noite fatal que a tragédia se consumou!...

O alferes sentou-se na beira da marquesa e começou a afinar a guitarra. A luz da única vela, a que se restringia por determinação dos associados toda a iluminação, espalhava-se-lhe em reflexos azulados e simétricos nos cabelos oleosos que uma risca, branca e nítida como o giz as marca na ardósia, repartia.

No vão da janela, numa penumbra de mezzo-tinto, o roupão de Gentil Pepa alvejava em ondulações atochadas da muita carne da sua plástica luxuriante...

A todos os móveis a atividade do major, habilíssimo no manejo da agulha de barbela, proporcionara mantos de croché, parecendo, na meia obscuridade em que jazia o aposento, estarem todos em camisa...

A cabeça do padre, vista de perfil, imóvel, como que no parafusar de infundável introversão, emergia magra, pálida e encanecida, de um núcleo

de trevas, projetando na parede próxima a sombra aguda do seu nariz que vagueava ao bruxulear da luz, entre religiosos cromos moldurados de negro.

O poeta chupava no bigode, de que só metade pendia livremente: com seus olhos redondos e suas moveções, inquietas ventas, dir-se-ia uma foca barbeada de um só lado.

O bom major encostado à cómoda, mãos cruzadas sobre o volumoso abdómen, entretinha-se a rodar, incessantemente, um em volta do outro, seus grossos polegares de unhas requemadas e duras como falhas de tartaruga.

Tão profundo era o silêncio que, através do tabique, se percebia na casa contígua o murmurar igual e contínuo de duas vozes: dois namorados, sabiam-no todos, dois namorados firmes e constantes. Singular contraste: duas almas monogâmicas arrolando paredes-meias com o serralho de Gentil Pepa!...

No ambiente entorpecido, amodorrado, as notas feridas na guitarra que se afinava vibravam longamente e como que morriam nos olhos de Gentil Pepa, cujas pálpebras, ao rebrilhar instantâneo das pupilas negras, as escamoteavam, absorviam e sepultavam...

A guitarra começou: um fado corrido, em tema invariável e monótono, a desenrolar-se tal uma faixa bordada onde o mesmo desenho se repetisse infinitamente. Logo repenicou umas variações finíssimas que brotavam, frágeis, miúdas e arrendadas, como tremulinas de luar vistas através dum rosal florido. E à medida que as notas se encadeavam ou se desdobravam, perseguindo-se e fugindo como enxame de abelhas de oiro, na face de padre Péricles o nariz enorme, verdadeiro bico de tucano, agitava-se e mergulhava na escuridão a farejar imaginários perfumes; os olhos do poeta encandeciam, chamejando ardências de poente; os pequeninos pés flexíveis de Gentil Pepa batiam, febris, num ritmo sapateado que os braços levantados comunicavam às mãos soltas no ar, enquanto na sua frente o bom major, embevecido na contemplação de suas exuberantes formas, não sentia os cristalinos fios de baba que mansamente lhe escorriam dos cantos dos lábios arroxeados...

Mas da guitarra caíam agora umas notas tão molhadas, tão longas, que sulcavam a escuridão de estrelas cadentes ou lembravam a onda, em noites lascivas, espraiando-se na areia e apagando-se longe, em veladas melodias, dentro das furnas húmidas...

Depois, ressurgindo dessa quebreira que a cada nota parecia exauri-la, a guitarra pontilhou novamente um fado corrido que os petulantes pés

de Gentil Pepa seguiram no sobrado e, como se a vivacidade daqueles movimentos suggestionasse, o major começou também a sapatear, com as suas grossas botas de tacão raso, e animando-se progressivamente saltou para o meio da casa e dançou.

Dançou com maravilhosas escovinhas, passos miudinhos e cruzados de uma inconcebível agilidade e, elástico, flexível, dobrando-se, ou melhor, achatando-se, a miúdo, para dar palmadas no sobrado, como se fosse de borracha, ressaltava, rápido, recomeçando no febril entrelaçado do rabiscar dos pés. Entusiasmado, o tocador acelerou o ritmo sempre acompanhado pelo inesperado bailarim, e quando, rendido ao cansaço, cessou a tangedura, o major prosseguiu na dança, mas passando das escovinhas ao rodopio de vertiginosas valsas para continuar em pulos de solo inglês e por fim em cabriolas de palhaço...

Então Gentil Pepa gritou aflita:

— Acudam a esse homem, senão rebenta...

Os companheiros, também assustados, cercaram-no para o segurar, mas ele, pondo as mãos no chão, despediu, circularmente, tremendas parselhas de coices e voltando subitamente à posição vertical, como fantástico boneco de sabugo, rodou sobre si mesmo e, logo, pela casa fora, num movimento de pião, desaparecendo pela porta do corredor.

— O nosso major está doido!... — exclamaram ao tempo o padre e o poeta.

— Doido?... o pobrezinho!... — repetiu Gentil Pepa e, apoiando-se no ombro do alferes que se lhe ajoelhou ao lado, balbuciou:

— Não me deixes que tenho medo!...

Mas ao tempo já o major voltara montado na espada, dando upas e agitando o chapéu armado, tal um soberano que agradece as aclamações do seu povo. Estacou em frente de Gentil Pepa que se fingia desmaiada e, atravessando no alto da cabeça o emplumado tricórnio, caricaturalmente napoleónico, recitou dengoso a emoliente passagem da *Judia*:

*Dorme que eu velo, sedutora imagem*

.....

Com os delambidos versos foi pouco a pouco entrando em acalmia; caiu-lhe a espada no chão, penderam-lhe, inertes os braços, inclinou a cabeça e ao:

*É sina, é sina! remador, voltemos;  
não na acordemos... para quê, meus ais?...*

os companheiros levaram-no sem resistência para o quarto, despiram-no e meteram-no na cama.

Quietação de pouca dura: momentos depois ei-lo que recomeça com as escovinhas de um fado furioso...

Adregou chamar-se o mesmo doutor que tratara Gentil Pepa, o qual, sem hesitação nem surpresa, deu o major Tatibiate por doido varrido e ao dia seguinte mandou-o para Rilhafoles.

Padre Péricles, na falta do major, continuou a dirigir os destinos da sociedade, cujos recursos minguaram consideravelmente sem que as despesas diminuíssem, pois o alferes tornou-se comensal efetivo e era insaciável nos sólidos e nos líquidos.

Mas como Gentil Pepa não admitia reflexões nem advertências que redundassem em menoscabo do seu amante preferido, ameaçando abandonar o padre e o poeta se eles o não respeitassem e mantivessem, estabeleceu-se prontamente a harmonia perfeita e a vida da sociedade retomou a sua passada e gostosa monotonia.

Num domingo, que destinavam a jantar nas hortas, resolveram a instâncias de Gentil Pepa dar uma saltada a Rilhafoles para visitar o major.

Gentil Pepa, no entanto, entrou ao manicómio receosa e ainda hesitou em olhar através do postigo gradeado da cela do louco; a curiosidade, porém, venceu a instintiva repugnância e demoradamente o contemplou.

Andava o major montado num cabo de vassoura sobre o qual caracolava garbosamente e trazia na cabeça um chapéu de três bicos feito com um velho número do *Jornal do Comércio*. A meio do quarto, sobre uma cadeira, estava um mono informe que, na imaginação do louco, bem podia figurar Gentil Pepa: era o travesseiro envolto na colcha sarapintada de papagaios verdes e vermelhos e toucado com uma toalha franjada. A miúdo o major interrompia as suas carreiras para lhe compor as pregas do suposto roupão ou da fantástica mantilha ou para lhe recitar o

*Dorme que eu velo, sedutora imagem*

.....

Gentil Pepa, reconhecendo-se na mal entrouxada boneca, enterneceu-se e, lacrimosa, pediu que a levassem de ali mas o padre, que lobrigara no jornal um artigo «Família, religião e moral» de grande polpa — como

todos quantos publica a abalizada gazeta — de onde esperava extrair valiosíssimos subsídios para um sermão já encomendado, obstinou-se em conseguir do guarda que o fosse tirar à cabeça do major.

— Há muito que eu busco este exemplar...

— Tenha juízo, padre, e vamo-nos embora...

— Mas, filha, se é uma ocasião preciosa...

— Vamo-nos ou aqui mesmo se arma a zaragata... — ameaçou, rai-vosa, Gentil Pepa.

Porém o padre não cedia e o nariz agudíssimo, por onde parecia escorrer-lhe todo o focinho de tapir, reluzia minaz, impondo a sua autoridade que reforçou com este argumento:

— Lembrem-se que eu preciso daquele jornal para um sermão novo e que um sermão novo dá para meia dúzia de domingos nas hortas...

E como o guarda recusasse entrar na cela para escamotear o jornal da cabeça do louco, padre Péricles pretendeu falar ao diretor do manicómio a fim de obter a respetiva licença.

Felizmente o poeta interveio com o formal compromisso de ir à Biblioteca copiar o artigo, caso fosse impossível obter de algum modo o exemplar do jornal e, abertas as tréguas, partiram.

Mas todos iam macambúzios e mau grado a perspectiva do próximo jantar abancaram mal-humorados sob um caramanchão do Retiro dos Pacatos.

Veio porém a sopa de camarão, as azeitonas e o vinho, prestes dissipando as tristuras salvo no espírito de Gentil Pepa que, embora comesse e bebesse copiosamente, repetia com frequência:

— Tu, padre, tens pelos no coração e eu nunca te perdoarei o que me fizeste em Rilhafoles...

As repetidas libações ainda mais lhe condensaram a melancolia. Quando entraram com a aguardente então abraçou-se no alferes e choramingando:

— A culpa foi nossa!...

— A culpa de quê?... — interrogou com indiferença o émulo de Marte.

— De aquele desgraçado estar ali onde está sofrendo penas tão grandes... E ainda por cima este desalmado padre lhe queria roubar o chapéu que lhe dizia tão bem ao pobrezinho!...

— Acaba com essa asneira — acordaram os três em coro. Mas Gentil Pepa reincidia nas clamações e no choro, contava o seu remorso, afirmando que tinha a alma cristã e sem recorrer à confissão jamais se lhe tranquilizaria a consciência.

— Ah! ele é isso... — atalhou padre Péricles, que a todo o custo queria restabelecer a paz e o sossego na comunidade — pois se prometes estar quieta ajoelha que te vou dar a absolvição...

— Sim?... — exclamou ela enxugando as lágrimas e batendo as palmas.

— Sim...

— Que lindo padre que tu és, querido...

O momento fez-se inesperadamente solene e ao som de uma nora que rangia na horta, Gentil Pepa ajoelhou aos pés do padre Péricles, o qual, com a devida compostura, lhe lançou a absolvição em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo...

— Ámen! — rematou, contrito, o poeta que em seus princípios fora mais ou menos sacrista.

Era sol-posto. Ao sacrílego soltar da absolvição, dita no latinório ritual, uma lufada de vento morno correu pelo vale abaixo, em direção ao Tejo. A nora cessou o seu ruído impertinente e dois próximos ciprestes, cujas pontas o vento dobrara, ergueram-se hirtos e vigilantes como que a espreitar os quatro hereges. Mas nunca mais nenhum deles se lembrou do major Tatibiate...





*A Antero de Figueiredo*



## PROFECIA CERTA

Sala de prédio novo do Torel. Ornamentação «liberty» na sua clara tonalidade preferida que funde o verde-mar em rosa-pálido. Duas grandes janelas por onde se perspectiva a Baixa e um largo trecho do rio. A parede do sul cortada por três arcos envidraçados que dão para uma espécie de estufa rescendente. Abundam ali os tabuleiros de íris floridos cujo ténue perfume delicado penetra o aposento sem dominar os desenxabidos reletos de drogas farmacêuticas que nele flutuam. São duas da tarde de um dia criador e jubiloso de abril; o sol bate nas janelas, coando-se, através dos estores de seda crua meio corridos, pelos intermeios bordados cujos desenhos abertos se reproduzem, luminosos, no tapete.

No ângulo compreendido entre a estufa e a primeira janela há como que um recanto reservado, ao abrigo de vários biombos japoneses que lhe resguardam o perímetro. Dentro encontra-se, estendido em complicadíssima cadeira articulada, um homem doente, de enorme volume e descompasado nas proporções. A mais dos numerosos apêndices que lhe oferece o engenhoso mecanismo da cadeira, cercam-no, ao alcance da mão, várias *étagères* num caos de frascos rotulados, estojos de lavatório, petrechos de fumador, fotografias de celebridades contemporâneas e jornais ilustrados.

O enfermo permanece imóvel e parece dormir. Tem o rosto desmarcado, o fâcies leonino, a pele terrosa, infiltrada de bístre. A queixada avança e arredonda-se maciça, formidável, e as arcadas armam duas cavernas sombrias sob o capacete tumultuosamente boleado do vasto crânio quase

limpo de cabelo. Embora estendido, o seu vulto não acusa transições ou ligações nos membros, mas é como que um montão informe, de configuração ursina, a que pertencem duas mãos de estarrecedor tamanho e dois pés ciclópicos metidos em pantufas de roupa alva. Dormita, roncando, com sobressaltos que, ao som de algum ronquido mais forte, o agitam por estremecimentos de massa gelatinosa; a espaços desperta, ensaia, entre grunhidos, movimentos lentíssimos que não completa, readormecendo logo.

Próximo às costas da cadeira do enfermo está um lindíssimo contador toledano rico em arabescos damasquinados.

Pela porta que se abre ao fundo da sala entra uma senhora elegante que pouco mais terá de 30 anos. É esbelta, airosa, ágil; de cabelos castanhos e profundos olhos cismadores, o seu rosto oval conserva o desenho puríssimo da adolescência, mas as feições desbotadas, fatigadas, já emaranhadas numa finíssima rede de rugas miudinhas, os lábios exangues repuxados, revelam velhice precoce e tudo se harmoniza em expressão de desalento.

Vem preparada para passeio com um vestido de muito leve tecido liso cor de casca de amêndoa, simples no corte e sóbrio nos enfeites, que lhe correm pelo corpete e pelas mangas em arrendadas tiras estreitas de filoseia violeta. Traz na mão uma bolsa de malha de platina e ouro donde tira uma chave pequena com que abre o contador, ao qual se senta a escrever, sem mesmo relancear os olhos para o enfermo. É um curto bilhete, prevenindo uma parenta de que a não espere para jantar.

Quando o vai sobrescritar hesita, reflete, abre-o e ajunta:

— Vou a S. Bento ouvir o Paulo Gonzaga. — Posto o endereço, toca a campainha e entrega-o ao criado, que acode à chamada, perguntando-lhe:

— Ainda não deram o café ao Sr. capitão?

— O Sr. capitão disse que só mais tarde o tomaria.

Ela então, voltando-se para o doente, informa-se, com acentuada frieza:

— Cipião, estás pior?

O doente, porém, ronca e não responde.

— Bem. Quando o Sr. capitão pedir traga-lhe o café.

O criado sai e ela detém-se um instante a observar o enfermo sem que o seu rosto denuncie interesse ou piedade. De repente perpassa-lhe um clarão no olhar, que logo se anuvia de tristeza; apoia o cotovelo à tábua do contador e, de mão na face, medita. Pensa nesse Paulo Gonzaga a que se referia o bilhete. É um médico célebre, feito deputado pelas circunstâncias fortuitas da política e que nesse dia deve interpelar o ministro do reino

sobre assuntos hospitalares. Como seja reconhecidamente um espírito cáustico, de extraordinária cultura e expressão fluentíssima, o seu discurso esperava-se com viva curiosidade.

Esse mesmo doutor Gonzaga, quando estudante, fora o seu primeiro namoro — e o coração ajunta-lhe, segredando, o seu único amor. Deixara-o, embelezada no garbo marcial de Cipião, seu atual marido, o monstro que ali junto jazia, roncando.

Cabeçada... sensual, confessava a si mesma, envergonhada. Ela, até ali tão melindrosamente casta e exigentíssima nos preceitos da lealdade, sentira um dia arder-lhe a carne à passagem do, então, jovem e possante alferes de lanceiros e subjugada, hipnotizada, alucinada, aceitara-lhe a corte lançando mão de um fútil pretexto para desabridamente romper com o outro. Fora perversa e pérfida!

Ao lance nem quase a certeza de que o ludibriado, no seu desespero, recorreria ao suicídio, a demovera. O Gonzaga, porém, frustrando-a nessa ferina esperança, cuja realização tudo aplanaria, escudara-se no seu infinito e insuspeito orgulho, recebera a despedida serenamente e só dera notícias suas no dia da voda mandando-lhe por mão da antiga confidente uma carta que levava a letra gorda, no sobrescrito, esta indicação: «Presente de noivado.»

Essa carta! Como ela sorria, desdenhosamente, ao encetar-lhe a leitura, no regresso da igreja, enquanto mudava de vestido, preparando-se para a viagem de núpcias, cuja perspectiva ridente a fascinava! E ao terminar, como que percebera que um veneno misterioso e subtil e ativíssimo lhe entrara, para sempre, no coração!...

Carta ridícula, contendo uma profecia estulta, pensou; mas guardara-a... — para mais tarde, quando desmentida pelo correr dos anos venturosos, a devolver ao insolente detrator, apostilhada por algumas dessas frases torturantes que só as mulheres inventam e que ela saberia afiar e eivar de sarcasmos inéditos...

Depressa, porém, se convencera de que a suposta mistificação do estudante alguma realidade encobria e pouco tardou em chegar à convicção de que se haviam de realizar todas as suas diabólicas previsões.

Começara então a sua horrível, incomparável, inenarrável agonia!

Pois bem, hoje que ela ia ver e ouvir esse odiado Gonzaga, já triunfante, mau grado a humildade da sua origem e o desvalimento que dá a pobreza, queria ter pela milésima vez a dolorosa satisfação de a reler, e assim ficaria

como que blindada para arrostar a sua detestável presença. Procurou num escaninho do contador umas folhas de papel amarelecido, coberto de letra miudinha e, com as faces afogueadas, leu rapidamente, sem quase nelas pousar os olhos, à laia de quem repete a lição já aprendida de cor:

«Minha querida inimiga. São passados três anos sobre a hora de atroz desengano que me deu a certeza do seu abandono. Sabe com que intensidade a amei e avalia a amargura da minha dor. Seria no entanto ridículo imaginar que ela não teve fim. Há corações onde o amor não morre completamente e o meu assim é, mas hoje, considerado esse amor nos únicos vestígios de que guardei memória, apenas me sugere suaves recordações. Os momentos deliciosos que fruí a seu lado foram e são meus; deles disponho para me encantar, esquecendo o resto. Antes, muito antes, da certeza já a suspeita me empeçonhava a alma. Mas porque me transluzisse ainda alguma esperança, vaga, no futuro, aceitava, resignado, a caprichosa fantasia de uma mulher que, inteligente e pudica, eu julgava incapaz de ceder sem resistência às passageiras solicitações dos sentidos e facilmente voltaria à sua primeira afeição. E no fundo da consciência por pouco não aplaudia a leviana inconstância! Como seria possível cotejar o quase enfezado estudante de medicina, tímido, olheirento, mal vestido, com o garboso e agigantado oficial de cavalaria, de soberba plástica modelada no atesamento do uniforme, sem, desde logo, dar preferência a este.

Nos recessos da consciência — repito — desculpava-a, mas na subentendida condição de que o capricho findaria, tão presos nos encontrávamos por mútuas promessas formais — sagradas — que jamais se quebram sem desdouro e remorso. Mas o capricho não passou e, naturalmente, por isso mesmo que sentia a... miséria da sua falta, foi V. Ex.<sup>a</sup> para comigo requintadamente cruel. Estabelecida a irrefragável desilusão eu pus-me a olhar para o meu feliz rival não com rancor, mas friamente, como analista que procura defeitos, tendo a íntima, embora mal baseada convicção de os encontrar e grados. Desde logo fácil me foi verificar-lhe a insignificância intelectual, sabendo que nas habilitações tão leves do seu curso apenas cantara vitória à custa de poderosas recomendações e escandalosos favores, mas surpreendeu-me deveras a opinião que

das suas qualidades físicas os mesmos companheiros seus nutriam, delas desdenhando, porque, aparentemente forte, como novíssima encarnação de Hércules, qualquer mínimo esforço o cansava e aborrecia. Colhida esta informação encetei sem demora um sistemático inquérito à sua vida e, quanto pude, espreitei-o. Ele era, na verdade, demasiadamente belo, e como ao justificado fogo do meu despeito se me acendrasse o espírito aguçando-o — para não perder, em qualquer fortuito encontro e relanceado exame, ensejo de lhe descortinar os podres —, certa manhã, cedo, que, vindo da Patriarcal, adregou encontrá-lo no Largo das Taipas, cabisbaixo, encurvado, ressumando fadiga e aborrecimento impróprios de tão radiante mocidade, uma suspeita me fulgurou no cérebro: não será este gigante um pobre doente? Porque, convém saber, querida inimiga, na sua maioria, senão na totalidade, esses deslumbrantes espécimes da raça humana não passam de enfermos irremediáveis, caminhando, lenta mas indefetivelmente, para uma transformação física tão horrorosa como grotesca. De facto, o luzido oficial, nesse momento de confiado abandono, a que se prestava a solidão do local e a ausência de donzelas janeliras, apesar da sua extraordinária estatura, apresentava um característico aspeto maciço — cúbico — e o tamanho da mão, que mal apoiava ao punho da espada, e dos pés, que penosamente arrastava pela calçada, era descomunal mesmo em relação à craveira do seu mavórtico dono. — ‘Acromegalia?’ — murmurei: Examinando-o percuciente, muito além da acostumada vidência humana: ‘Acromegalia’ — repeti com alegria satânica. E logo — pois instintivamente nesses últimos tempos me habilitara para o diagnóstico em leituras que se reportassem ao caso — logo:

— ‘Acromegalia e gigantismo’ — ‘Acromegalia’, querida inimiga — e aqui me acodem saudosas reminiscências do muito que V. Ex.<sup>a</sup> gostava, durante os nossos passeios pelo Jardim da Estrela, seguidos da indulgente e sonâmbula Miss Dodds, que eu lhe explicasse as minhas descobertas de clínico incipiente — ‘acromegalia’ é uma enfermidade caracterizada particularmente pela hipertrofia das extremidades, mas que no ‘gigantismo’ passa desapercibida até que o organismo se transfigure. Ora o ‘gigantismo’ é outra doença da mesma origem da ‘acromegalia’. Assim como o ‘nanismo’ deriva da falta ou da atrofia da glândula tiroide — esse tumor elegante, que arredondado

em proporções razoáveis alteia deliciosamente os pescoços feminis; em colar de Vénus, no dizer dos estatuários gregos —, assim como, pois, o ‘nanismo’ daí resulta, o ‘gigantismo’ é a consequência da hipertrofia de uma outra glândula aninhada no cérebro, a ‘pineal’. Ao contrário da sumptuosa e decorativa ‘tiroide’, a ‘pineal’ vive oculta na sua estreita cavidade óssea, e normalmente não excede o volume de um grão-de-bico. Adorável tumor que durante meses considerei supersticiosamente como a benéfico fetiche, reunindo grande cópia de exemplares, graças à complacente cumplicidade dos meus camaradas. Poderia jurar que, no largo período das minhas investigações, nenhum cadáver autopsiado em S. José levou à cova a sua ‘pineal’: todas conservo em pequeninos frascos e todas aqui estão sobre a mesa em que lhe escrevo, fixando-me sem me ver, como íris sem pupilas embaciadas e amauróticas. É que, a mais do serviço que me prestavam, eu pensara, vagamente, em as utilizar, ensartando-as, tão depressa descobrisse meio de as endurecer por injeções de algum líquido metálico e antipútrido. Seria um precioso colar de nova espécie de coral que eu lhe destinava, querida inimiga. Quantos cuidados me não mereceu o galhardo Cipião, absorvendo-me a ponto de por bem pouco me não preterirem no prémio Alvarenga, indispensável ao meu equilíbrio financeiro! Mas embora o estudo constante da doença me tornasse a mais e mais perspicaz, embalde procurava sintoma próprio a dar-me a certeza irrefragável. Foi no ‘Leão de Oiro’, em uma noite de agosto, muito casualmente, que a certeza se me evidenciou. Entrara no restaurante em busca de um condiscípulo, quando lobiço o valente Cipião, abancado. Tomei assento, próximo, donde o pudesse observar detidamente e — ai de mim — mau grado o meu vivíssimo, insaciável apetite para quantos acepipes recheavam a lista apresentada pelo criado, limitei-me a pedir um capilé morno e a Ilustração espanhola. O herói ia no fim da lauta refeição. Parecia extenuado e subitamente, no momento em que descascava uma banana, quedou-se imóvel e adormeceu. Então, apoiando o queixo no peito, entreabriu a boca e deixou pender uma língua monstruosa, grossa, a ponto de tornar inverosímil a conjectura de que ela se reacomodaria na respetiva cavidade: dir-se-ia o saco violáceo e viscoso de um enorme choco... Do lugar onde eu me encontrava, quase me seria fácil calcular, sem erro de muitos milímetros, a curva do seu exorbitante

prognatismo — indício de ânimo voluntarioso e marcial, julgará V. Ex.<sup>a</sup> — e o diâmetro das furnas tenebrosas onde se lhe abrigavam os olhos apagados — tendência para a introspeção inteligente, no seu parecer, sem dúvida, querida inimiga. Pois bem, agora — enfeixados assim os indispensáveis sinais mórbidos — dir-lhe-ei, sem receio de equívoco, o futuro que a espera.

À medida que a minguada inteligência de Cipião se for obliterando aumentar-se-lhe-á fabulosamente o volume do crânio: afirmo-lhe que dentro de bem poucos meses, e mau grado as artes dos mais hábeis chapeleiros, nenhum dos bonés, capacetes e barretinas que hoje lhe encarecem o natural donaire do porte poderá servir-lhe. Não me faça V. Ex.<sup>a</sup> a injúria de supor que nesta parte da minha profecia vai incluída qualquer insidiosa suspeita que se relacione com a forma como V. Ex.<sup>a</sup> acatará os deveres conjugais. Sei que há de consumir o sacrifício nobremente, resignadamente. E essa resignação inabalável, consequência de um caráter incorruptível, de que sei apreciar o raro valor, não constitui a parte mínima da minha antegostada vingança... Mas, revertendo ao assunto. Não se limitará a catástrofe a devastar as linhas do alteroso cume. Poucos anos passarão sem que o nobre Cipião, arruinado, aluído, desconjuntado — tal um monumento majestoso, de frágil arquitetura, a que não valem escoras —, fique reduzido a montão informe de flácido adiposo e ossos torcidos, e completamente imbecil permanecerá, inerte e dormente, no seu leito de dor. E como seja convicção minha tratar-se aqui de um caso de gigantismo crônico — também os há agudos, provocando rapidamente a morte — a V. Ex.<sup>a</sup> reserva-se-lhe a dita de conservar a seu lado, por muitíssimos anos — e bons! — O eleito da sua alma, embora inutilizado e caquético, se alguma providencial enfermidade intercorrente, como seja a provável glicosúria, não vier limpar a superfície da terra da sua supérflua presença. Agora um capítulo em que, embora com pejo, toco por obrigação restrita, visto como logo no início da 'lua-de-mel' V. Ex.<sup>a</sup> o verás confirmado, abonando crédito e solidez ao resto da minha profecia: como todos os seus congêneres, o prestigioso Cipião, em matéria sexual, será de uma frigidez quase absoluta... Esperando, querida Helena, que os seus delicadíssimos dotes de inteligência e sensibilidade, levando-a aos prazeres da arte, da literatura ou da religião, consigam mitigar os horrores inevitáveis

à situação pouco invejável que por sorte lhe coube, despeço-me para sempre mas não sem primeiro lhe oferecer os meus serviços no consultório onde me instalei há dias, Rua dos Moinhos, 38, 1.º, esquerdo. (Consultas gratuitas das 10 às 11 da manhã.)»

Enquanto Helena lia, Cipião despertara e, após várias resoluções pesadamente esboçadas no vasto leito da cadeira, tocara a campainha e pedira café. Estava ele com a chávena cheia na mão quando a mulher, guardada a carta, se voltou, demorando-se a contemplá-lo num grande espelho fronteiro, com a expressão desesperada de quem encara na própria e irremediável desgraça. Como em acerbo pesadelo lhe acudiam à memória os anos de horrorosa sujeição àquele monstro ignóbil, e sentia encher-se-lhe o peito de ódio recalçado contra ele e contra si mesma por não ter energia bastante a libertar-se do infame cativo. E cada dia que passava para mais longe a impelia dos seus primeiros amores. Esse regresso; a sua secreta, inconfessável esperança... falaz! Quem sabe. Talvez o médico ainda a esperasse, pois que, célebre e rico, se conservava solteiro e rebelde a ligações amorosas. Não afirmara ele que no seu coração o amor nunca morria! Tornar a vê-lo, ouvi-lo outra vez, ainda abria uma clareira jubilosa no tenebroso inferno da sua vida... E no seu rosto a expressão de angústia transmudou-se quase em arroubamento de serena paz...

Consultou o relógio: era tempo de partir.

Mas quando se apoiava aos braços da poltrona para se erguer, revendo-se, de relance, no espelho, rejuvenescida, grácil e elegantíssima, Cipião levanta a chávena de café e atira-a para trás das costas de modo que o negro líquido, apanhando-a em cheio, lhe entrou pelo curto decote do corpete, esparramou-se-lhe no peito e escorreu-lhe pela saia abaixo...

Rubra de cólera, reconhecendo a impossibilidade de mudar de toilette a tempo de ouvir o médico, ela avançou, de punho fechado, ameaçadora e desvairada, para o marido — como se ele, depois de lhe adivinhar os pecaminosos pensamentos, houvesse intentado castigá-la —, bradando:

— Cipião, mas isto é infame!...

Ele então, remexendo-se lentamente na cadeira, abriu, estremunhado, os olhos baços e na sua voz cava, picada de agudas notas de falsete, replicou, tartamudeando:

— Ora esta!... Pois não sonhei que passeava na Avenida com uma capa à espanhola e quando a fui traçar, porque sentia frio, despejei o café...

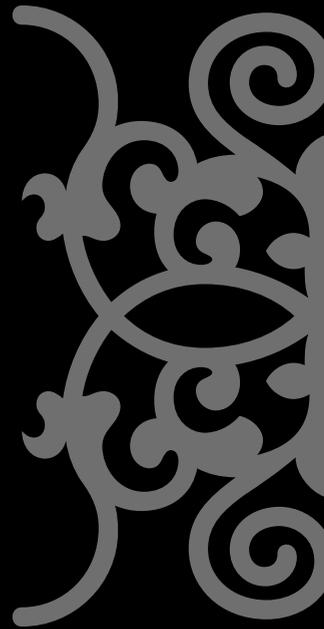
Helena sentou-se de chofre, escondeu o rosto nas mãos e encostada ao contador ficou-se a repetir vezes sem fim:

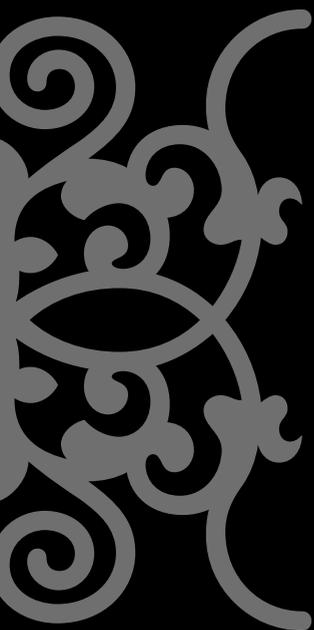
— A morte, a morte, a morte!...

Novamente adormecido, Cipião roncava...











## ÍNDICE

PREFÁCIO, <i>por</i> HELENA CARVALHÃO BUESCU .....	5
---	---

### GENTE SINGULAR

D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES DE ALJEZUR (HISTORIETA QUASE ROMÂNTICA) .....	17
JOGOS DE BOLSA .....	33
GENTE SINGULAR .....	59
ÁLBUM (CONTO GROTESCO) .....	85
SEDE DE SANGUE .....	97
POSFÁCIO .....	113
O TRISTE FIM DO MAJOR TATIBIATE (CONTO SIMBÓLICO) .....	117
PROFECIA CERTA .....	129

### NOVELAS ERÓTICAS

DEUS <i>EX MACHINA</i> .....	141
A CIGANA .....	173
MARGARETA .....	183
CORDÉLIA .....	195
? .....	201
O SÍTIO DA MULHER MORTA .....	207

### MARIA ADELAIDE

I .....	235
II .....	237
III .....	239
IV .....	241

V .....	243
VI .....	245
VII .....	247
VIII .....	249
IX .....	251
X .....	253
XI .....	255
XII .....	257
XIII .....	259
XIV .....	261
XV .....	263
XVI .....	265
XVII .....	267
XVIII .....	271
XIX .....	273
XX .....	275
XXI .....	277
XXII .....	279
XXIII .....	281
XXIV .....	285
XXV .....	287
XXVI .....	289
XXVII .....	291
XXVIII .....	297
XXIX .....	299
XXX .....	301
XXXI .....	303
XXXII .....	305
XXXIII .....	307
XXXIV .....	309
XXXV .....	311
XXXVI .....	313
XXXVII .....	315
XXXVIII .....	317
XXXIX .....	319
XL .....	321

XL I .....	323
XL II .....	325
XL III .....	327
XL IV .....	329
XL V .....	331
XL VI .....	333
XL VII .....	335
XL VIII .....	337
XL IX .....	339
L .....	341
LI .....	343
LII .....	345

#### ANA ROSA

ANA ROSA .....	351
----------------	-----



## OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.<sup>a</sup> ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.<sup>a</sup> ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.<sup>a</sup> ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.<sup>a</sup> ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.<sup>a</sup> ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.<sup>a</sup> ed., vol. I, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941].
- Londres Maravilhosa*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, comédie en trois actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.



ISSN 978-972-27-2951-2



9 789722 729512